



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.2 - **SAFRA 2014/15**
N.5 - Quinto Levantamento
Fevereiro/2015

Monitoramento Agrícola
Cultivos de Verão e de 2ª safra – **SAFRA 2014/15**



Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

Kátia Abreu

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Rubens Rodrigues dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Roberto Alves de Andrade

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Francielle do Monte Lima (Estagiária)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Patricia Mauricio Campos

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.2 - **SAFRA 2014/15**
N.5 - Quinto Levantamento
Fevereiro/2015

Monitoramento Agrícola
Cultivos de Verão – **SAFRA 2014/15**

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v.2 - Safra 2014/15, n.5 - Quinto Levantamento, Brasília, p. 1-116, fev. 2015.



Copyright © 2014 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 1.000
Impresso no Brasil

Colaboradores

Edna Matsunaga de Menezes (Geint)	Fernando Gomes da Motta (Gefip – Algodão)
Alessandro Lúcio Marques (Geint)	Leonardo Amazonas (Geole – Soja)
Elza Mary de Oliveira (Geint)	Stelito Assis dos Reis Neto (Gerab – Feijão e Trigo)
Ligia Fernandes Franco Rocha (Geint)	Thomé Luiz Freire Guth (Geole – Milho)
Luciene de Souza Ribeiro (Geint)	Wellington Silva Teixeira (Gerab – Arroz)
Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)	André Luiz Farias de Souza (Assessor DIPAI)
Rogério Dias Coimbra (Geint)	Mozar de Araújo Salvador (INMET)

Colaboradores das Superintendências

Bruno Milhomem **(AC)**; Genival Barros, Paulo Oliveira, Alberthson Houly, Ilio Fonseca **(AL)**; Armando Viana, Daysilene Batista, Iriseli Onofre, José Oliveira, José Bitencourt **(AM)**; Ednabel Lima, Gerson Santos, Jair Ferreira, Marcelo Ribeiro, Telma Silva **(BA)**; Elibernon Alves, Fábio Ferraz, Gilson Lima, Luciano Gomes **(CE)**; José Negreiros **(DF)**; Kerley Souza **(ES)**; Adayr Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Luíz Golveia, Rogério Barbosa, Ronaldo Campos **(GO)**; Humberto Souza Filho, Luiz Costa Filho, Leidyenne Araújo **(MA)**; Eugênio Carvalho, João Lopes, José Oliveira, Patrícia Sales, Pedro Soares, Sérgio Starling, Telma Silva, Terezinha Figueiredo, Warlen Maldonado **(MG)**; Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Fernando Coelho, Márcio Arraes **(MS)**; Sizenando Santos, Francielle Guedes, Jacir Silva, Marly Silva, Petronio Sobrinho **(MT)**; Alexandre Cidon, Rogério Neves, Moacir Rocha **(PA)**; Carlos Meira, Juarez Nóbrega **(PB)**; Agnelo Souza, Evandra Webber, José Bosqui, Rosimeire Lauretto **(PR)**; Francisco Souza, José Silva, José Nascimento, José Silva **(PI)**; Clóvis Ferreira Filho, José Souza, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva **(PE)**; Cláudio Figueiredo, Luciana Oliveira, Olavo Godoy Neto **(RJ)**; Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira **(RN)**; João Kasper, Anderson Gomes **(RO)**; Irisele Onofre, Fábio Magalhães, Maria Almeida **(RR)**; Jaira Testa, Carlos Bestetti, Ernesto Irgang, Carlos Farias, Alexandre Pinto **(RS)**; César Rubin, Dionízio Bach, Edilson Macedo, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra **(SC)**; Fausto Almeida **(SE)**; Antônio Farias, Celmo Monteiro, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli **(SP)**; Jorge Carvalho, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha **(TO)**.

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Gustavo Felipe, Marília Yamashita e Núbia de Castro

Fotos

Arquivo Geosafra/ Conab, Clauduardo Abade, Maurício Pinheiro, Roberto Alves de Andrade

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Adelina Maria Rodrigues – CRB-1/1739, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catlogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

1. Resumo executivo – 5º levantamento – Safra 2014/15.....	4
2. Introdução.....	5
3. Estimativa da área plantada	6
4. Estimativa de produtividade.....	8
5. Estimativa da produção	9
6. Crédito rural.....	13
7. Câmbio.....	14
8. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo.....	15
9. Monitoramento agrícola: culturas de verão e de segunda safra (safra 2014/15) - janeiro de 2015.....	17
9.1. Condições meteorológicas recentes.....	17
9.2. Prognóstico climático para FMA/2015.....	18
9.3. Monitoramento agrometeorológico.....	19
9.4. Monitoramento espectral.....	20
9.4.1. Norte Mato-Grossense.....	21
9.4.2. Sudeste Mato-Grossense.....	22
9.4.3. Noroeste Rio-Grandense.....	23
9.4.4. Sul Goiano.....	25
9.4.5. Leste Goiano.....	26
9.4.6. Sudoeste do Mato Grosso do Sul.....	28
9.4.7. Oeste Paranaense.....	29
9.4.8. Norte Central Paranaense.....	31
9.4.9. Oeste Baiano.....	32
9.4.10. Sudoeste Piauiense.....	33
9.4.11. Sul Maranhense.....	35
9.4.12. Oriental do Tocantins.....	36
9.4.13. Triângulo Mineiro.....	37
10. Análise das culturas.....	39
10.1. Culturas de verão.....	39
10.1.1. Algodão.....	39
10.1.1.1. Oferta e demanda.....	44
10.1.2. Amendoim.....	47
10.1.2.1. Amendoim primeira safra.....	47
10.1.2.2. Amendoim segunda safra.....	50
10.1.2.3. Amendoim total.....	52
10.1.3. Arroz.....	53
10.1.3.1. Oferta e demanda.....	58
10.1.4. Feijão.....	59
10.1.4.1. Feijão primeira safra.....	59
10.1.4.2. Feijão segunda safra.....	64

10.1.4.3. Feijão terceira safra.....	66
10.1.4.4. Feijão total.....	67
10.1.4.5. Oferta e demanda.....	68
10.1.5. Girassol.....	69
10.1.6. Mamona.....	71
10.1.7. Milho.....	72
10.1.7.1. Milho primeira safra.....	72
10.1.7.2. Milho segunda safra.....	77
10.1.7.3. Milho total.....	80
10.1.7.4. Oferta e demanda.....	81
10.1.8. Soja.....	86
10.1.8.1. Oferta e demanda.....	91
10.1.9. Sorgo.....	95
10.2. Culturas de inverno.....	97
10.2.1. Aveia.....	97
10.2.2. Canola.....	98
10.2.3. Centeio.....	99
10.2.4. Cevada.....	100
10.2.5. Trigo.....	101
10.2.5.1. Oferta e demanda.....	102
10.2.6. Triticale.....	104
11. Balanço de oferta e demanda.....	106
12. Anexos.....	107

1. Resumo executivo – 5º Levantamento – Safra 2014/15

Grãos: a produção da safra 2014/15 estimada em 200,08 milhões de toneladas. A área utilizada para o plantio será de 57,39 milhões de hectares.

Arroz: as lavouras estão em boas condições e o estágio predominante é o de floração e frutificação. Colheita iniciada.

Algodão: estima-se a redução de área no plantio, principalmente em razão da redução de consumo, preços praticados e excesso de estoque no mercado interno e externo. A segunda safra está sendo plantada e a cultura encontra-se na fase de desenvolvimento vegetativo e em boas condições.

Feijão primeira safra: cultura em fase de colheita, com redução de produtividade em Goiás e Distrito Federal em função de déficit hídrico.

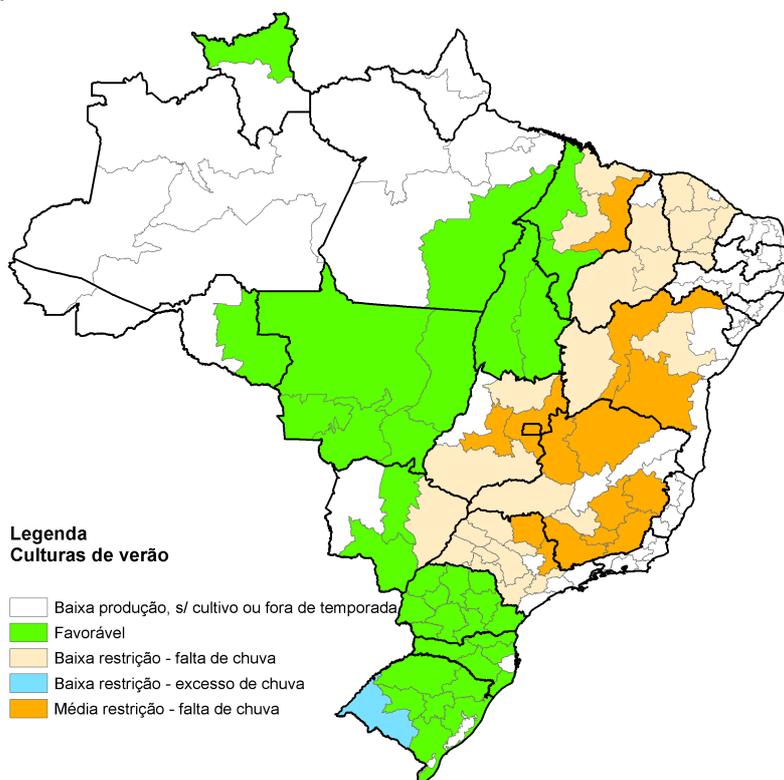
Feijão segunda safra: plantio iniciado, com possível redução de área.

Milho primeira safra: colheita iniciada, com perspectiva de aumento de produtividade na Região Sul. Redução de produtividade em relação ao quarto levantamento em Minas Gerais, além de parte do Goiás e São Paulo em função da restrição hídrica. Em relação a safra passada há recuperação de produtividade.

Milho segunda safra: plantio iniciado, com expectativa de redução na área plantada.

Soja: colheita iniciada. Problemas climáticos reduziram a expectativa de produtividade no Sudeste, parte do Centro-Oeste e no MATOPIBA, em comparação ao quarto levantamento. A produtividade é ainda superior à safra passada, que foi prejudicada por estiagens em importantes estados produtores.

Figura 1 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

2. Introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos e de outras lavouras. Seu principal objetivo é oferecer informações de qualidade para formulação e gestão das políticas agrícolas, de abastecimento e da segurança alimentar e nutricional, além de ser fundamental para diversos agentes econômicos no processo de tomada de decisão dos seus investimentos.

Neste mês, a Companhia divulga o quinto levantamento da safra 2014/15, onde indica o desenvolvimento e o início da colheita das culturas de primeira safra (algodão, arroz, feijão, mamona, milho e soja) e o plantio e desenvolvimento das culturas de segunda safra (amendoim, feijão e milho)

Nesse levantamento foram coletadas informações de área plantada, desenvolvimento fenológico, pacote tecnológico utilizado pelos produtores e condições climáticas para as culturas de primeira e segunda safras. Essas informações são provenientes da colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, de Secretarias de Agricultura e órgãos de Assistência Técnica e Extensão Rural (oficiais e privados), agentes financeiros de mercado e de insumos que têm subsidiado os técnicos desta Companhia nos levantamentos.

O trabalho de avaliação de safras se enquadra nas recomendações de diversas instituições internacionais no que concerne à criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e seguras, bem como na busca de uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a manter a uniformidade e a transparência nas suas estatísticas de produção.

A Conab utiliza metodologias que envolvem trabalhos de campo, tecnologias relacionadas ao sensoriamento remoto, posicionamento por satélites, sistemas de informações geográficas e modelos estatísticos, agrometeorológicos e espectrais, que são aplicados nas estimativas de área e produtividade.

Na busca constante da melhoria da qualidade das informações da safra agrícola, a Companhia utiliza-se de metodologia estatística baseada em séries temporais, para estimar a produtividade das culturas de segunda safra. Esse procedimento será adotado até o momento em que as informações de produtividade forem apuradas nos trabalhos de campo e no monitoramento agrometeorológico e espectral, de acordo com o desenvolvimento fenológico das culturas.

Vale destacar também que o presente boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola desenvolvido no âmbito desta Companhia, segundo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do IBGE e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos que, direta ou indiretamente, participaram da realização deste trabalho.

3. Estimativa da área plantada (57,39 milhões de hectares)

Na safra 2014/15, a área cultivada com grãos (algodão, amendoim, arroz, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), estimada em 57,39 milhões de hectares, é 0,6% superior à cultivada na safra 2013/14. Em termos absolutos, corresponde a uma expansão de 359,9 mil hectares (Tabela 1).

As culturas de primeira safra de verão (algodão, amendoim, arroz, feijão, milho e soja), na Região Centro-Sul está com o plantio concluído e as de segunda safra (algodão, amendoim, feijão e milho) em fase inicial, que será finalizada em março do presente exercício. O plantio na Região Norte/Nordeste tem início em janeiro e conclusão em junho, à exceção dos estados de Rondônia, Tocantins, sul do Piauí, sul do Maranhão e oeste da Bahia, cujos plantios ocorrem entre novembro e janeiro.

Neste levantamento, o quinto da safra 2014/15, as culturas mamona, soja e o sorgo apresentam acréscimos na área de cultivo. A soja aumentou 4,4% (1,33 milhão de hectares), a mamona, 35,7% (36,2 mil hectares) e o sorgo, 2,7% (20 mil hectares). As demais tiveram redução: algodão, menos 11,2% (125,8 mil hectares); amendoim, menos 11,8% (11,1 mil hectares); arroz, menos 1,9% (44 mil hectares); feijão, menos 9,9% (116,5 mil hectares); girassol, 6,9% (10 mil hectares); e milho, menos 6,5% (433,1 mil hectares). As culturas de segunda safra e da Região Norte/Nordeste estão em processo de plantio, portanto, as áreas de cultivo ainda estão indefinidas.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jan/2015 (b)	Fev/2015 (c)		
ALGODÃO	1.121,6	995,7	995,8	(11,2)	(125,8)
AMENDOIM TOTAL	105,3	104,8	95,9	(8,9)	(9,4)
AMENDOIM 1ª SAFRA	94,2	92,0	83,1	(11,8)	(11,1)
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,1	12,8	12,8	15,3	1,7
ARROZ	2.372,9	2.353,9	2.328,9	(1,9)	(44,0)
FEIJÃO TOTAL	3.365,9	3.197,1	3.188,5	(5,3)	(177,4)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.179,9	1.075,6	1.063,4	(9,9)	(116,5)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.506,7	1.442,2	1.445,8	(4,0)	(60,9)
FEIJÃO 3ª SAFRA	679,3	679,3	679,3	-	-
GIRASSOL	145,7	145,7	135,7	(6,9)	(10,0)
MAMONA	101,3	137,6	137,5	35,7	36,2
MILHO TOTAL	15.829,2	15.361,1	15.165,8	(4,2)	(663,4)
MILHO 1ª SAFRA	6.618,0	6.178,4	6.184,9	(6,5)	(433,1)
MILHO 2ª SAFRA	9.211,2	9.182,7	8.980,9	(2,5)	(230,3)
SOJA	30.173,1	31.621,8	31.506,8	4,4	1.333,7
SORGO	731,0	751,0	751,0	2,7	20,0
SUBTOTAL	53.946,0	54.668,7	54.305,9	0,7	359,9
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2014 (a)	2015		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		Jan/2015 (b)	Fev/2015 (c)		
AVEIA	153,2	153,2	153,2	-	-
CANOLA	44,7	44,7	44,7	-	-
CENTEIO	1,8	1,8	1,8	-	-
CEVADA	117,2	117,2	117,2	-	-
TRIGO	2.730,4	2.730,4	2.730,4	-	-
TRITICALE	39,1	39,1	39,1	-	-
SUBTOTAL	3.086,4	3.086,4	3.086,4	-	-
BRASIL	57.032,4	57.755,1	57.392,3	0,6	359,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

4. Estimativa de produtividade

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

PRODUTO	SAFRAS		VARIÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.381	2.387	0,3	6,0
ALGODÃO EM PLUMA	1.546	1.549	0,2	3,0
AMENDOIM TOTAL	2.998	3.007	0,3	8,8
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.095	3.115	0,6	20,1
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.179	2.307	5,9	128,4
ARROZ	5.108	5.213	2,0	104,4
FEIJÃO TOTAL	1.026	1.042	1,6	16,0
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.067	1.046	(1,9)	(20,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	884	925	4,7	41,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.271	1.284	1,0	13,3
GIRASSOL	1.597	1.532	(4,0)	(64,4)
MAMONA	441	325	(26,3)	(116,2)
MILHO TOTAL	5.057	5.169	2,2	112,1
MILHO 1ª SAFRA	4.783	4.871	1,8	87,8
MILHO 2ª SAFRA	5.254	5.375	2,3	120,7
SOJA	2.854	3.002	5,2	147,6
SORGO	2.587	2.682	3,7	94,7
SUBTOTAL	3.465	3.562	2,8	97,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS		VARIÇÃO	
	2014 (a)	2015 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
AVEIA	2.001	2.001	-	-
CANOLA	812	812	-	-
CENTEIO	1.944	1.944	-	-
CEVADA	2.606	2.606	-	-
TRIGO	2.162	2.162	-	-
TRITICALE	2.450	2.450	-	-
SUBTOTAL	2.155	2.155	-	-
BRASIL ⁽²⁾	3.394	3.486	2,7	92,0

Legenda: ⁽¹⁾ Produtividade de caroço de algodão; ⁽²⁾ Exclui a produtividade de algodão em pluma

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

5. Estimativa de produção (200,08 milhões de toneladas)

A produção atualmente estimada em 200,08 milhões de toneladas é 3,4% superior à obtida na safra 2013/14, quando atingiu 193,55 milhões de toneladas (Tabela 2). Esse resultado representa um aumento de 6,53 milhões de toneladas. Tal incremento se deve, principalmente, ao acréscimo de 9,8% (8,46 milhões de toneladas) na produção da soja.

Nas culturas de verão de primeira safra, à exceção do feijão que está em fase final de colheita no Paraná, e com cerca de 35% em Minas Gerais, predomina os estágios de floração, frutificação e início de colheita, no caso do milho e da soja, portanto, a previsão da produção é passível de alterações, pois depende das condições climáticas e do plantio das culturas de segunda e terceira safras.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jan/2015 (b)	Fev/2015 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.670,6	2.376,9	2.377,3	(11,0)	(293,3)
ALGODÃO - PLUMA	1.734,0	1.542,7	1.542,9	(11,0)	(191,1)
AMENDOIM TOTAL	315,8	318,6	288,4	(8,7)	(27,4)
AMENDOIM 1ª SAFRA	291,6	289,0	258,8	(11,2)	(32,8)
AMENDOIM 2ª SAFRA	24,2	29,6	29,6	22,3	5,4
ARROZ	12.121,6	12.197,8	12.140,2	0,2	18,6
FEIJÃO TOTAL	3.453,8	3.338,4	3.322,9	(3,8)	(130,9)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.258,7	1.135,7	1.112,4	(11,6)	(146,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.331,9	1.330,0	1.337,8	0,4	5,9
FEIJÃO 3ª SAFRA	863,4	872,4	872,4	1,0	9,0
GIRASSOL	232,7	208,2	207,9	(10,7)	(24,8)
MAMONA	44,7	107,2	106,7	138,7	62,0
MILHO TOTAL	80.052,0	79.051,7	78.397,3	(2,1)	(1.654,7)
MILHO 1ª SAFRA	31.652,9	29.640,8	30.124,3	(4,8)	(1.528,6)
MILHO 2ª SAFRA	48.399,1	49.410,8	48.273,1	(0,3)	(126,0)
SOJA	86.120,8	95.919,8	94.577,2	9,8	8.456,4
SORGO	1.891,2	2.014,1	2.013,9	6,5	122,7
SUBTOTAL	186.903,4	195.532,3	193.431,6	3,5	6.528,2
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2014 (a)	2015		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jan/2015 (b)	Fev/2015 (c)		
AVEIA	306,5	306,5	306,5	-	-
CANOLA	36,3	36,3	36,3	-	-
CENTEIO	3,5	3,5	3,5	-	-
CEVADA	305,4	305,4	305,4	-	-
TRIGO	5.903,9	5.903,9	5.903,9	-	-
TRITICALE	95,8	95,8	95,8	-	-
SUBTOTAL	6.651,4	6.651,4	6.651,4	-	-
BRASIL ⁽²⁾	193.554,8	202.183,7	200.083,0	3,4	6.528,2

Legenda: ⁽¹⁾ Produção de caroço de algodão; ⁽²⁾ Exclui a produção de algodão em pluma
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

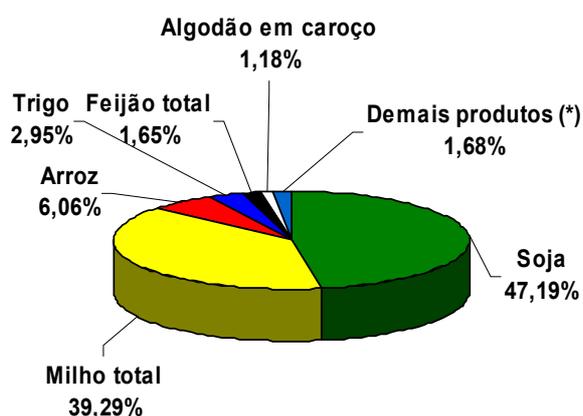
Das culturas de verão de primeira safra, (algodão, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho e soja), cujos plantios são concluídos em dezembro, apenas as culturas do arroz, mamona, soja e sorgo registram crescimento de produção sobre a obtida em 2013/14.

Para a soja, estima-se uma produção de 94,58 milhões de toneladas, 9,8% superior às 86,12 milhões de toneladas colhidas em 2013/14. Há ainda a expectativa de que a produção de arroz tenha um crescimento de 0,2%, passando de 12,12 milhões de toneladas para 12,14 milhões na atual safra. Para a mamona, o crescimento esperado é de 138,7%, passando de 44,7 mil toneladas para 106,7 mil toneladas na atual safra.

Para o algodão, prevê-se redução de 11% na produção, e para o feijão primeira safra, redução de 11,6%. Quanto às culturas de segunda e terceira safras, os plantios se iniciam a partir de janeiro/2015, finalizando em junho, assim como ocorre no nordeste da Bahia, em Sergipe, Alagoas e agreste de Pernambuco.

Alterações na produtividade poderão ocorrer ao longo do desenvolvimento das culturas, em função das condições climáticas e fitossanitárias que se apresentarem.

Gráfico 1 – Produção total de grãos por cultura

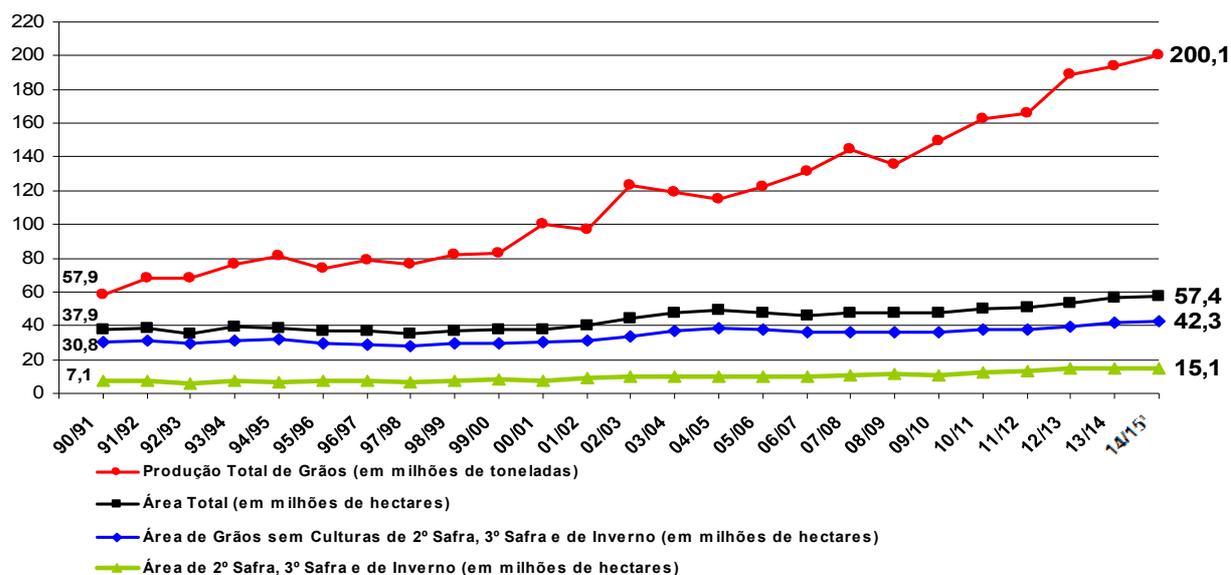


Legenda: (*) Amendoim total, girassol, mamona, sorgo, aveia, canola, centeio e cevada e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

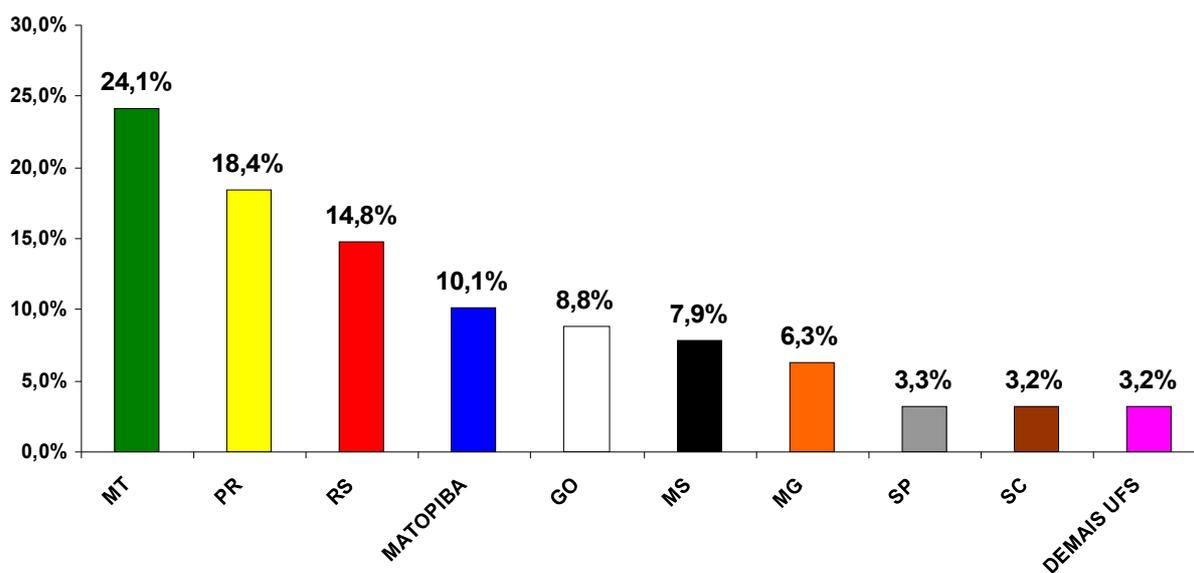
Gráfico 2 – Evolução da área e produção



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

Gráfico 3 – Produção total por Unidade da Federação



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Grãos (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	2.127,3	2.220,7	4,4	2.967	3.034	2,3	6.310,7	6.736,9	6,8
RR	39,5	42,0	6,3	3.600	3.676	2,1	142,2	154,4	8,6
RO	421,9	438,2	3,9	2.900	2.976	2,6	1.223,7	1.304,3	6,6
AC	64,3	60,7	(5,6)	1.926	1.975	2,6	123,8	119,9	(3,2)
AM	19,7	19,7	-	2.132	2.173	1,9	42,0	42,8	1,9
AP	5,5	5,1	(7,3)	1.018	1.059	4,0	5,6	5,4	(3,6)
PA	515,1	529,3	2,8	2.750	2.782	1,2	1.416,5	1.472,6	4,0
TO	1.061,3	1.125,7	6,1	3.163	3.231	2,2	3.356,9	3.637,5	8,4
NORDESTE	8.287,3	8.506,9	2,6	2.027	2.199	8,5	16.800,7	18.709,6	11,4
MA	1.769,1	1.767,5	(0,1)	2.431	2.556	5,2	4.300,6	4.518,1	5,1
PI	1.388,1	1.433,0	3,2	2.001	2.253	12,6	2.777,3	3.228,9	16,3
CE	921,5	921,5	-	621	665	7,0	572,6	612,4	7,0
RN	69,0	69,0	-	555	490	(11,7)	38,3	33,8	(11,7)
PB	155,3	155,3	-	374	394	5,4	58,1	61,2	5,3
PE	482,0	482,0	-	392	386	(1,5)	188,9	186,2	(1,4)
AL	81,2	81,2	-	828	847	2,3	67,2	68,8	2,4
SE	266,5	266,5	-	4.216	4.221	0,1	1.123,5	1.125,0	0,1
BA	3.154,6	3.330,9	5,6	2.433	2.665	9,5	7.674,2	8.875,2	15,6
CENTRO-OESTE	22.069,7	22.212,7	0,6	3.704	3.724	0,5	81.742,9	82.717,3	1,2
MT	13.323,0	13.337,8	0,1	3.580	3.622	1,2	47.702,5	48.307,4	1,3
MS	3.797,0	3.962,1	4,3	3.850	3.969	3,1	14.617,0	15.726,8	7,6
GO	4.763,0	4.726,1	(0,8)	3.841	3.730	(2,9)	18.293,4	17.629,6	(3,6)
DF	186,7	186,7	-	6.052	5.643	(6,8)	1.130,0	1.053,5	(6,8)
SUDESTE	5.090,4	5.048,2	(0,8)	3.522	3.788	7,6	17.929,4	19.120,3	6,6
MG	3.244,0	3.216,9	(0,8)	3.596	3.897	8,4	11.664,9	12.537,6	7,5
ES	38,1	34,6	(9,2)	1.945	1.908	(1,9)	74,1	66,0	(10,9)
RJ	8,0	7,0	(12,5)	1.988	1.943	(2,3)	15,9	13,6	(14,5)
SP	1.800,3	1.789,7	(0,6)	3.430	3.634	5,9	6.174,5	6.503,1	5,3
SUL	19.457,7	19.403,8	(0,3)	3.637	3.752	3,2	70.771,1	72.799,0	2,9
PR	9.616,0	9.545,6	(0,7)	3.694	3.863	4,6	35.525,0	36.879,1	3,8
SC	1.326,5	1.295,7	(2,3)	4.952	4.903	(1,0)	6.568,2	6.352,6	(3,3)
RS	8.515,2	8.562,5	0,6	3.368	3.453	2,5	28.677,9	29.567,3	3,1
NORTE/NORDESTE	10.414,6	10.727,6	3,0	2.219	2.372	6,9	23.111,4	25.446,5	10,1
CENTRO-SUL	46.617,8	46.664,7	0,1	3.656	3.742	2,4	170.443,4	174.636,6	2,5
BRASIL	57.032,4	57.392,3	0,6	3.394	3.486	2,7	193.554,8	200.083,1	3,4

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale

Fonte: Conab.

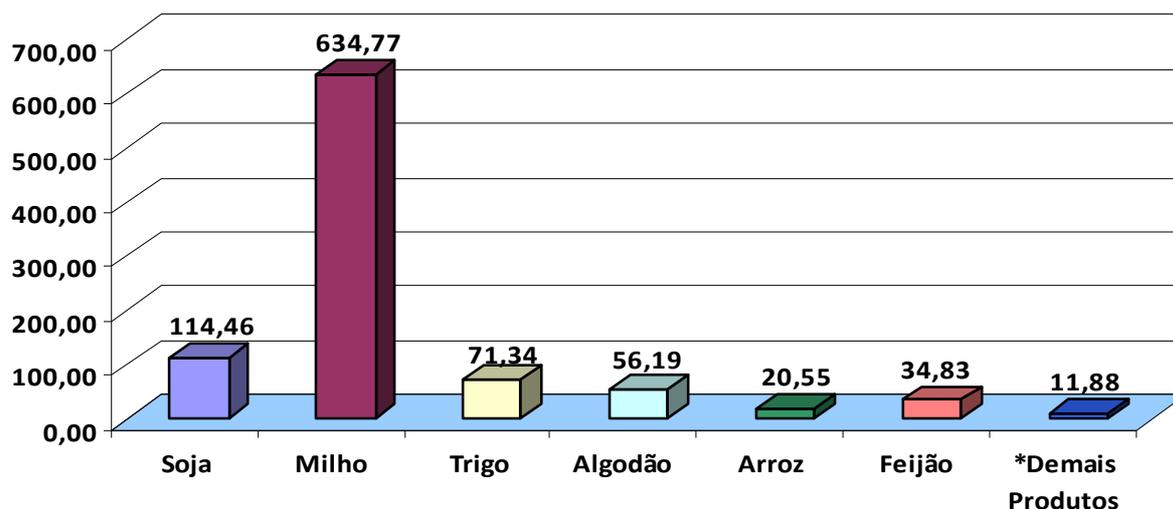
Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

6. Crédito rural

O crédito é uma variável fundamental no processo produtivo e a sua origem pode, em parte, explicar a conjuntura agrícola e os seus reflexos na comercialização agropecuária, no abastecimento e na segurança alimentar e nutricional.

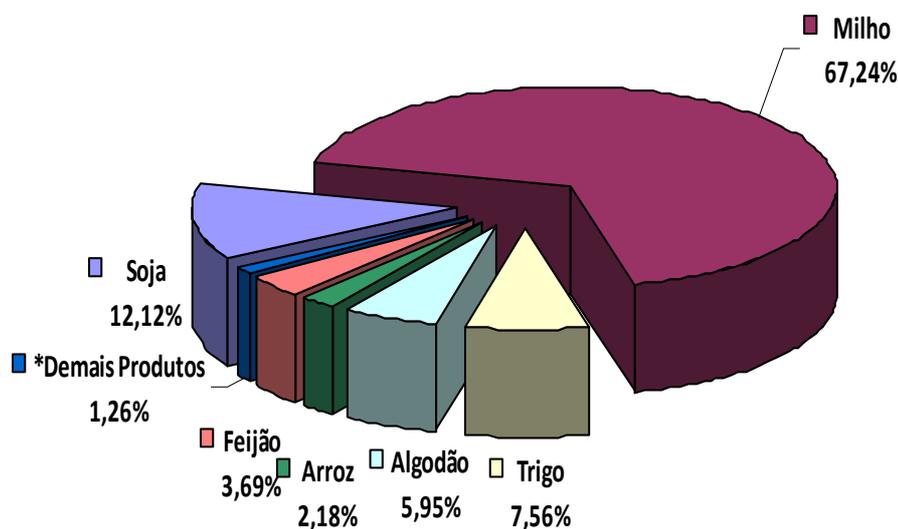
Pode-se observar que a soja, o milho, o trigo, o algodão e o arroz se destacam como culturas que absorveram a maior parte dos créditos disponibilizados pelas instituições financeiras.

Gráfico 4 – Distribuição dos recursos de custeio de lavoura a produtores e cooperativas – Grãos



Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor).

Gráfico 5 – Distribuição dos recursos de custeio de lavoura a produtores e cooperativas – Grãos

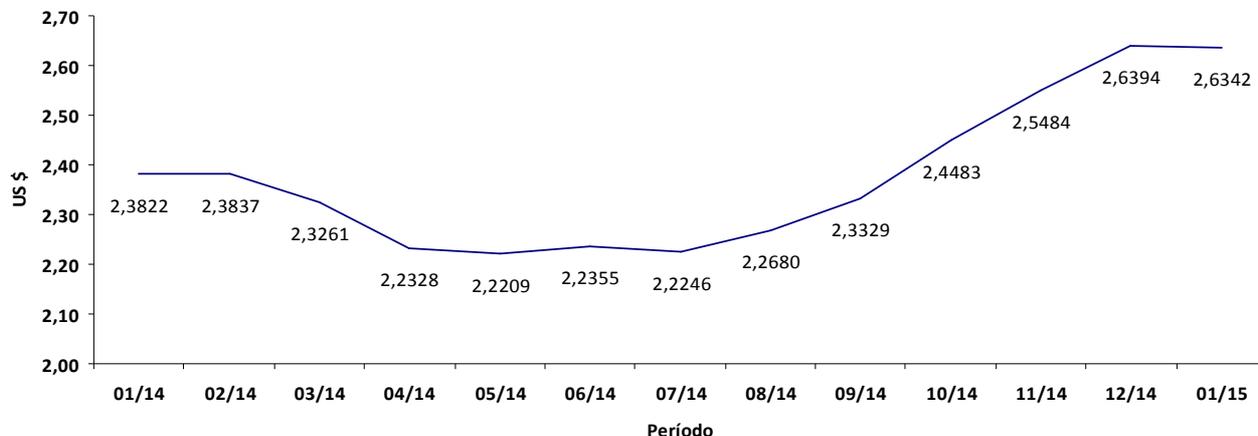


Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor).

7. Câmbio

O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de venda do dólar americano no período de dezembro de 2013 a dezembro de 2014.

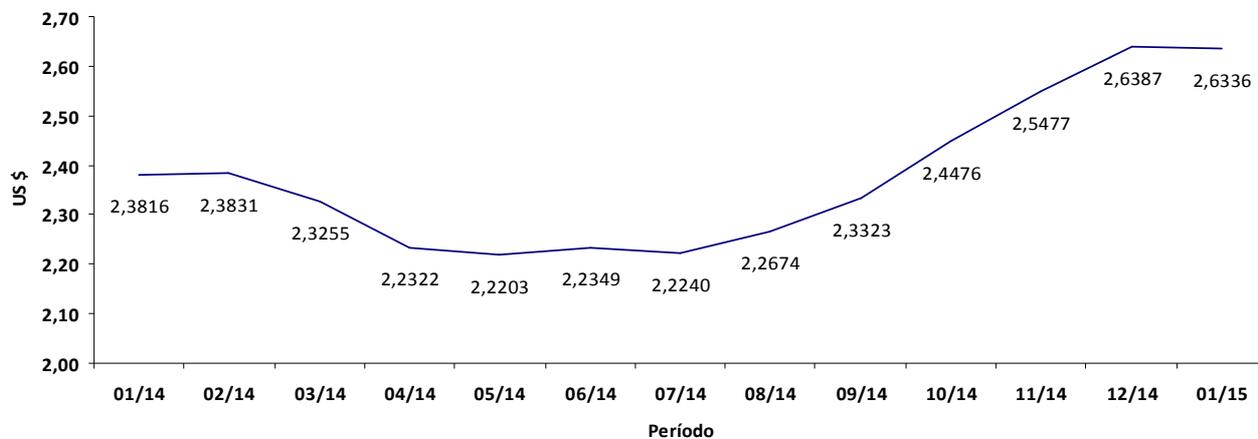
Gráfico 6 – Câmbio dólar – Venda



Fonte: Banco Central do Brasil.

Nota: Período de dezembro/2013 a dezembro/2014.

Gráfico 7 – Câmbio dólar – Compra



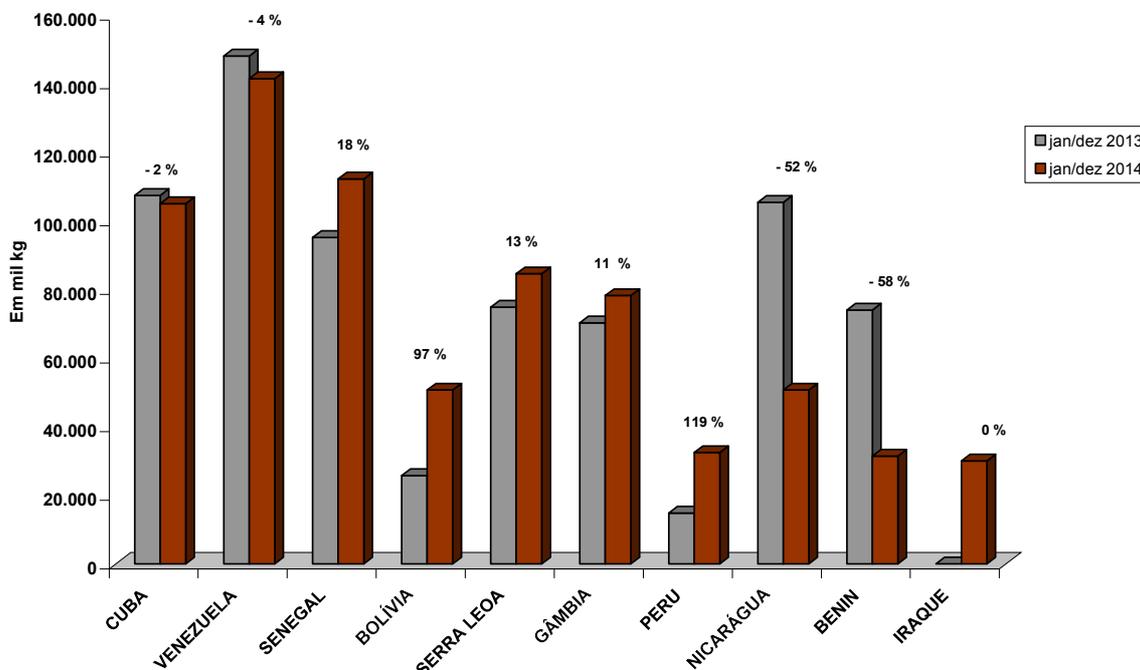
Fonte: Banco Central do Brasil.

Nota: Período de dezembro/2013 a dezembro/2014.

8. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo

As exportações de milho e do complexo de soja fazem parte do processo de análise dos produtores na tomada de decisão para o plantio. Segue, para conhecimento, informações a respeito das exportações e importações brasileiras.

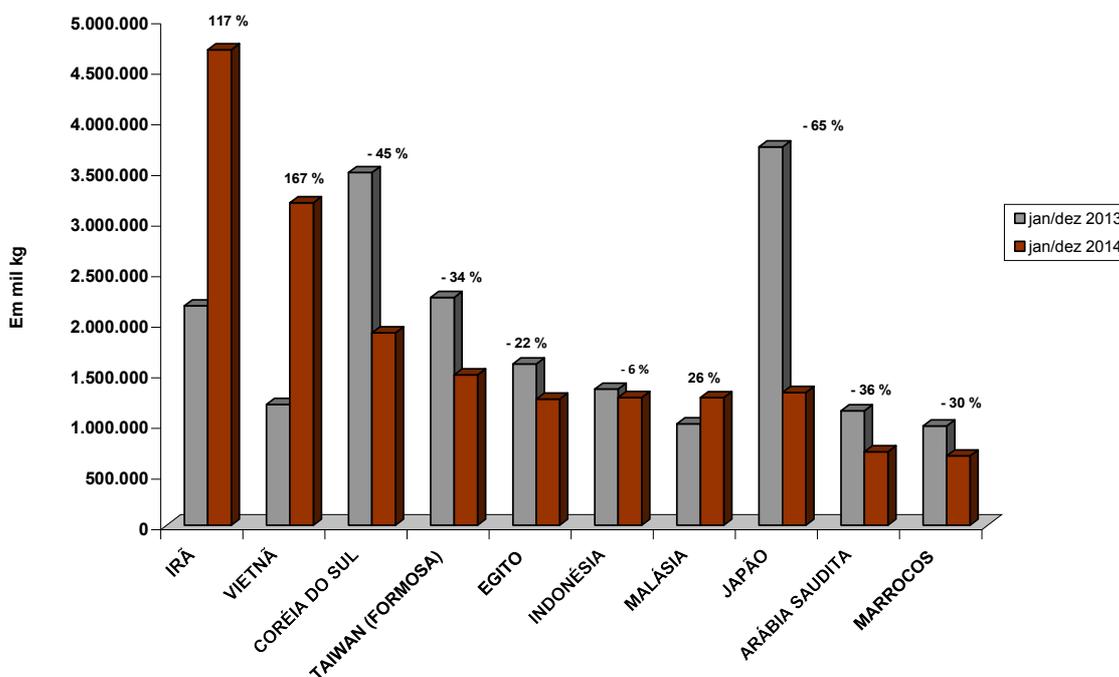
Gráfico 8 – Exportação brasileira de arroz – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

Elaboração: MAPA/SRI/DPI.

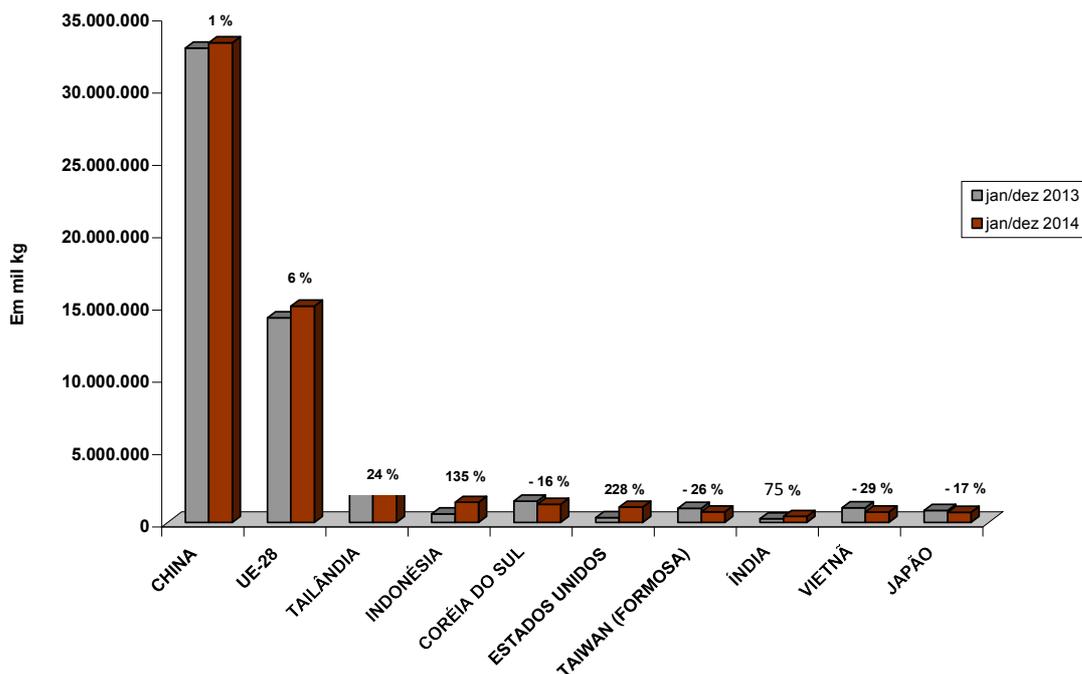
Gráfico 9 – Exportação brasileira de milho – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

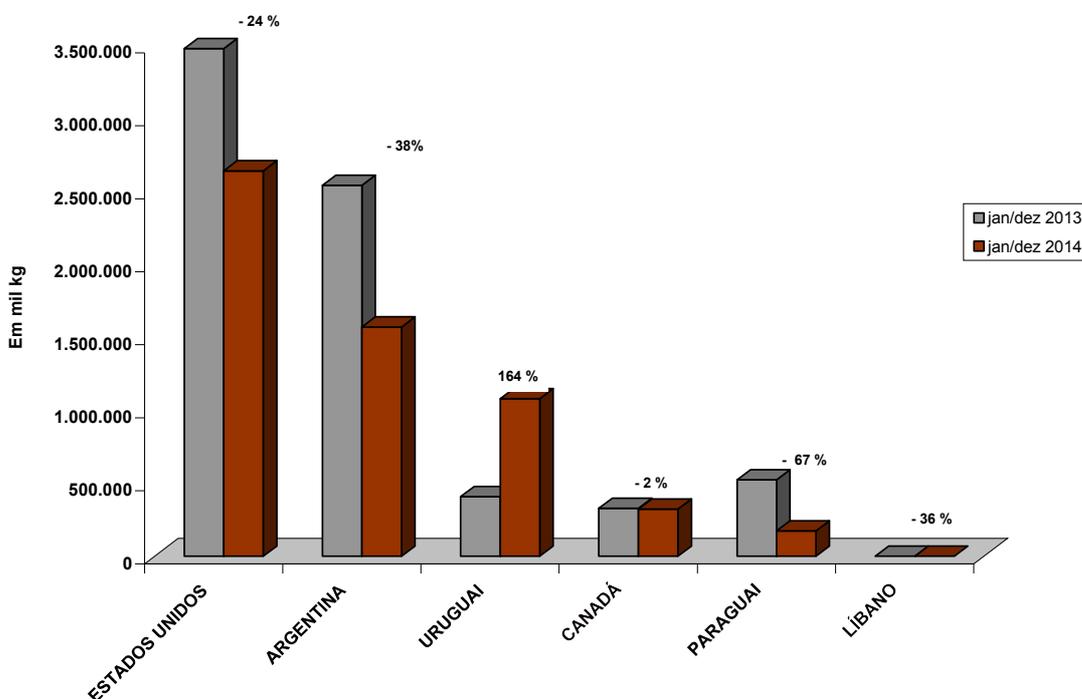
Elaboração: MAPA/SRI/DPI.

Gráfico 10 – Exportação brasileira do complexo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.
Elaboração: MAPA/SRI/DPI.

Gráfico 11 – Importação brasileira de trigo – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.
Elaboração: MAPA/SRI/DPI.

9. Monitoramento agrícola: culturas de verão e de segunda safra (safra 2014/15) – janeiro de 2015

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola (BMA) (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agronômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas através de monitoramentos complementares: agrometeorológico e espectral, e os resultados são apresentados nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, dos capítulos referentes à análise das culturas (boletins de acompanhamento de safra) e às condições hídricas gerais (BMA). Os recursos técnicos utilizados têm origem em três fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)¹ das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; e c) dados de campo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção na última quinzena. As culturas monitoradas foram as seguintes: culturas de verão (algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, milho primeira safra e soja) e culturas de segunda safra (amendoim segunda safra, feijão segunda safra e milho segunda safra) – safra 2014/15.

9.1. Condições meteorológicas recentes²

O mês de janeiro de 2015 foi marcado por um veranico em grande parte das regiões produtoras do Brasil, principalmente nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, com duração entre 15 e 20 dias, resultando em temperaturas elevadas que ultrapassaram em mais de 4°C a média da temperatura máxima do mês e um acumulado mensal de precipitação bem abaixo, com desvios negativos da ordem de mais de 100 mm (Figuras 2a e 2b). Na localidade de Formoso, no noroeste de Minas Gerais, por exemplo, possui uma média histórica de 16 dias de chuva significativa (≥ 1 mm) e um acumulado médio de 194,1 mm de precipitação. Contudo, ocorreram apenas cinco dias de chuva e o acumulado em 2015 foi de apenas 70 mm, sendo 62 mm em dois dias. Contudo, os desvios negativos de precipitação não indicam, necessariamente, que toda a região central do Brasil esteve sob forte restrição hídrica em janeiro, pois, em várias áreas – principalmente no Centro-Oeste e MATOPIBA – os volumes acumulados ultrapassaram 150 mm, compensando, ainda que parcialmente, o déficit causado pelo veranico no início do mês (Figura 3).

Diferentemente da maior parte do país, a Região Sul registrou mais de 15 dias com chuva e desvios de precipitação pluviométrica acima da média no primeiro mês do ano na maioria das estações meteorológicas do INMET. Em Bagé, no centro-sul do Rio Grande do Sul, foram cerca de 18 dias com chuva significativa e uma precipitação acumulada de 210 mm, 50 mm acima da média histórica de janeiro. Na figura 3, observam-se os maiores volumes acumulados na faixa de oeste da região, com totais entre 200 mm e 300 mm.

1 Índice que retrata as condições atuais da vegetação, integrando os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota técnica ao final do BMA).

2 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

Figura 2 – Desvio de temperatura máxima (a) e de precipitação acumulada no mês de janeiro

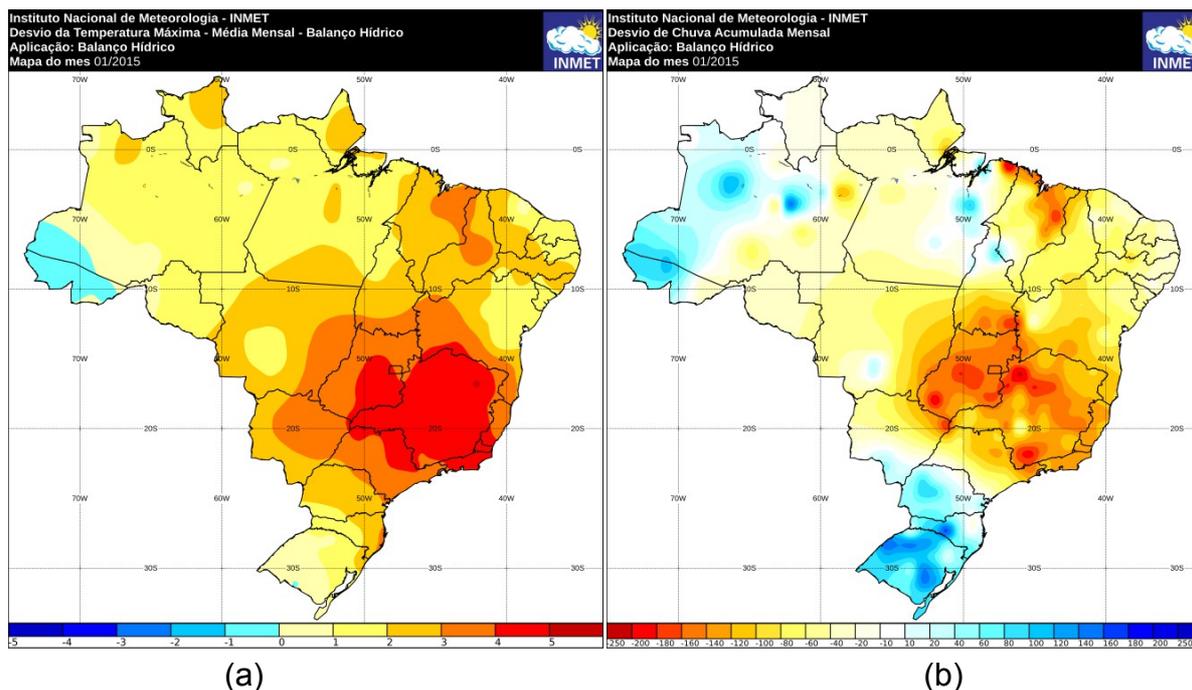
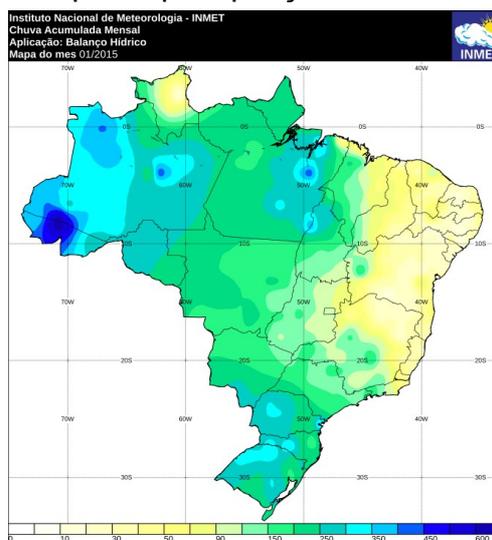


Figura 3 – Mapa de precipitação acumulada em janeiro



9.2. Prognóstico climático para FMA/2015²

Para o norte das regiões Norte e Nordeste, os prognósticos climáticos, de maneira geral, indicam maior probabilidade de que a precipitação acumulada do trimestre deve ficar dentro da faixa normal ou abaixo. Na Região do MATOPIBA há uma maior probabilidade de que o acumulado fique dentro da faixa normal ou acima na maioria das localidades.

Segundo o prognóstico por consenso elaborado pelo Grupo de Trabalho em Previsão Climática Sazonal do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (GTPCS/MCTI), a Região Sul deve ficar com precipitação acumulada acima ou dentro da faixa normal do trimestre fevereiro, março e abril. Contudo, o mês de fevereiro deve

² Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

apresentar maior irregularidade e menores volumes quando comparado com o mês de janeiro.

As Regiões Centro-Oeste e Sudeste em geral apresentam baixa previsibilidade na maioria dos modelos climáticos e os seus resultados, quando existem, são muito divergentes.

9.3. Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos) e no impacto que o clima pode estar causando nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura, e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais de baixa intensidade;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. O resultado desse monitoramento é apresentado no capítulo referente à análise das culturas.

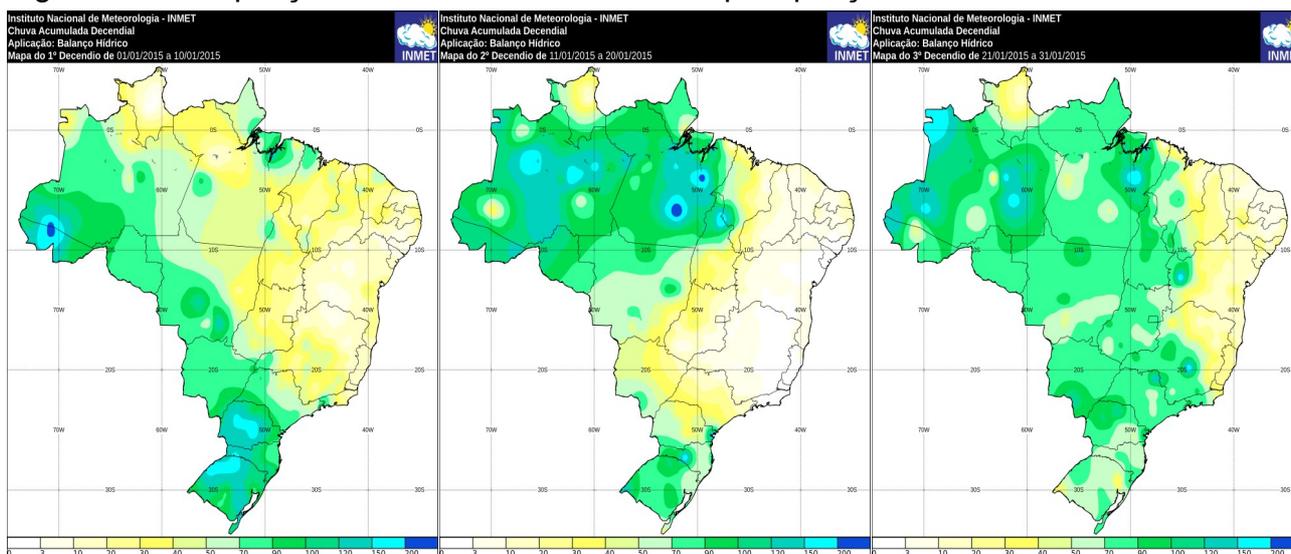
A precipitação abaixo da média e a ocorrência de altas temperaturas em janeiro impactaram parte das regiões produtoras de grãos. No oeste da Bahia e sudoeste do Piauí, regiões pertencentes ao MATOPIBA, as culturas de verão em fases críticas de desenvolvimento foram impactadas por essas condições climáticas. Na Região Sudeste do país e em Goiás, também houve prejuízos para essas culturas em estádios críticos.

Nos outros estados da Região Centro-Oeste do Brasil, no sul do Maranhão e leste do Tocantins, apesar das chuvas abaixo da média, houve precipitação suficiente para as culturas de verão. Foram verificados apenas problemas pontuais nessas regiões produtoras.

Em relação às culturas de segunda safra como o milho e o feijão, houve início do plantio. As chuvas que ocorreram com maior intensidade no terceiro decêndio do mês indicaram condições favoráveis.

Na Região Sul do país, predominaram condições favoráveis ao desenvolvimento das culturas de verão. No entanto, houve problemas pontuais devido à irregularidade de chuvas no Paraná e ao excesso de chuva na região sudoeste do Rio Grande do Sul para o arroz em florescimento/enchimento de grãos.

Figura 4 – Precipitação acumulada e anomalia de precipitação



Fonte: INPE/CPTEC

9.4. Monitoramento espectral

O propósito do monitoramento agrícola é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade nas principais regiões produtoras. No momento o foco é as atuais culturas de verão que estão em pleno desenvolvimento no campo.

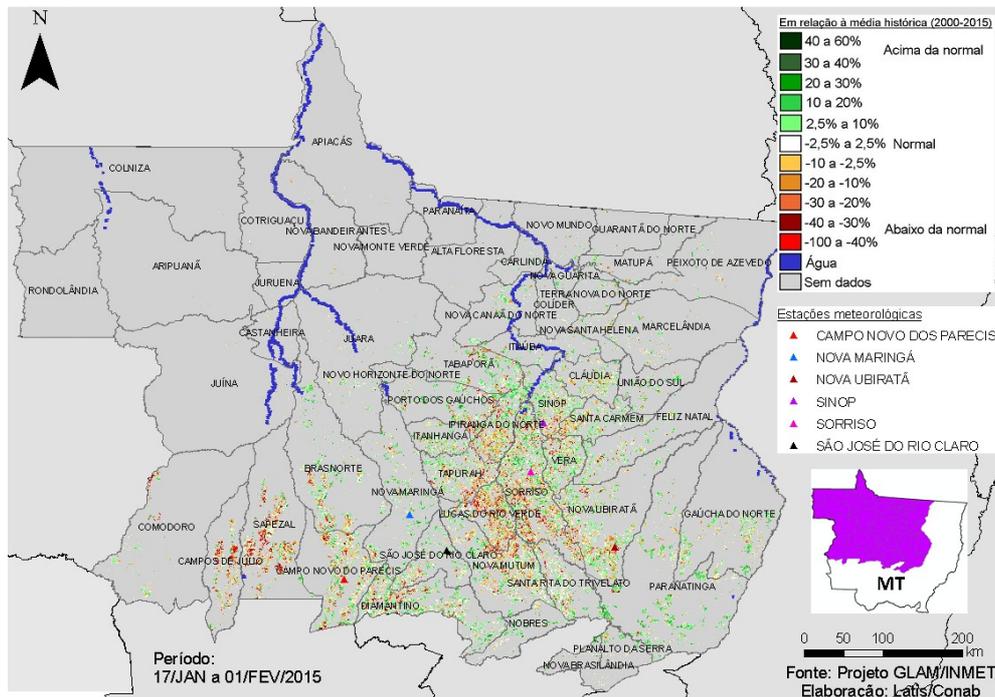
O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, desde o plantio das lavouras. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à média histórica; b) gráficos da quantificação de unidades de área pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média histórica nas faixas de baixos, médios e altos valores do Índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, e a comparação entre diferentes anos safra.

Nota: Linhas tracejadas nos gráficos de evolução temporal correspondem aos períodos em que o excesso de cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados de satélite suficientes para o cálculo ponderado do IV e, nestas condições, podem não ser adequados para comparações entre anos safra.

No total, estão sendo monitoradas 13 mesorregiões produtoras que cobrem juntas quase de 60% da área nacional das culturas de verão. Os resultados cobrindo uma maior quantidade de mesorregiões, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis no Boletim de Monitoramento Agrícola, que é divulgado mensalmente pela Conab e cuja última edição está acessível na área de Destaques da página principal. A seguir são apresentadas as informações e análises mais recentes dessas 13 mesorregiões.

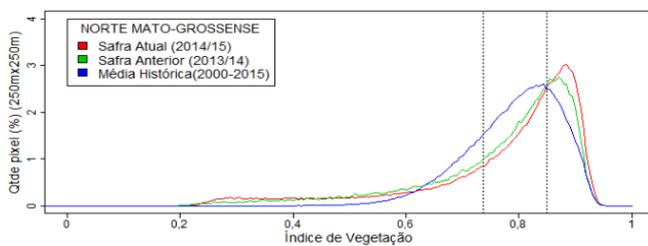
9.4.1. Norte Mato-Grossense

Figura 5 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



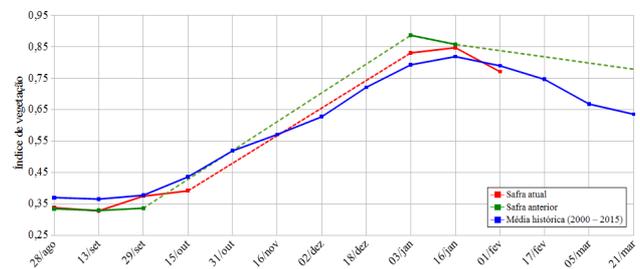
No mapa acima, as áreas em amarelo e marrom, indicando anomalia negativa, correspondem, principalmente, às lavouras onde as colheitas aconteceram mais cedo quando comparadas à média histórica. Áreas dessecadas também respondem com este padrão. Assim como, áreas pontuais onde as lavouras tiveram alguma penalização pela falta de chuva em fases críticas do desenvolvimento e, por esta razão, podem ter alguma redução do potencial de rendimento. Em verde são cultivos ainda com razoável atividade fotossintética, ou seja, em fases reprodutivas e em bom padrão de desenvolvimento.

Gráfico 12 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,7371	0,7371 - 0,8499	0,8499 - 1
Safra Atual (2014/15)	27,12 %	36,55 %	37,33 %
Safra Anterior (2013/14)	29,38 %	39,06 %	31,56 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	2,12 %	-14,45 %	12,33 %

Gráfico 13 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



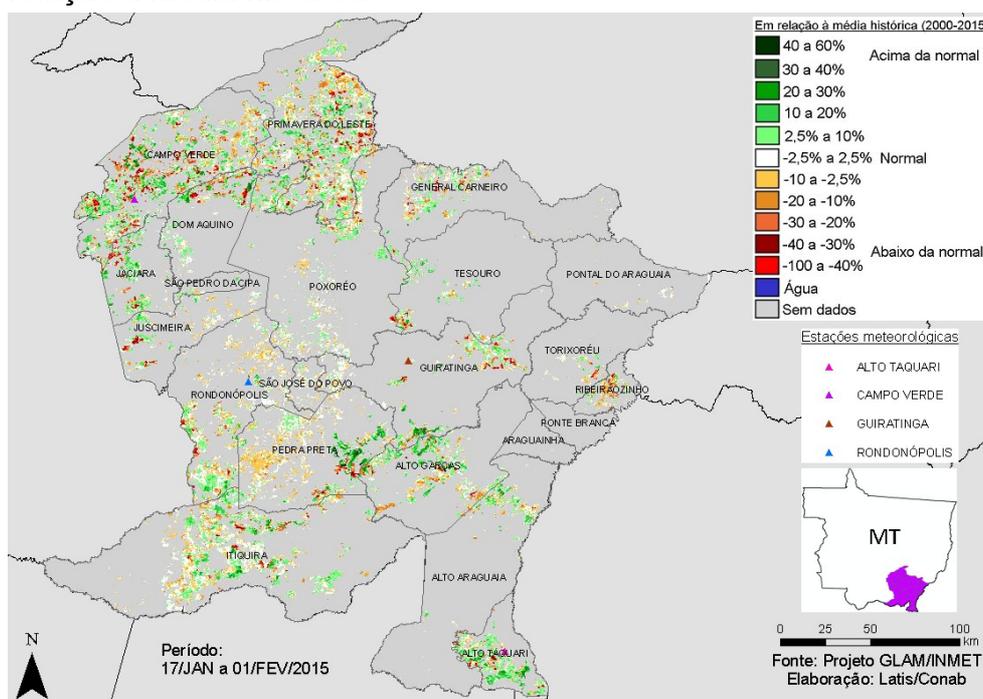
Quintzena	Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras													
	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% Relat média histórica	-9	-10	-1	-10					5	3	-2			
% Relat safra anterior	1	0	11						-6	-1				
Fases - 1ªsafra			P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EGM	M/C	C	

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 2,1% a mais que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. Tem 14,5% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 12,3% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 37,3% de suas lavouras com altos valores de IV contra 31,6% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 2,4% abaixo da média histórica e 0,6% acima da safra anterior.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha com resposta de IV relativamente baixa em meados de outubro caracteriza o atraso do plantio em decorrência da escassez de chuva no período ideal da semeadura. No momento, o IV da safra atual situa-se um pouco abaixo da média histórica, em função, principalmente, das lavouras de ciclo curto terem sido colhidas mais cedo, e por ter havido penalização em algumas áreas pela falta de chuva em fases críticas do desenvolvimento das lavouras.

9.4.2. Sudeste Mato-Grossense

Figura 6 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



O mapa acima mostra as áreas agrícolas com padrões variados do IV. As áreas em amarelo, laranja e marrom são de lavouras colhidas mais cedo quando comparadas à média histórica. Lavouras dessecadas também apresentam este padrão de anomalia negativa. Assim como, as áreas onde houve falta de chuvas em fases críticas do desenvolvimento das culturas, com possibilidade de redução no potencial produtivo nessas localidades. Em verde são cultivos ainda em fases reprodutivas, com altos valores de IV e, assim, em bom padrão de desenvolvimento.

Gráfico 14 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

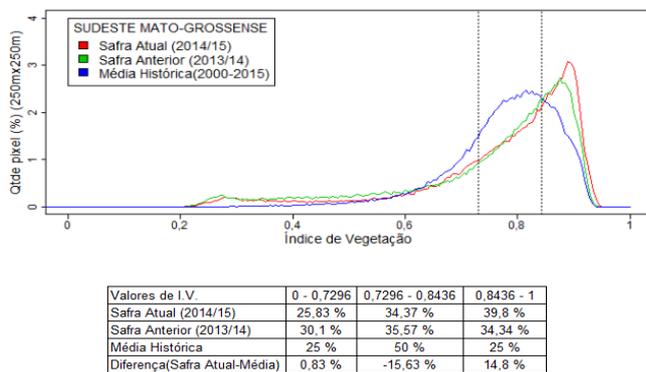
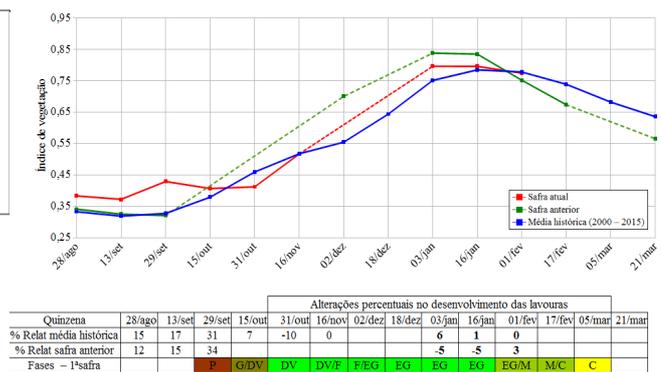


Gráfico 15 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras

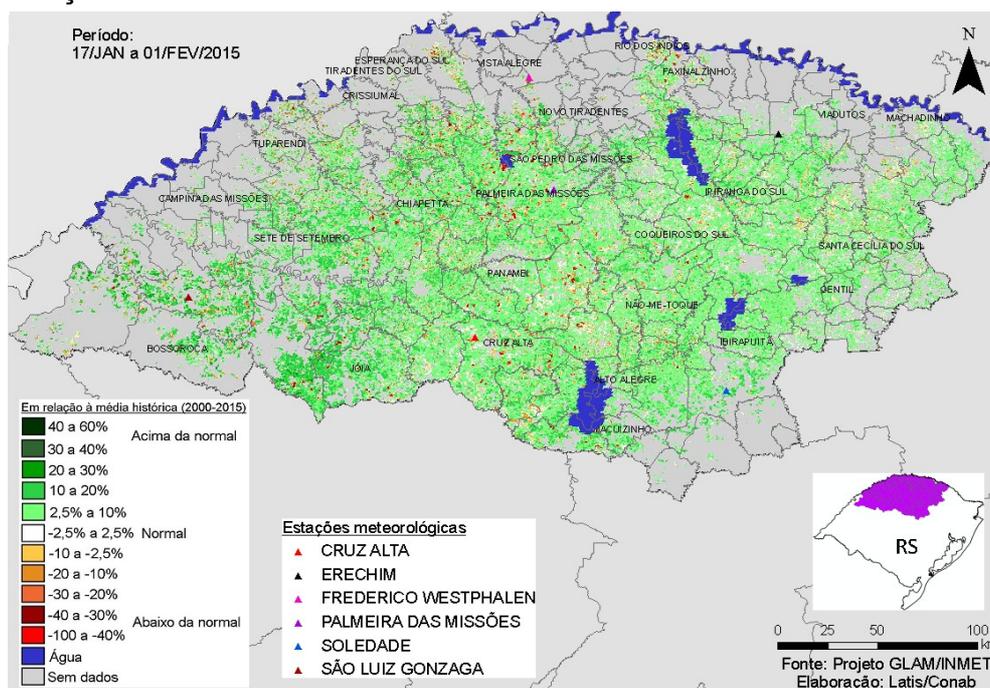


A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 0,8% a mais que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. Tem 15,6% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 14,8% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 39,8% de suas lavouras com altos valores de IV contra 34,3% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica que a safra atual responde, em média, de modo equivalente à média histórica e responde com 3% acima da safra anterior.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha com resposta de IV relativamente baixa em outubro caracteriza o atraso do plantio em decorrência da escassez de chuva no período ideal da semeadura. No momento, o IV da safra atual responde de forma equiparada à média histórica e pouco acima da safra anterior.

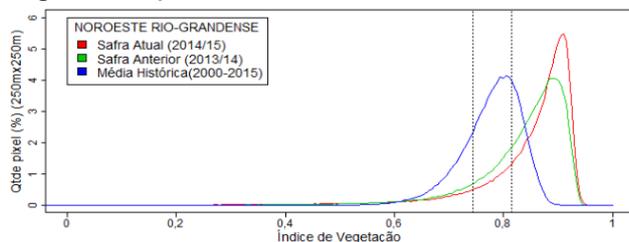
9.4.3. Noroeste Rio-Grandense

Figura 7 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



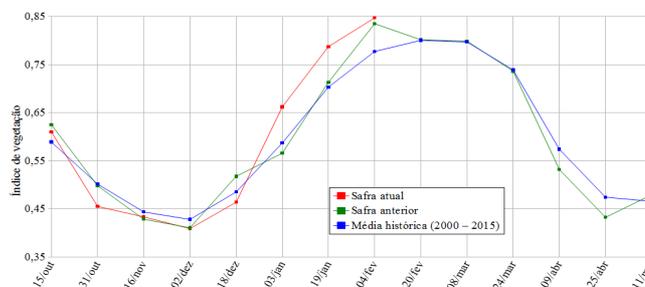
O mapa anterior há forte predominância das áreas com valores de IV acima da média, representadas pela cor verde. Essas áreas correspondem, principalmente, às lavouras de soja em boas condições de desenvolvimento. Salvo condições adversas daqui para frente, os dados atuais de satélite indicam bom potencial de rendimento agrícola da atual safra de grãos no noroeste do Rio Grande do Sul.

Gráfico 16 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de IV	0 - 0,7448	0,7448 - 0,8144	0,8144 - 1
Safra Atual (2014/15)	10,26 %	12,08 %	77,66 %
Safra Anterior (2013/14)	11,72 %	17,07 %	71,21 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	-14,74 %	-37,92 %	52,66 %

Gráfico 17 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



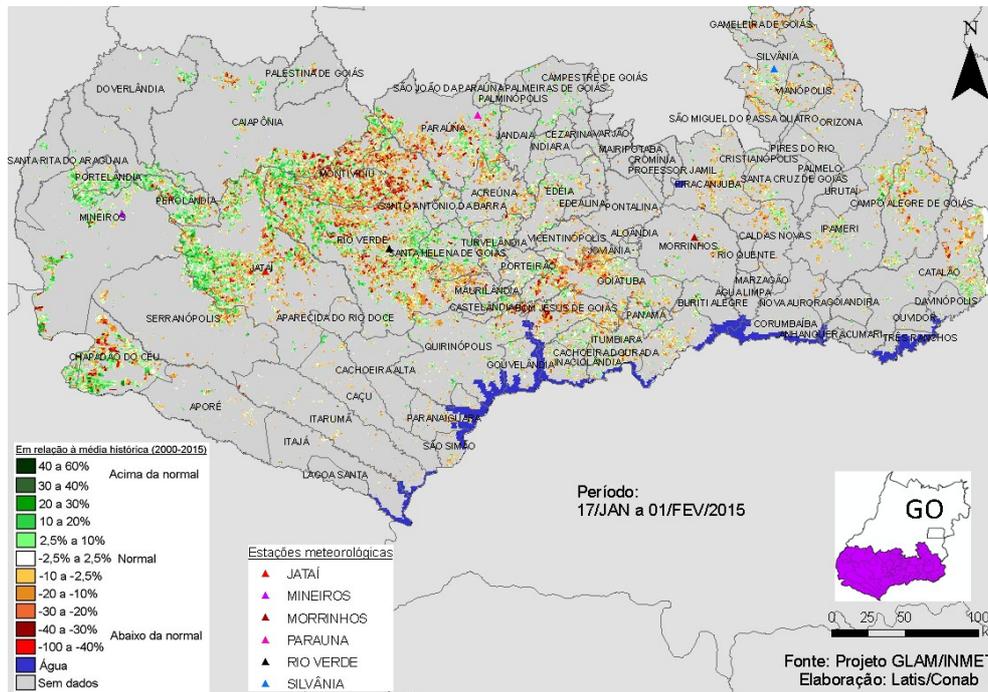
Data (final do período)	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras													
	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	19/jan	04/fev	20/fev	08/mar	24/mar	09/abr	25/abr	11/mai
% Relat média histórica	4	-9	-2	-4	-4	13	12	9						
% Relat safra anterior	-2	-9	1	0	-10	17	10	1						
Fases – safra verão	P	P	P, G, DV	DA	DV, F	F, FG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C	

A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 14,7% a menos que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. Tem 37,9% a menos que a média histórica de lavouras com padrão médio de desenvolvimento e 52,7% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde no mapa. A safra atual tem 77,7% das lavouras com alta resposta de IV contra 71,2% da safra passada, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 9% acima da média histórica e 1% acima da safra anterior.

No gráfico de evolução temporal, o crescimento mais lento da linha vermelha na primeira quinzena de dezembro, em relação à safra anterior, mostra que houve um pequeno atraso no plantio e no início do desenvolvimento da soja, devido às condições climáticas adversas. No entanto, na quinzena seguinte, esse atraso foi recuperado e, atualmente, o IV da safra atual está bem superior ao da média histórica e da safra anterior, indicando boa expectativa de produtividade.

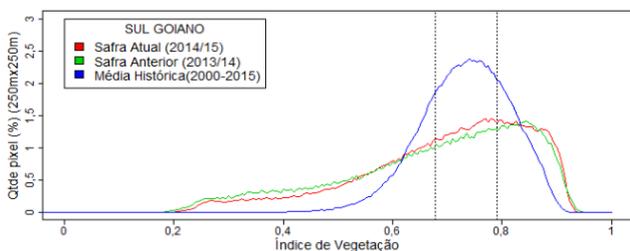
9.4.4. Sul Goiano

Figura 8 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



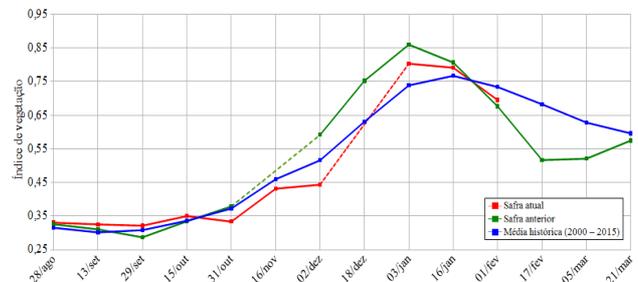
O predomínio das cores amarelo e marrom no mapa acima mostra respostas de IV inferior à média histórica. Tais condições decorrem principalmente da escassez de chuvas em grande parte da região, em fases críticas das lavouras. O aumento de plantio dos cultivares de ciclo curto, com conseqüente colheita mais cedo, também apresenta esses padrões de cores no mapa. Apenas nos municípios localizados na parte oeste da região, como Mineiros, Perolândia, Portelândia e oeste de Jataí as condições são mais favoráveis, conforme indica o predomínio das cores verdes no mapa. Em decorrência do deficit hídrico em fases reprodutivas, os dados de satélite indicam redução do potencial de rendimento das lavouras da atual safra de grãos no Sul Goiano.

Gráfico 18 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,6778	0,6778 - 0,7906	0,7906 - 1
Safra Atual (2014/15)	39,28 %	29,46 %	31,26 %
Safra Anterior (2013/14)	43,32 %	26,47 %	30,21 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	14,28 %	-20,54 %	6,26 %

Gráfico 19 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



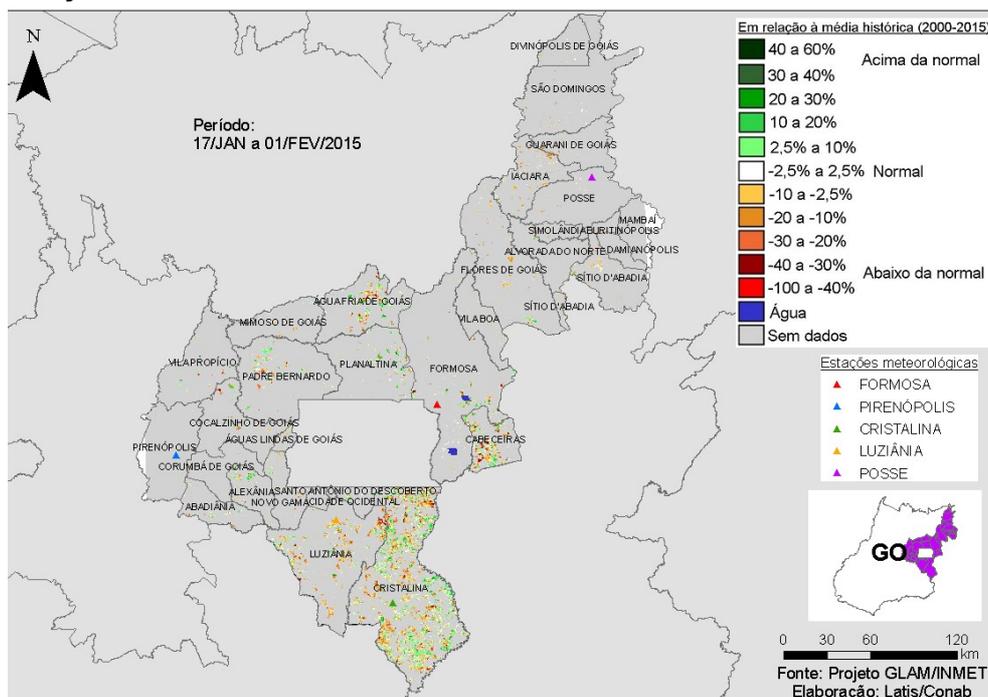
Quinzena	Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras														
	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar	
% Relat média histórica	5	8	4	4	-10	-6	-14		9	3	-5				
% Relat safra anterior	1	5	12	5	-12				-7	-2	3				
Fases - 1ªsafra					P	G/DV	DV	DV/P	P/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 14,3% a mais que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. Tem 20,5% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 6,3% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. A safra atual tem 31,3% de suas lavouras com altos valores de IV contra 30,2% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 5,3% abaixo da média histórica e 2,8% acima da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra que a atual safra respondeu em baixa e teve algumas variações, desde meados de outubro ao início de dezembro, resultado da falta de chuvas que atrasou o plantio. Nas duas quinzenas seguintes houve recuperação, mas voltou a cair em janeiro e, atualmente, o IV da safra atual situa-se abaixo da média histórica em decorrência da falta de chuvas em fases reprodutivas das lavouras. Há possibilidades de redução do potencial de rendimento da atual safra de grãos nesta Região.

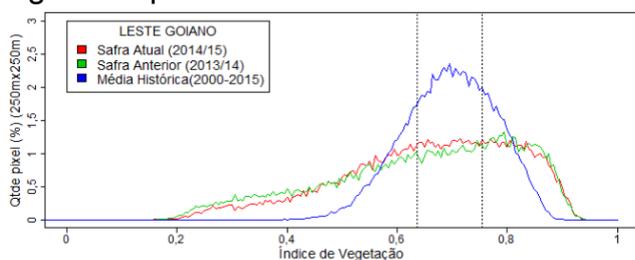
9.4.5. Leste Goiano

Figura 9 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



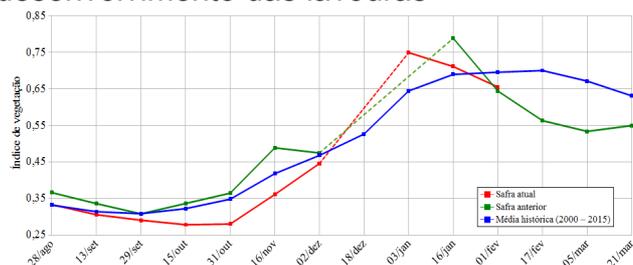
O predomínio das cores amarelo e marrom no mapa acima mostra respostas de IV inferior à média histórica. Tais condições decorrem principalmente da escassez de chuvas em grande parte da região, em fases críticas das lavouras. O aumento de plantio dos cultivares de ciclo curto, com conseqüente colheita mais cedo, também apresenta esses padrões de cores no mapa. Em decorrência do deficit hídrico em fases reprodutivas, os dados de satélite indicam redução do potencial de rendimento das lavouras da atual safra de grãos no Leste Goiano.

Gráfico 20 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,6362	0,6362 - 0,7548	0,7548 - 1
Safra Atual (2014/15)	41,97 %	27,5 %	30,53 %
Safra Anterior (2013/14)	43,67 %	24,57 %	31,76 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	16,97 %	-22,5 %	5,53 %

Gráfico 21 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



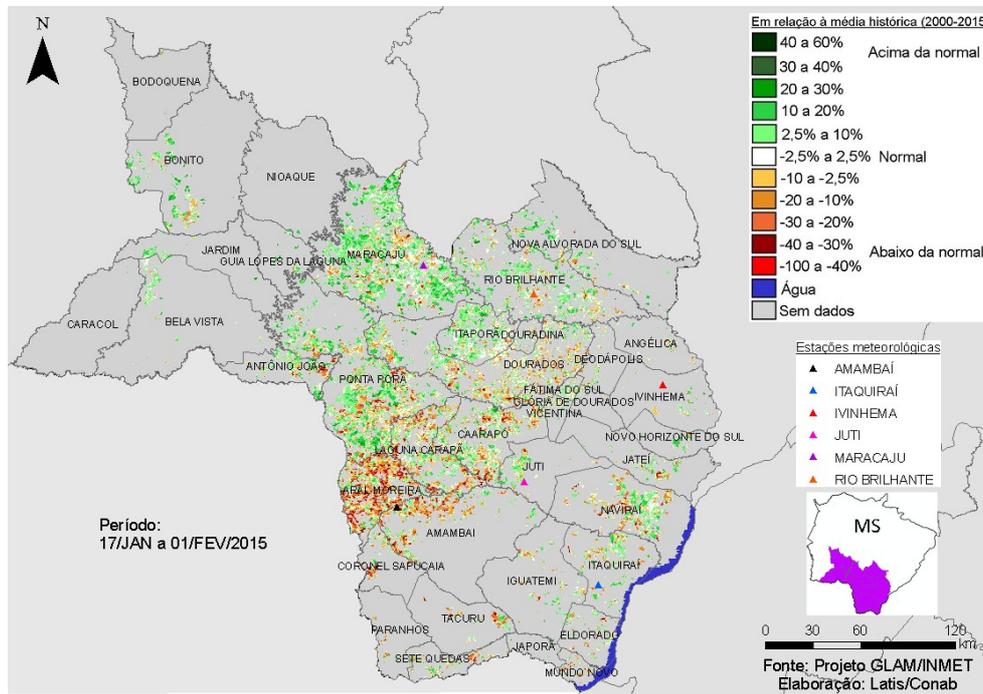
Quinzena	Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras													
	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% Relat média histórica	0	-3	-6	-14	-20	-14	-5		16	3	-6			
% Relat safra anterior	-9	-9	-6	-17	-23	-26	-6			-10	2			
Fases - 1ªsafra			P	G/DV	DV	DV/P	P/EG	EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 17,0% a mais que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. Tem 22,5% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 5,5% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. A safra atual tem 30,5% de suas lavouras com altos valores de IV contra 31,8% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 6% abaixo da média histórica e 2% acima da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra que a atual safra respondeu em baixa desde o final de setembro até o início de dezembro, resultado da falta de chuvas que atrasou o plantio. Nas duas quinzenas seguintes houve recuperação, mas voltou a cair em janeiro e, atualmente, o IV da safra atual situa-se abaixo da média histórica em decorrência da falta de chuvas em fases reprodutivas das lavouras. Há possibilidades de redução do potencial de rendimento da atual safra de grãos nesta Região.

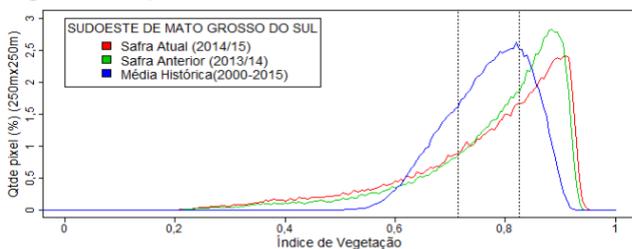
9.4.6. Sudoeste do Mato Grosso do Sul

Figura 10 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



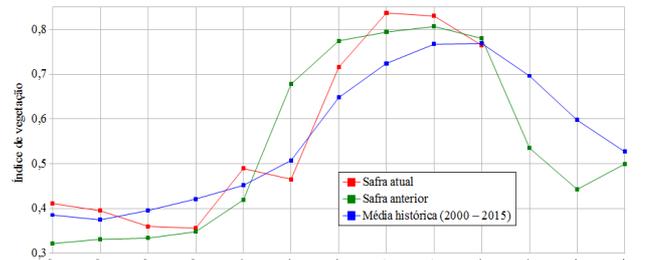
O mapa acima mostra expressiva quantidade de lavouras com padrão inferior ao da média histórica. As áreas em amarelo e marrom são, em parte, de cultivos que foram afetados por estiagens em períodos reprodutivos. Tal situação pode levar a alguma redução do potencial de rendimento na região. Áreas de cultivares de ciclo curto já colhidas ou prontas para colheita também respondem com esses padrões de cores no mapa. As áreas em verde são de lavouras com bom padrão de desenvolvimento.

Gráfico 22 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,7138	0,7138 - 0,8257	0,8257 - 1
Safra Atual (2014/15)	28,6 %	28,37 %	43,03 %
Safra Anterior (2013/14)	23,15 %	30,41 %	46,43 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	3,6 %	-21,63 %	18,03 %

Gráfico 23 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras										
	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	
% Relat média histórica	7	5	-9	-16	8	-8	10	16	8	-1	
% Relat safra anterior	28	19	8	2	17	-31	-8	5	3	-2	
Fases – safra verão	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

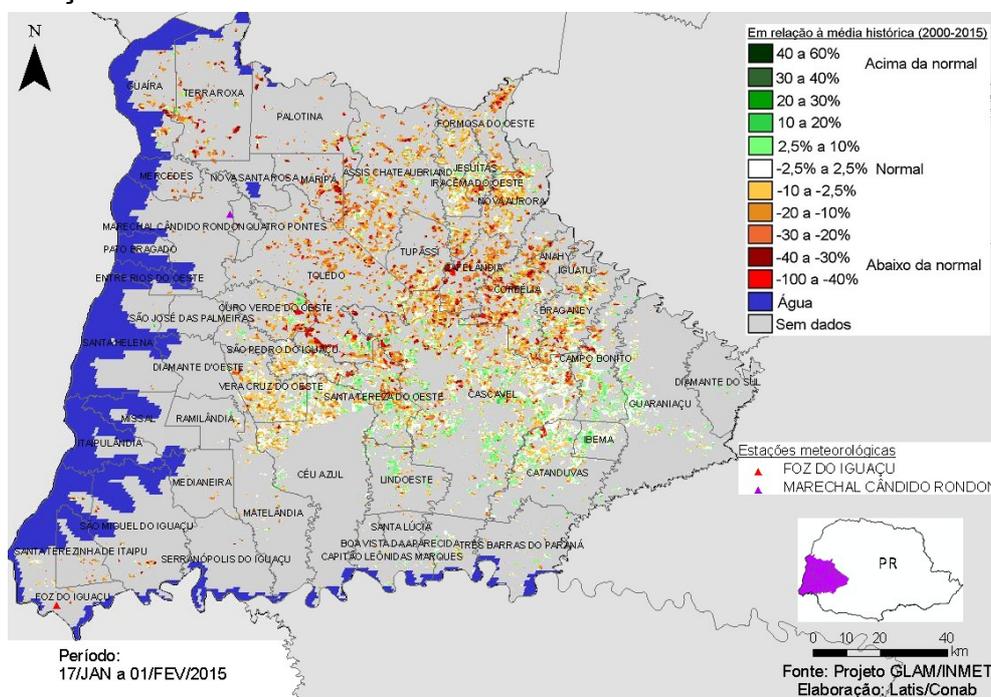
A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 3,6% a mais que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. Tem 21,6% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 18,0% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A

safrá atual tem 43,0% de suas lavouras com altos valores de IV contra 46,4% da safrá do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 1% abaixo da média histórica e 2% abaixo da safrá passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra variações bruscas do IV. No final de outubro constata-se queda. Na 1ª quinzena de novembro houve recuperação e no final do mês novamente queda acentuada do padrão de desenvolvimento, caracterizando atraso de plantio e replantio das culturas de verão em algumas áreas. Em dezembro teve boa recuperação, porém, nesta última quinzena teve uma queda acentuada que pode indicar redução do ciclo das lavouras com antecipação de colheitas e consequentemente retração do potencial de rendimento desta safrá de grãos.

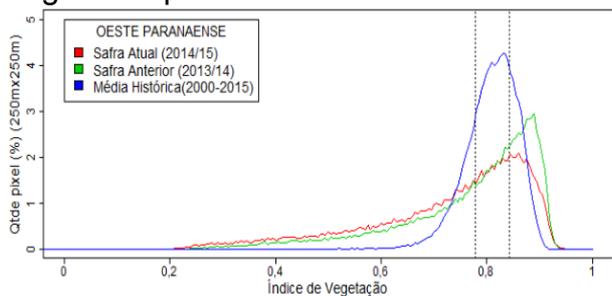
9.4.7. Oeste Paranaense

Figura 11 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



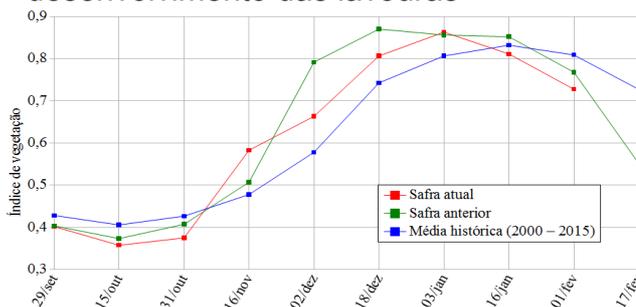
O mapa acima mostra forte predomínio das áreas em cores amarelo e marrom caracterizando anomalia negativa. A maior parte das áreas nesse padrão de cores é de cultivos de ciclo precoce que já foram ou estão sendo colhidos para o plantio do milho safrinha. Outra parcela dessas áreas é de lavouras prejudicadas por estiagens e que, consequentemente, deverão ter redução do potencial de produtividade. Em verde são lavouras em fase final de enchimento de grãos.

Gráfico 24 – Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,778	0,778 - 0,8422	0,8422 - 1
Safra Atual (2014/15)	52,27 %	22,94 %	24,79 %
Safra Anterior (2013/14)	40,53 %	23,36 %	36,1 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	27,27 %	-27,06 %	-0,21 %

Gráfico 25 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



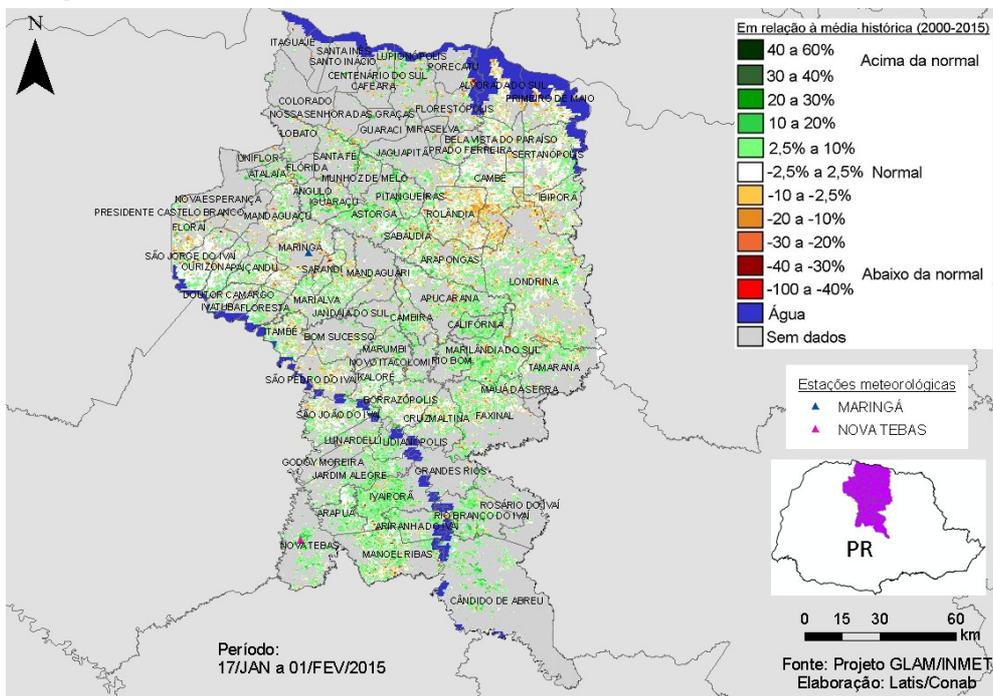
Data (final do período)	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras									
	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev
% Relat média histórica	-6	-12	-12	22	15	9	7	-2	-10	
% Relat safra anterior	0	-4	-8	15	-16	-7	1	-5	-5	
Fases – safra verão	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a safra atual tem 27,3% a mais que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. Tem 27,0% a menos de cultivos com padrão médio de desenvolvimento e tem 0,2% a menos que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. A safra atual tem 24,8% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 36,1% da safra passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 10% abaixo da média histórica e 5% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra a safra atual com baixo padrão no final de outubro. No início do mês seguinte constata-se forte recuperação e, na 2ª quinzena de novembro houve novamente redução que, embora ainda acima da média histórica, respondeu bem abaixo do padrão do ano passado. Essas variações ocorreram, principalmente, em função da irregularidade e má distribuição das chuvas. Na primeira quinzena de dezembro, houve recuperação na taxa de crescimento que, no entanto, reduziu novamente em janeiro. Os dois últimos trechos da linha mostram, principalmente, a maturação e o início da colheita das variedades de ciclo precoce, e/ou, que foram plantadas mais cedo, além dos efeitos negativos da falta de chuva nas lavouras em fases vulneráveis.

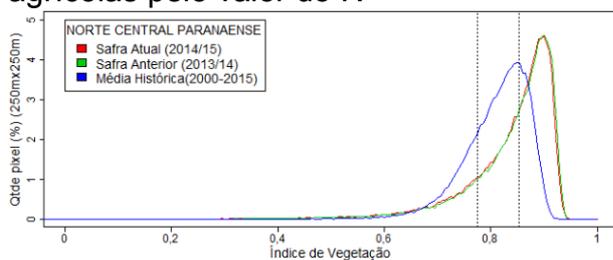
9.4.8. Norte Central Paranaense

Figura 12 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



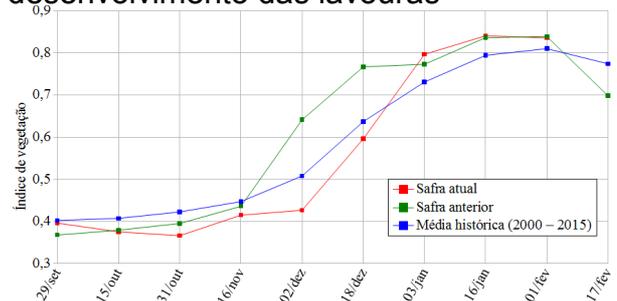
No mapa acima o predomínio das áreas em verde indica que a atual safra responde com valores de IV acima da média. Essas áreas correspondem, principalmente, às lavouras de soja em bom padrão de desenvolvimento. As áreas em amarelo e marrom são de cultivos que já foram ou estão sendo colhidos. A região apresenta bom potencial de rendimento agrícola da atual safra de grãos.

Gráfico 26 – Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,7749	0,7749 - 0,8526	0,8526 - 1
Safra Atual (2014/15)	17,85 %	27,59 %	54,56 %
Safra Anterior (2013/14)	16,79 %	27,09 %	56,11 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	-7,15 %	-22,41 %	29,56 %

Gráfico 27 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras									
	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev
% Relat média histórica	-2	-8	-13	-7	-16	-6	9	6	3	
% Relat safra anterior	8	-1	-7	-5	-33	-22	3	1	0	
Fases – safra verão	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C

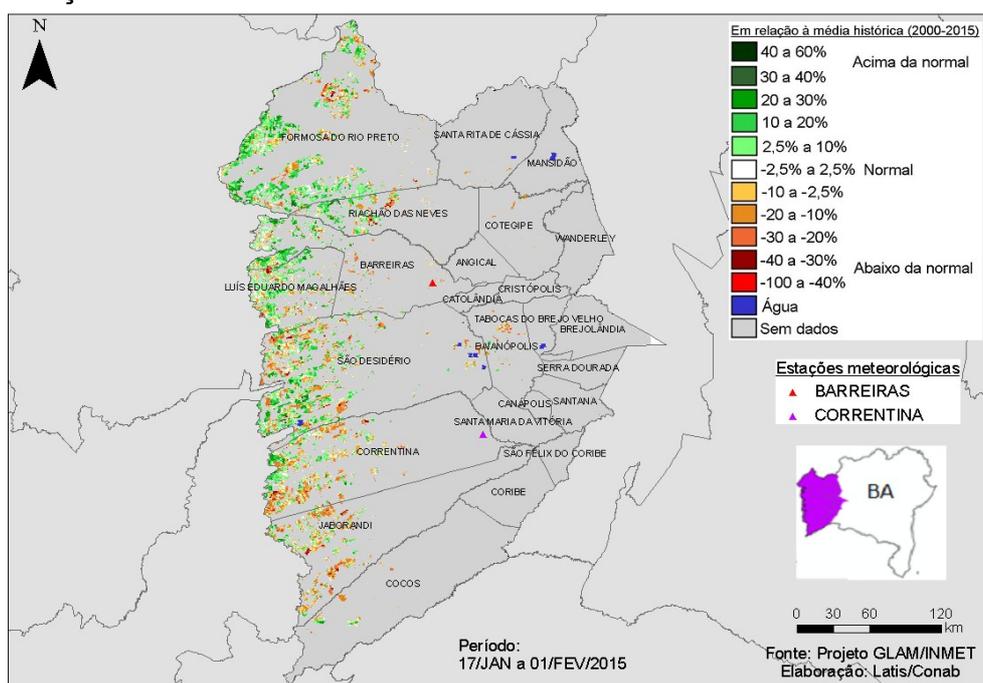
A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a safra atual tem 7,2% a menos que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. Tem 22,4% a menos de cultivos com padrão médio de desenvolvimento e tem 29,6% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde no mapa. A safra atual tem

54,6% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 56,1% da safra passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 3% acima da média histórica e responde de modo idêntico à safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha correspondente à safra atual mostra uma queda no final de outubro, indicando atraso de plantio em partes da região. Porém, constata-se recuperação em dezembro seguindo em alta agora em janeiro. Perspectiva de bom potencial de rendimento, conforme indicam os dados de satélite.

9.4.9. Oeste Baiano

Figura 13 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



O mapa acima mostra as áreas monitoradas pelas imagens em dois padrões. Em verde são áreas onde o clima foi mais favorável e que apresentam bom padrão de desenvolvimento das lavouras. Parte das áreas nesse padrão de cores são de cultivos irrigados. Em amarelo, laranja e marrom são áreas onde, possivelmente, pela deficiência de água no solo, o plantio ocorreu com atraso, e pode ter faltado chuva em outras fases do desenvolvimento das culturas. Observa-se ao sul da região, principalmente nos municípios de Correntina e Jaborandi, uma anomalia negativa mais forte, cujo motivo foi uma maior deficiência de chuvas nessas localidades. Essas duas aparentes anomalias (positiva e negativa) decorrem, também, da expansão de área e da diferença entre os calendários/ciclos dos cultivares de anos recentes com relação à média histórica.

Gráfico 28 – Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

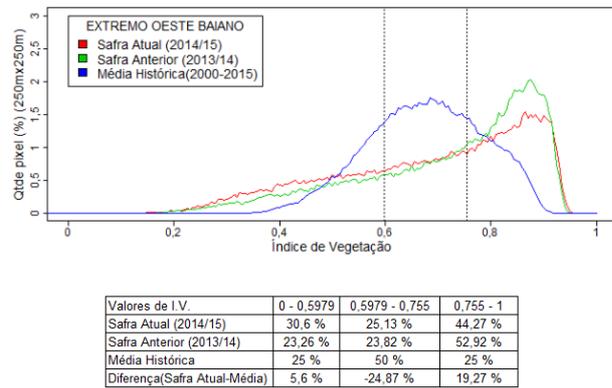
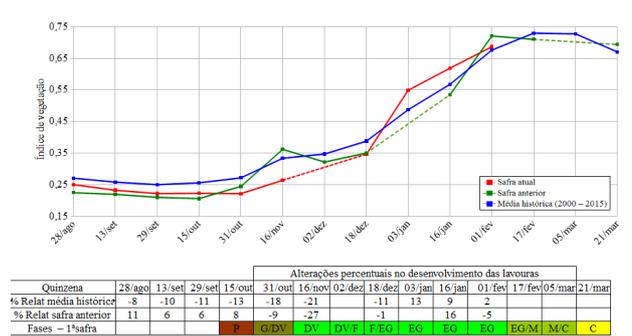


Gráfico 29 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras

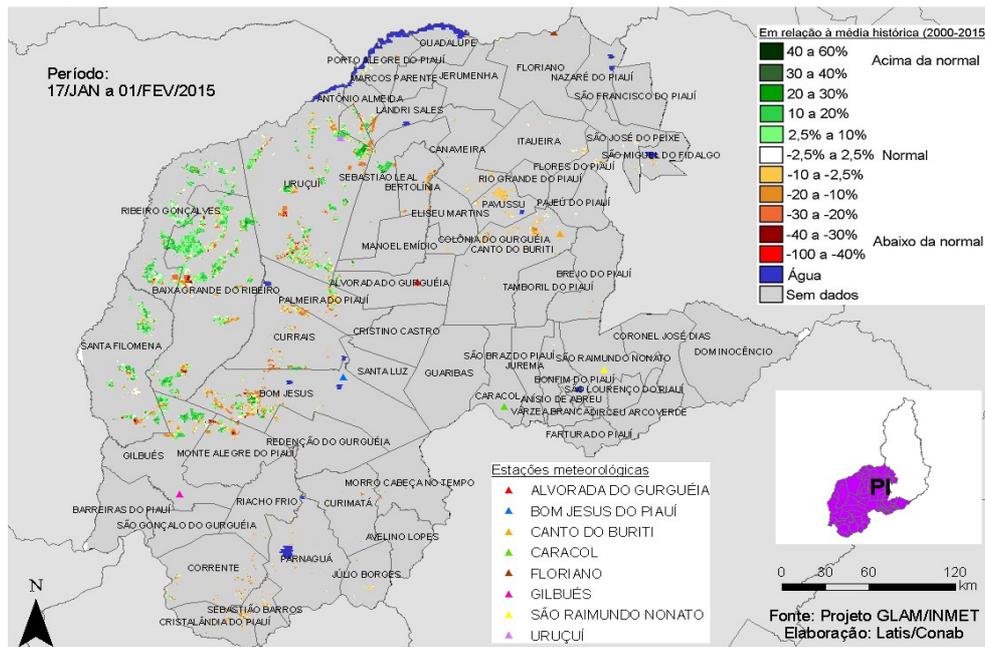


A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a safra atual tem 5,6% a mais que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. Tem 24,9% a menos de cultivos com padrão médio de desenvolvimento e tem 19,3% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 44,3% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 52,9% da safra passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 1,6% acima da média histórica e 4,7% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra a safra atual com baixo padrão no final de outubro. Em novembro a queda relativa às safras anteriores foi mantida. Isso é indicativo de atraso no plantio da safra de verão. Atualmente, o IV da safra atual está equiparado ao da média histórica e bem próximo da safra passada.

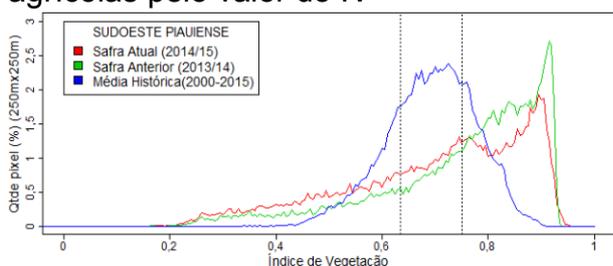
9.4.10. Sudoeste Piauiense

Figura 14 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



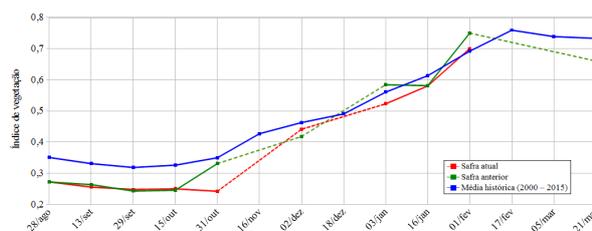
O mapa anterior mostra as áreas monitoradas pelas imagens em dois padrões. Em verde são áreas onde o clima foi mais favorável e que apresentam bom padrão de desenvolvimento das lavouras. Observa-se, tais condições, nos municípios na parte oeste da região, como Ribeiro Gonçalves, Baixa Grande do Ribeiro, Santa Filomena e Gilbués. Em amarelo, laranja e marrom são áreas onde, possivelmente, pela deficiência de água no solo, o plantio ocorreu com atraso, e pode ter faltado chuva em outras fases do desenvolvimento das culturas.

Gráfico 30 – Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,635	0,635 - 0,7505	0,7505 - 1
Safra Atual (2014/15)	31,31 %	22,54 %	46,15 %
Safra Anterior (2013/14)	20,24 %	18,64 %	61,13 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	6,31 %	-27,46 %	21,15 %

Gráfico 31 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



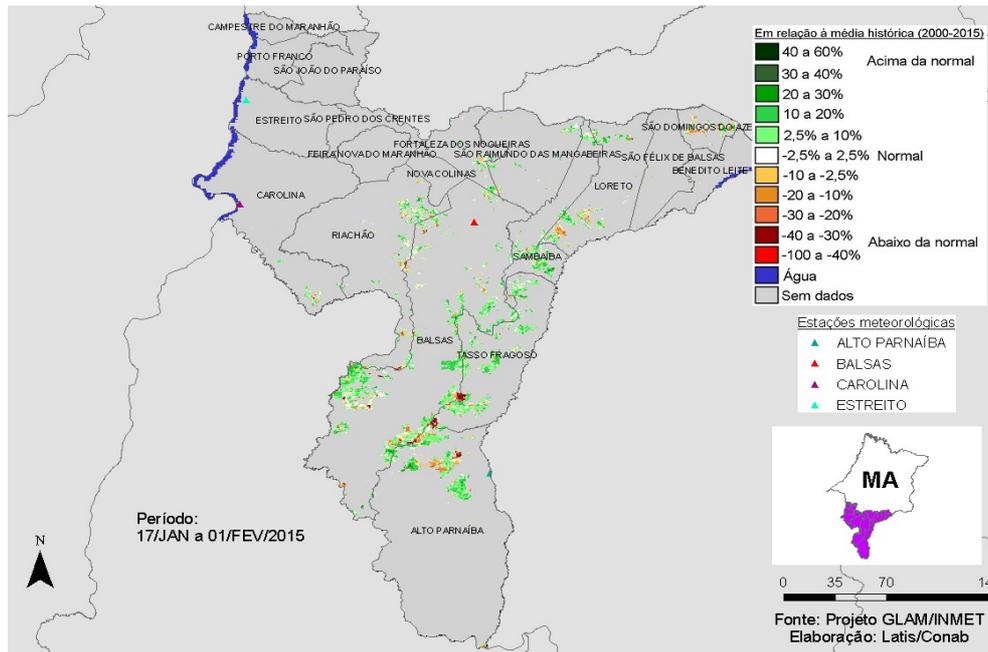
Quinzena	Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras														
	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar	
% Relat média histórica	-22	-23	-22	-23	-31	-5	-7	-5	1						
% Relat safra anterior	0	-3	2	2	-27	6		-10	0	-7					
Fases - 1ªsafra					P	G/DV	DV	DV/E	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a safra atual tem 6,3% a mais que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. Tem 27,5% a menos de cultivos com padrão médio de desenvolvimento e tem 21,2% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 46,1% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 61,1% da safra passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 1% acima da média histórica e 7% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra a safra atual com baixo padrão no final de outubro. Nos monitoramentos seguintes até agora em janeiro houve ascensão, mas ficando sempre abaixo dos padrões do ano passado. Possibilidade de redução do potencial de produtividade da atual safra de grãos.

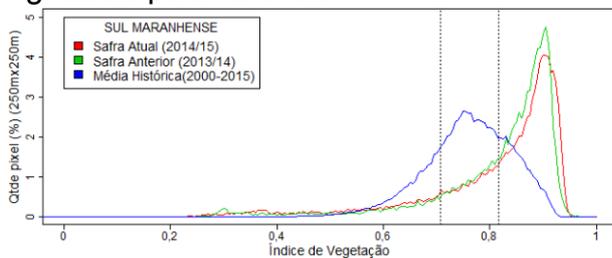
9.4.11. Sul Maranhense

Figura 15 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



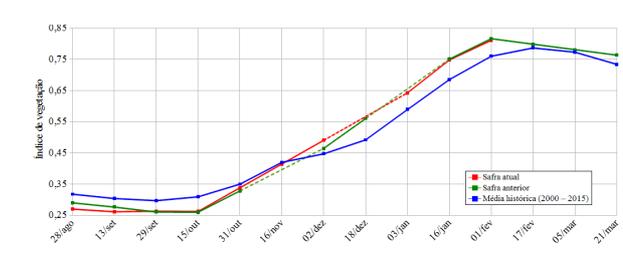
O mapa acima mostra predomínio de áreas em verde caracterizando resposta de IV superior ao da média histórica. Em amarelo e marrom, em menor quantidade, são lavouras que podem ter sido afetadas pela irregularidade das chuvas.

Gráfico 32 – Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,7084	0,7084 - 0,8171	0,8171 - 1
Safra Atual (2014/15)	16,64 %	19,38 %	63,97 %
Safra Anterior (2013/14)	13,21 %	20,85 %	65,94 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	-8,36 %	-30,62 %	38,97 %

Gráfico 33 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Quintana	Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras															
	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar		
% Relat média histórica	-15	-14	-11	-15	-3	-1	10		9	9	7					
% Relat safra anterior	-7	-5	1	1	3	6			0	-1						
Fases - 1ªsafra					P	G	DV	DV	DV/F	F	EG	EG	EG	EGM	M/C	C

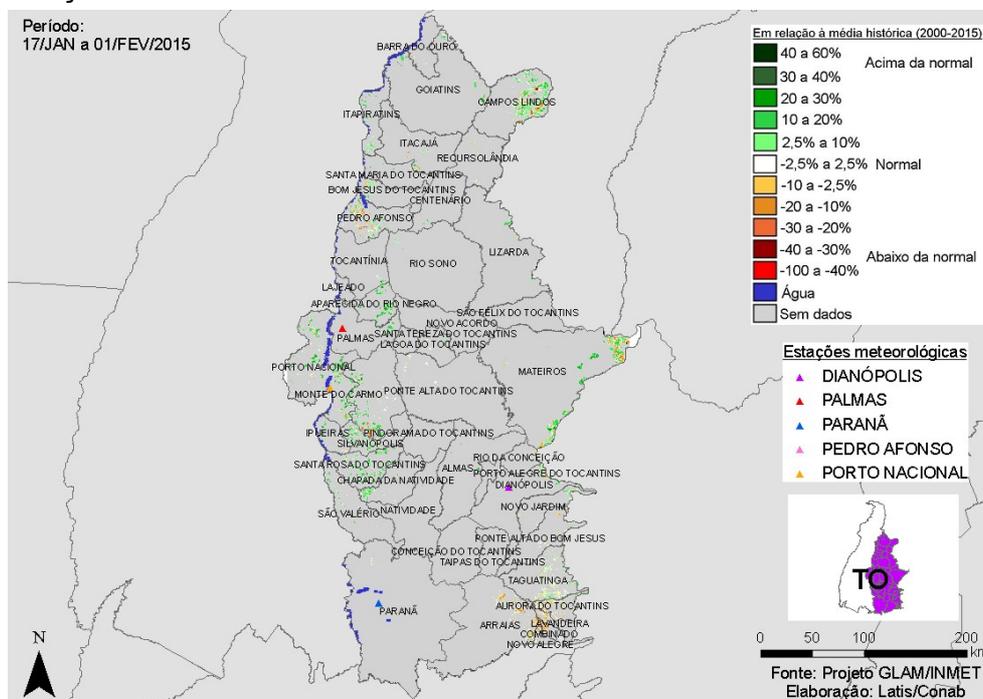
A tabela do gráfico de quantificação de áreas, mostra que a safra atual tem 8,4% a menos que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. Tem 30,6% a menos de cultivos com padrão médio de desenvolvimento e tem 39,0% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 64,0% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 66,0% da safra passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 7% acima da média histórica e 1% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra que a safra atual teve

comportamento semelhante ao do ano passado durante todas as fases das lavouras. No momento, responde acima da média histórica e bem próximo da safra passada.

9.4.12. Oriental do Tocantins

Figura 16 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



O mapa acima mostra predomínio de áreas em verde caracterizando anomalia positiva em relação à média histórica. Em amarelo e marrom, em menor quantidade, são lavouras que podem ter sido afetadas pelas expressivas oscilações do regime chuvoso.

Gráfico 34 – Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

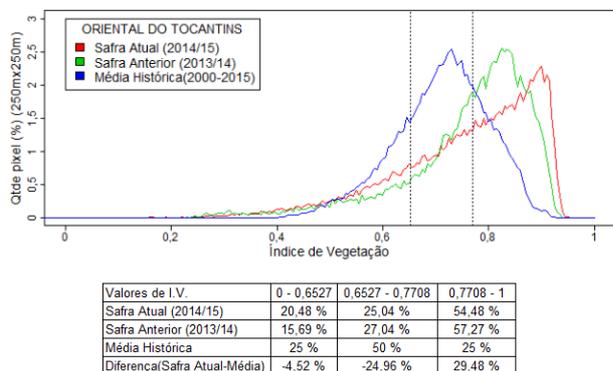
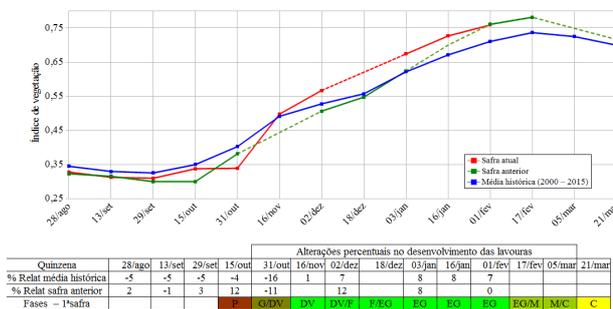


Gráfico 35 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



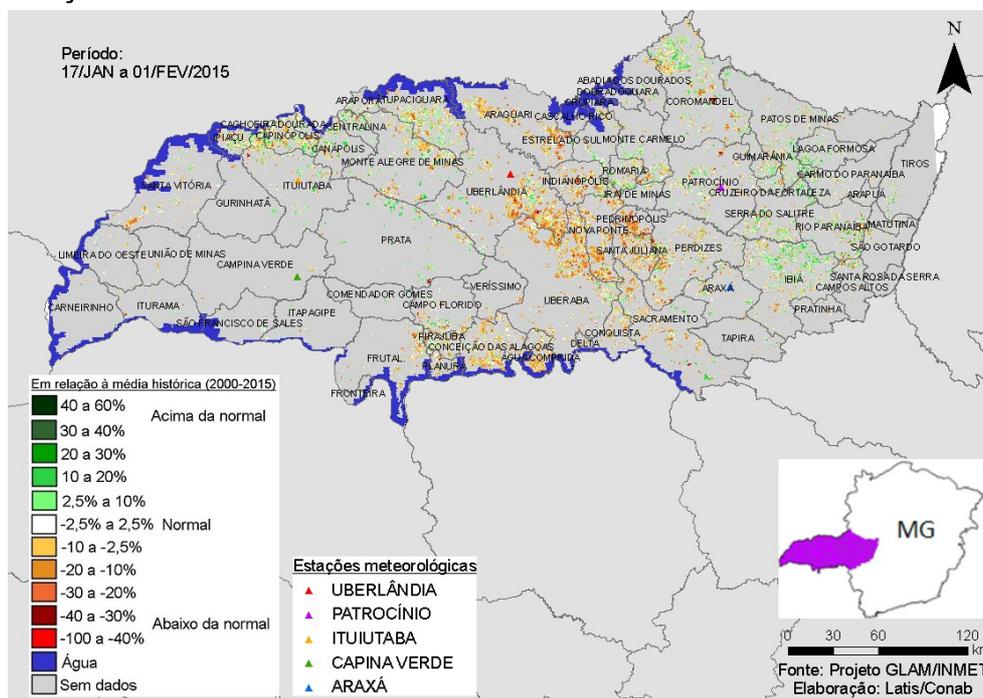
A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a safra atual tem 4,5% a menos que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. Tem 25,0% a menos de cultivos com padrão médio de desenvolvimento e tem 29,5% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A

safr a atual tem 54,5% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 57,3% da safr a passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 7% acima da média histórica e responde com padrão idêntico ao da safr a passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra a safr a atual com baixo padrão no final de outubro. A partir de novembro teve expressiva ascensão mantendo-se acima da média histórica e, no momento, responde de modo equiparado ao ano passado. O traçado da linha mostra a safr a atual respondendo dentro da normalidade.

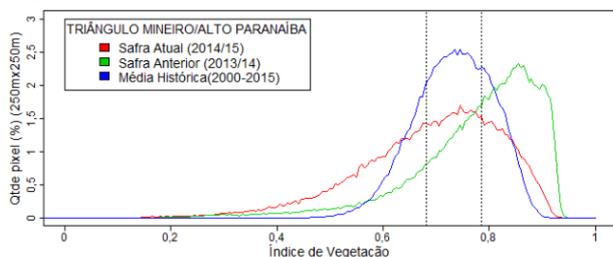
9.4.13. Triângulo Mineiro

Figura 17 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



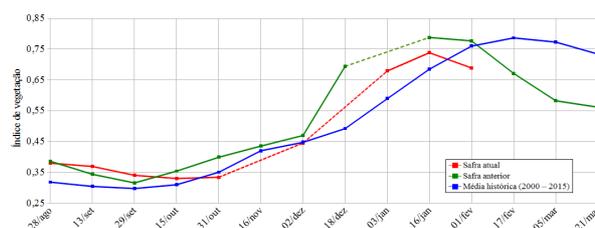
O mapa acima mostra predomínio das áreas em amarelo, laranja e marrom caracterizando expressiva anomalia negativa em relação à média histórica, principalmente na faixa central da região entre as divisas de Goiás e São Paulo. Essas áreas, provavelmente, são de lavouras penalizadas pelas adversidades climáticas na região em diferentes fases dos cultivos. Em verde são lavouras menos comprometidas pelos desvios do clima. Em média a perspectiva é de quebra do potencial de rendimento agrícola da atual safr a nesta Região.

Gráfico 36 – Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,6811	0,6811 - 0,7863	0,7863 - 1
Safra Atual (2014/15)	42,85 %	32,28 %	24,87 %
Safra Anterior (2013/14)	17,34 %	26,82 %	55,84 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	17,85 %	-17,72 %	-0,13 %

Gráfico 37 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Quinzena	Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras													
	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% Relat média histórica	19	21	14	7	-5	0		15	8					
% Relat safra anterior	-2	7	8	-7	-16					-6	-11			
Fases - 1ª safra						P	GDV	DV	DV-1	F&G	EG	EG	EG-M	M/C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas, mostra que a safra atual tem 17,9% a mais que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. Tem 17,7% a menos de cultivos com padrão médio de desenvolvimento e tem 0,1% a menos que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 24,9% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 55,8% da safra passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 9% abaixo da média histórica e 11% abaixo da safra passada. Essa expressiva diferença entre os percentuais da safra atual em relação ao ano passado e também em comparação com a média histórica, reforça a expectativa de menor produtividade dos grãos, na região, em 2015.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra a safra atual com baixo padrão desde a fase inicial de desenvolvimento, mantendo-se sempre bem inferior do ano passado até este último monitoramento. Expectativa de quebra do potencial de produtividade da atual safra de grãos.

– Fonte: USDA / NASA / UMD - Projeto GLAM – <http://pekko.geog.umd.edu/usda/test>.

10. Análise das culturas

10.1. Culturas de verão

10.1.1. Algodão

Na temporada 2014/15, a produção de algodão em pluma na Região Centro-Oeste participará com 63% da oferta nacional. É também nessa região, que em termos absolutos, se dará a maior redução na área plantada – 100,4 mil hectares. O Mato Grosso, maior produtor nacional, a área também apresentará uma redução absoluta de 80,4 mil hectares. As reduções observadas na área plantada foram influenciadas pela conjuntura adversa, tanto interna quanto externa do algodão, que recebeu a contribuição da expressiva elevação dos custos de produção observados nas últimas safras, necessárias ao combate e controle das pragas e doenças.

Em Mato Grosso, dezembro foi marcado pelo início do plantio na região, que se estendeu até janeiro, particularmente nas situações em que o plantio foi realizado na sequência da colheita de soja precoce. A área plantada nesta temporada está estimada em 562,7 mil hectares, representando uma redução de 12,5% em relação ao exercício passado. Em Goiás o plantio teve início em dezembro e os índices pluviométricos na época permitiram o desempenho uniforme das lavouras. O atraso ocorrido no plantio da soja, que deveria ter ocorrido a partir de outubro, poderá repercutir na decisão do plantio da segunda safra. É importante destacar que mais de 50% do algodão goiano é plantado na segunda safra e existe, entre os produtores, uma preocupação em relação ao comportamento das chuvas durante o ciclo produtivo da lavoura, que estenderá até o meio do ano.

Em Mato Grosso do Sul o plantio encerrou-se na região norte, onde era observado um certo atraso em relação as demais. As lavouras apresentam bom desenvolvimento e a situação atual do clima permite que a produtividade estimada pelos informantes, seja mantida nos níveis da safra anterior. A intensidade dos ataques de lagarta até o momento é considerada baixa, mas a preocupação é constante, particularmente com relação ao controle do bicudo do algodoeiro, maior causador de prejuízos ao produtor, ao longo do ciclo da cultura.

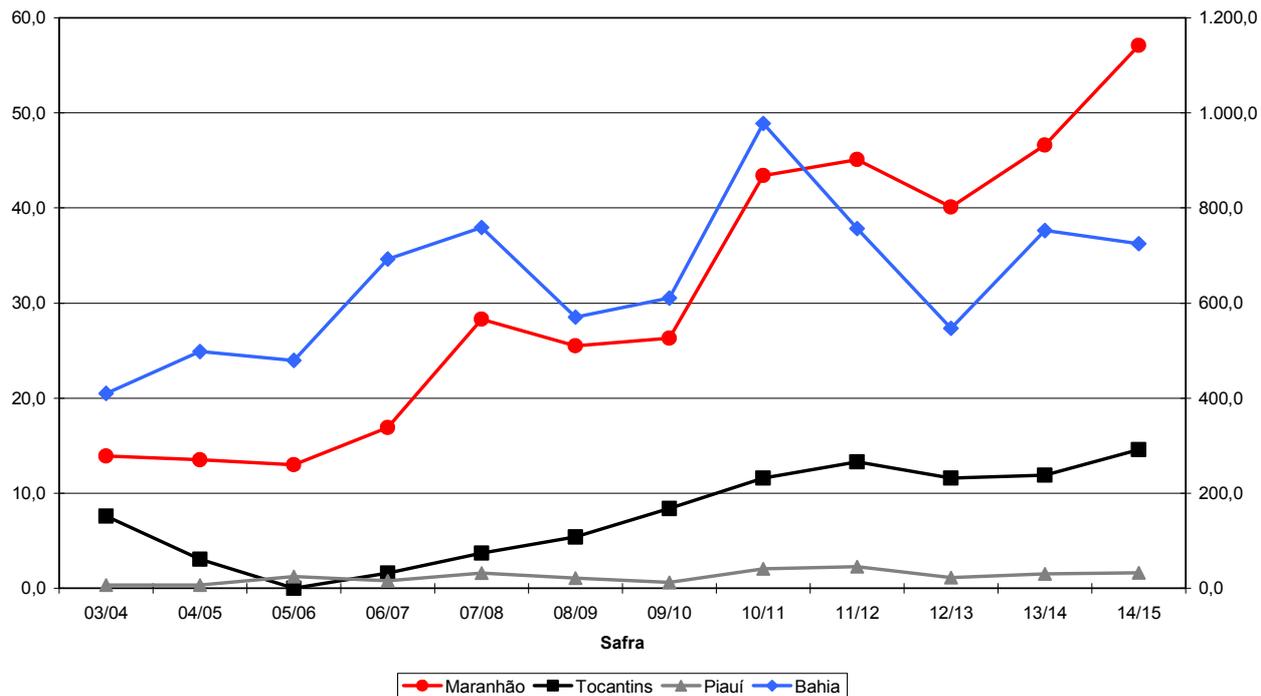
Na Bahia, segundo maior produtor nacional, prevê-se uma redução na área plantada de 25,6 mil hectares, representando uma variação de 8% em relação ao plantio passado. Apesar do veranico registrado no início de janeiro, não houve comprometimento na germinação das lavouras, em decorrência dos bons índices de pluviosidade registrados em dezembro passado.

Na região do Matopiba com exceção dos municípios baianos que nessa safra apresentaram uma redução na área plantada de 8% em relação à passada – 293,8 mil hectares nesta safra, contra 319,4 mil na anterior – a exemplo do que ocorre com a safra de grãos, observa-se uma tendência entre os municípios produtores dos demais estados, na implantação e consolidação da lavoura algodoeira, com vistas ao abastecimento interno, particularmente no atendimento da demanda nordestina, um dos maiores pólos de consumo do país.

No gráfico 38, pode ser visualizado o forte incremento ocorrido. No período compreendido entre a temporada 2003/04 até agora, houve um crescimento de 89,2% na produção regional de algodão em pluma.

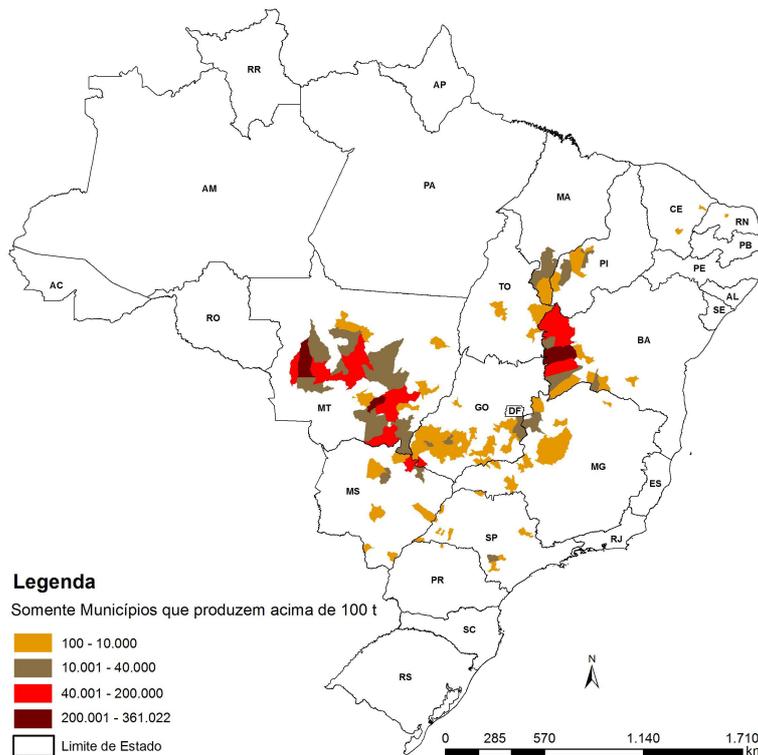
A produção nacional do algodão em pluma está estimada atingir 1.542,9 mil toneladas, representando uma diminuição de 11% quando comparada com a produção do ano anterior, que totalizou 1.734 mil toneladas.

Gráfico 38 – Produção de algodão – MATOPIBA



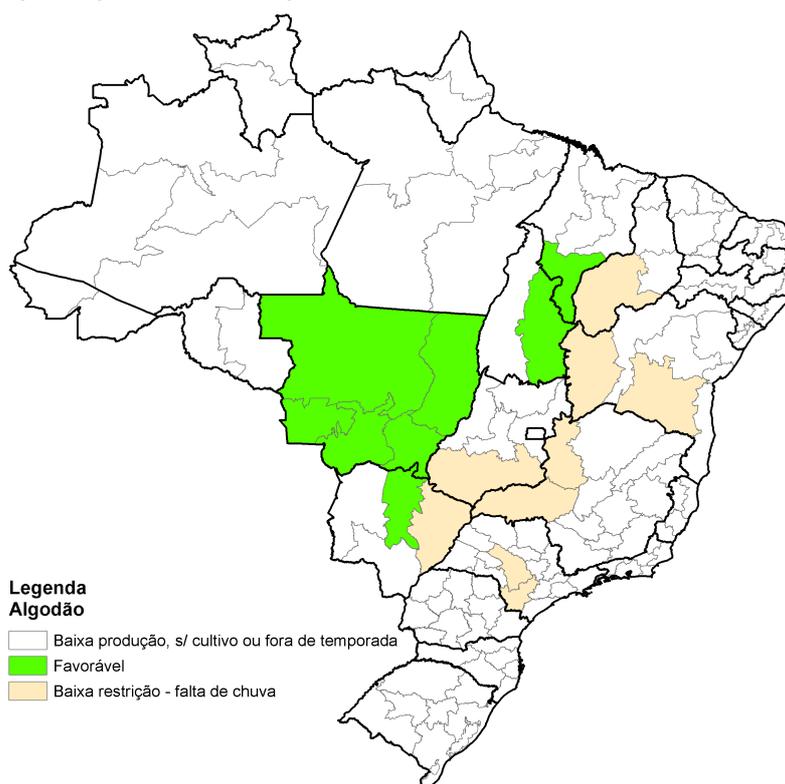
Fonte: Conab.

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 19 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 5 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão	<ul style="list-style-type: none"> - leste do TO (F) - centro norte do MS (DV/F) - todo estado do MT (1ª safra) (DV/F) - todo estado do MT (2ª safra) (G/DV) - sul do MA (F) - sul de GO (2ª safra) (G/DV) 			<ul style="list-style-type: none"> - sudoeste do PI (F) - oeste e centro sul da BA (F) - leste do MS (DV/F) - oeste de MG (F) - sul de SP (F) - sul de GO (1ª safra) (F)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Quadro 1 – Calendário de plantio e colheita – Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P				C	C		
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste												
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	5,7	18,8	4.020	4.163	3,6	19,3	23,7	22,8
TO	4,8	5,7	19,2	4.020	4.163	3,6	19,3	23,7	22,8
NORDESTE	352,8	332,8	(5,7)	3.872	4.030	4,1	1.366,2	1.341,3	(1,8)
MA	18,6	22,9	23,0	4.140	4.125	(0,4)	77,0	94,5	22,7
PI	12,1	13,4	10,7	4.125	4.020	(2,5)	49,9	53,9	8,0
CE	1,8	1,8	-	780	651	(16,5)	1,4	1,2	(14,3)
RN	0,4	0,4	-	3.810	3.810	-	1,5	1,5	-
PB	0,1	0,1	-	660	622	(5,8)	0,1	0,1	-
PE	0,3	0,3	-	540	512	(5,2)	0,2	0,2	-
AL	0,1	0,1	-	480	490	2,1	-	-	-
BA	319,4	293,8	(8,0)	3.870	4.050	4,7	1.236,1	1.189,9	(3,7)
CENTRO-OESTE	734,2	633,8	(13,7)	3.974	3.901	(1,8)	2.917,6	2.472,7	(15,2)
MT	643,1	562,7	(12,5)	3.960	3.875	(2,1)	2.546,7	2.180,5	(14,4)
MS	37,5	32,4	(13,6)	4.275	4.200	(1,8)	160,3	136,1	(15,1)
GO	53,6	38,7	(27,8)	3.930	4.034	2,6	210,6	156,1	(25,9)
SUDESTE	28,9	22,6	(21,8)	3.443	3.580	4,0	99,5	80,9	(18,7)
MG	20,9	18,8	(10,0)	3.469	3.600	3,8	72,5	67,7	(6,6)
SP	8,0	3,8	(52,5)	3.375	3.480	3,1	27,0	13,2	(51,1)
SUL	0,9	0,9	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	(4,8)
PR	0,9	0,9	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	(4,8)
NORTE/NORDESTE	357,6	338,5	(5,3)	3.874	4.032	4,1	1.385,5	1.365,0	(1,5)
CENTRO-SUL	764,0	657,3	(14,0)	3.952	3.888	(1,6)	3.019,2	2.555,6	(15,4)
BRASIL	1.121,6	995,8	(11,2)	3.927	3.937	0,2	4.404,7	3.920,6	(11,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	5,7	18,8	1.548	1.596	3,1	7,4	9,1	23,0
TO	4,8	5,7	19,2	1.548	1.603	3,6	7,4	9,1	23,0
NORDESTE	352,8	332,8	(5,7)	1.515	1.577	4,1	534,6	524,9	(1,8)
MA	18,6	22,9	23,0	1.635	1.629	(0,4)	30,4	37,3	22,7
PI	12,1	13,4	10,7	1.629	1.588	(2,5)	19,7	21,3	8,1
CE	1,8	1,8	-	273	228	(16,5)	0,5	0,4	(20,0)
RN	0,4	0,4	-	1.448	1.448	-	0,6	0,6	-
PB	0,1	0,1	-	231	218	(5,6)	-	-	-
PE	0,3	0,3	-	189	179	(5,3)	0,1	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	168	172	2,4	-	-	-
BA	319,4	293,8	(8,0)	1.513	1.584	4,7	483,3	465,2	(3,7)
CENTRO-OESTE	734,2	633,8	(13,7)	1.569	1.541	(1,8)	1.152,2	976,6	(15,2)
MT	643,1	562,7	(12,5)	1.564	1.531	(2,1)	1.005,9	861,3	(14,4)
MS	37,5	32,4	(13,6)	1.689	1.659	(1,8)	63,3	53,8	(15,0)
GO	53,6	38,7	(27,8)	1.548	1.589	2,6	83,0	61,5	(25,9)
SUDESTE	28,9	22,6	(21,8)	1.349	1.398	3,6	39,0	31,6	(19,0)
MG	20,9	18,8	(10,0)	1.353	1.404	3,8	28,3	26,4	(6,7)
SP	8,0	3,8	(52,5)	1.333	1.375	3,2	10,7	5,2	(51,4)
SUL	0,9	0,9	-	889	778	(12,5)	0,8	0,7	(12,5)
PR	0,9	0,9	-	903	828	(8,3)	0,8	0,7	(12,5)
NORTE/NORDESTE	357,6	338,5	(5,3)	1.516	1.578	4,1	542,0	534,0	(1,5)
CENTRO-SUL	764,0	657,3	(14,0)	1.560	1.535	(1,6)	1.192,0	1.008,9	(15,4)
BRASIL	1.121,6	995,8	(11,2)	1.546	1.549	0,2	1.734,0	1.542,9	(11,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	5,7	18,8	2.472	2.560	3,6	11,9	14,6	22,7
TO	4,8	5,7	19,2	2.472	2.560	3,6	11,9	14,6	22,7
NORDESTE	352,8	332,8	(5,7)	2.357	2.453	4,1	831,5	816,1	(1,9)
MA	18,6	22,9	23,0	2.505	2.496	(0,4)	46,6	57,1	22,5
PI	12,1	13,4	10,7	2.496	2.432	(2,6)	30,2	32,6	7,9
CE	1,8	1,8	-	507	423	(16,6)	0,9	0,8	(11,1)
RN	0,4	0,4	-	2.362	2.362	-	0,9	0,9	-
PB	0,1	0,1	-	429	404	(5,8)	-	-	-
PE	0,3	0,3	-	351	333	(5,1)	0,1	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	312	319	2,2	-	-	-
BA	319,4	293,8	(8,0)	2.357	2.466	4,6	752,8	724,6	(3,7)
CENTRO-OESTE	734,2	633,8	(13,7)	2.404	2.361	(1,8)	1.765,4	1.496,1	(15,3)
MT	643,1	562,7	(12,5)	2.396	2.344	(2,2)	1.540,7	1.319,2	(14,4)
MS	37,5	32,4	(13,6)	2.586	2.541	(1,7)	97,0	82,3	(15,2)
GO	53,6	38,7	(27,8)	2.382	2.445	2,6	127,7	94,6	(25,9)
SUDESTE	28,9	22,6	(21,8)	2.096	2.181	4,1	60,5	49,3	(18,5)
MG	20,9	18,8	(10,0)	2.116	2.196	3,8	44,2	41,3	(6,6)
SP	8,0	3,8	(52,5)	2.042	2.105	3,1	16,3	8,0	(50,9)
SUL	0,9	0,9	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,2	(7,7)
PR	0,9	0,9	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	357,6	338,5	(5,3)	2.359	2.455	4,1	843,4	830,7	(1,5)
CENTRO-SUL	764,0	657,3	(14,0)	2.392	2.353	(1,6)	1.827,2	1.546,6	(15,4)
BRASIL	1.121,6	995,8	(11,2)	2.381	2.387	0,3	2.670,6	2.377,3	(11,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

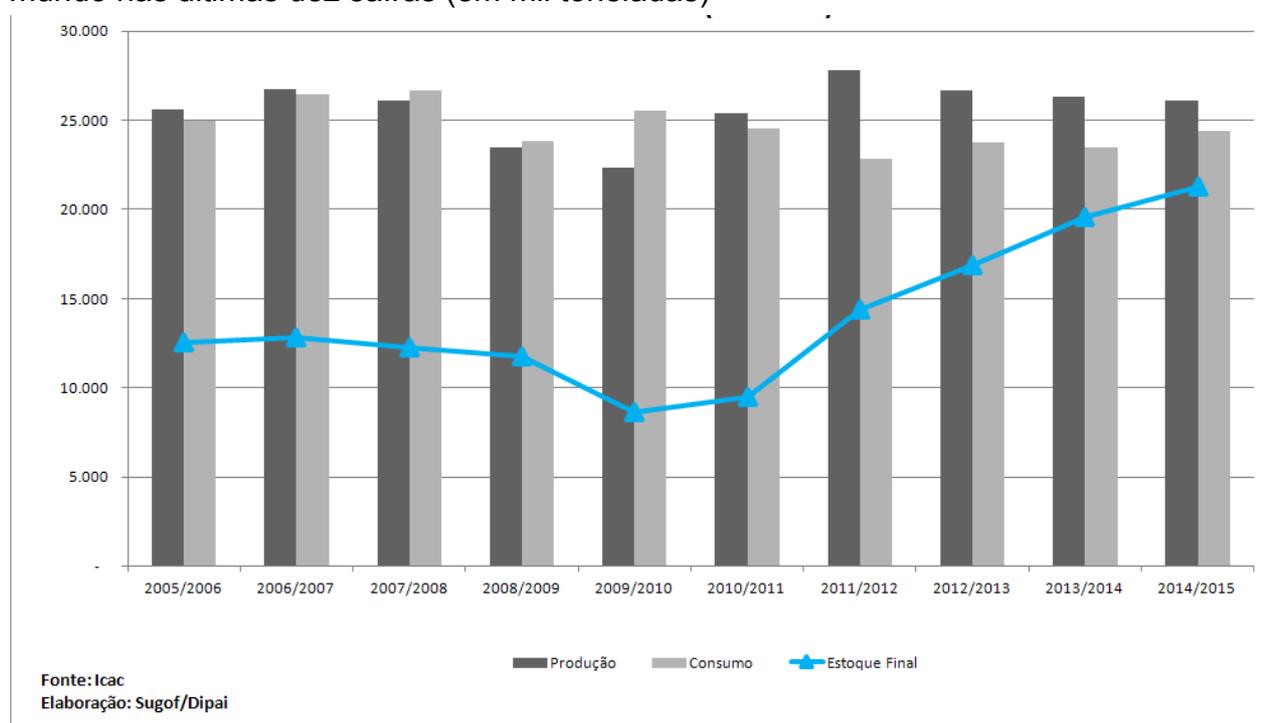
10.1.1.1. Oferta e demanda

Panorama mundial

O mercado mundial do algodão segue com disponibilidade do produto bastante superior ao consumo. A relação estoque versus consumo, na corrente ano safra, de acordo com o Comitê Consultivo do Algodão (ICAC – sigla em inglês) é de 85,6%, historicamente este índice oscila entre 35% e 40%. Contudo, destaca-se que cerca de 58% dos estoques estão concentrados na China.

A despeito da expectativa de redução da produção e de um leve aumento do consumo, os preços ainda são impactados negativamente pelo grande volume dos estoques e produção superior ao consumo. Para detalhes ver Gráfico 39.

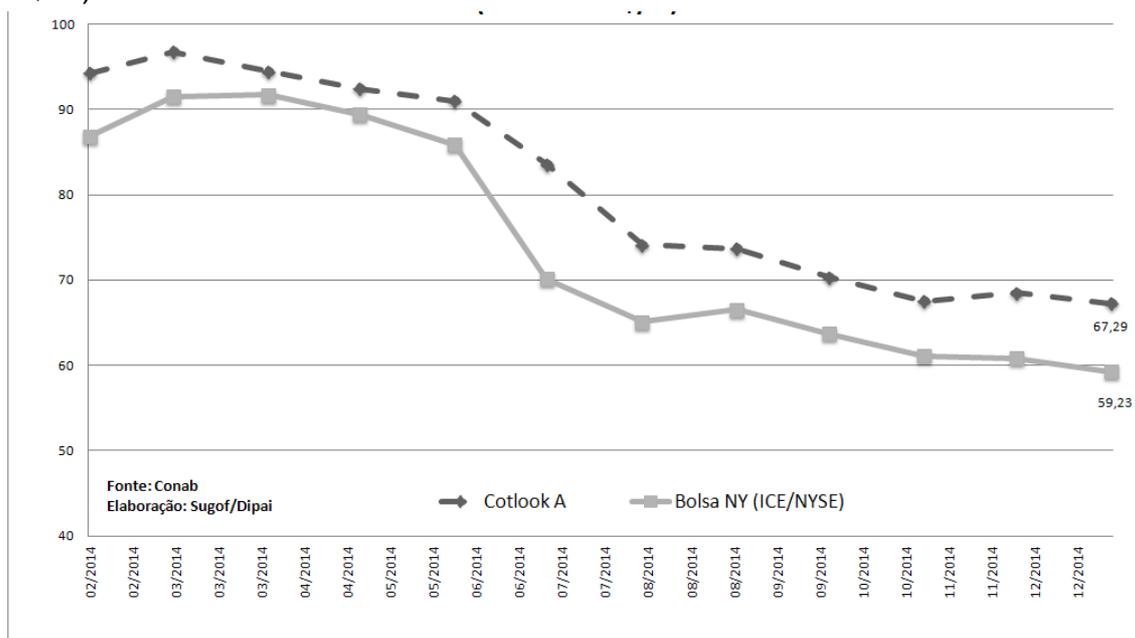
Gráfico 39 – Comparativo de produção, consumo e estoque final de algodão no mundo nas últimas dez safras (em mil toneladas)



Preços internacionais

Motivados pela demanda inferior à oferta de algodão, os preços internacionais da pluma mantiveram-se em queda ao longo de o todo período analisado (fevereiro de 2014 a janeiro 2015). Para detalhes Gráfico 40.

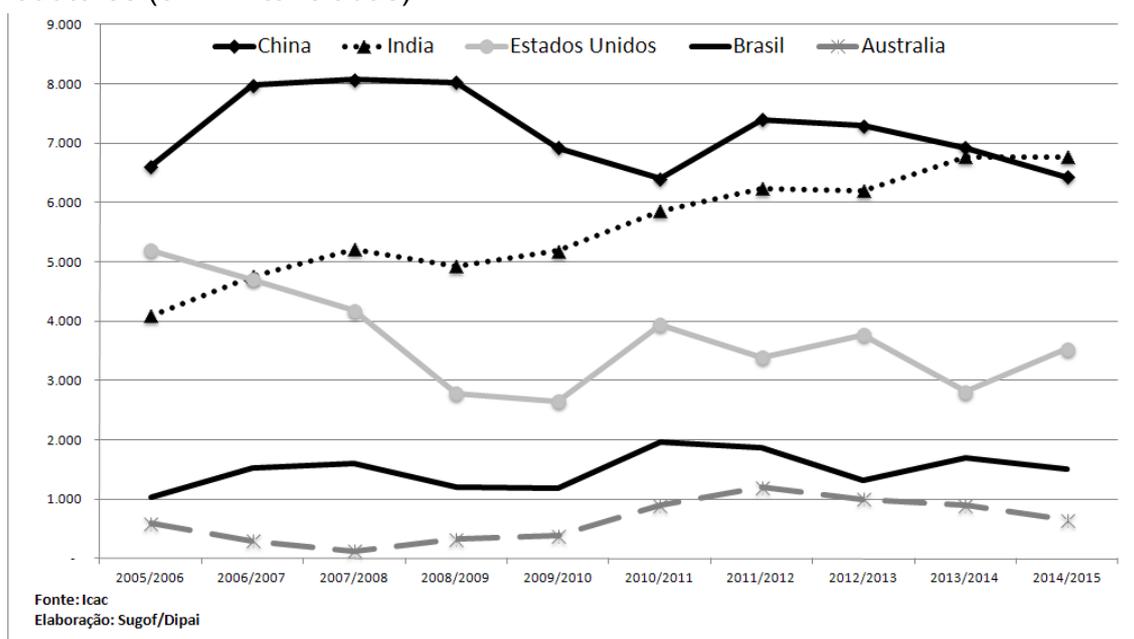
Gráfico 40 – Preços internacionais médios mensais (FOB) – 12 meses (em cents US\$/lb)



Panorama nacional

A quinta pesquisa de levantamento da safra 2014/15, realizada pela Conab, aponta para uma produção de 1.542,9 mil toneladas de pluma, indicando uma redução em valores absolutos de 191,1 mil toneladas, ou 11,02%, em termos percentuais, em comparação à safra precedente. Cabe destacar que a justificativa para esse declínio é justificada pela contínua redução dos preços internacionais e domésticos da commodity ao longo dos últimos doze meses. Ver Gráfico 41 para comparativo da produção brasileira com os demais países produtores.

Gráfico 41 – Evolução da produção de algodão nas últimas dez safras – Principais produtores (em mil toneladas)



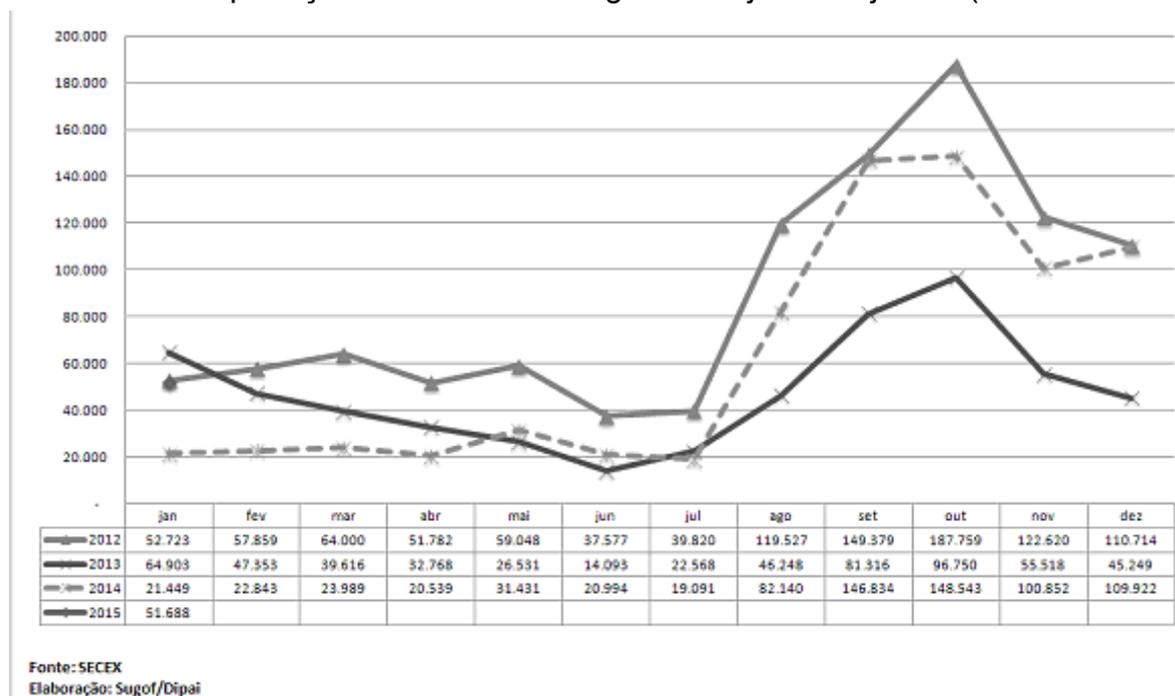
Informações sobre o consumo nacional

A Conab manteve inalteradas suas projeções de consumo para o ano 2015 em 850 mil toneladas.

Análise de exportações líquidas brasileiras

O montante total das exportações brasileiras de algodão em 2014 foi de 748,6 mil toneladas, ou seja, 30,67% superior ao volume exportado em 2013, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma, ocupado pelo país.

Gráfico 42 – Exportações brasileiras de algodão de jan/12 a jan/15 (em mil toneladas)



Oferta e demanda

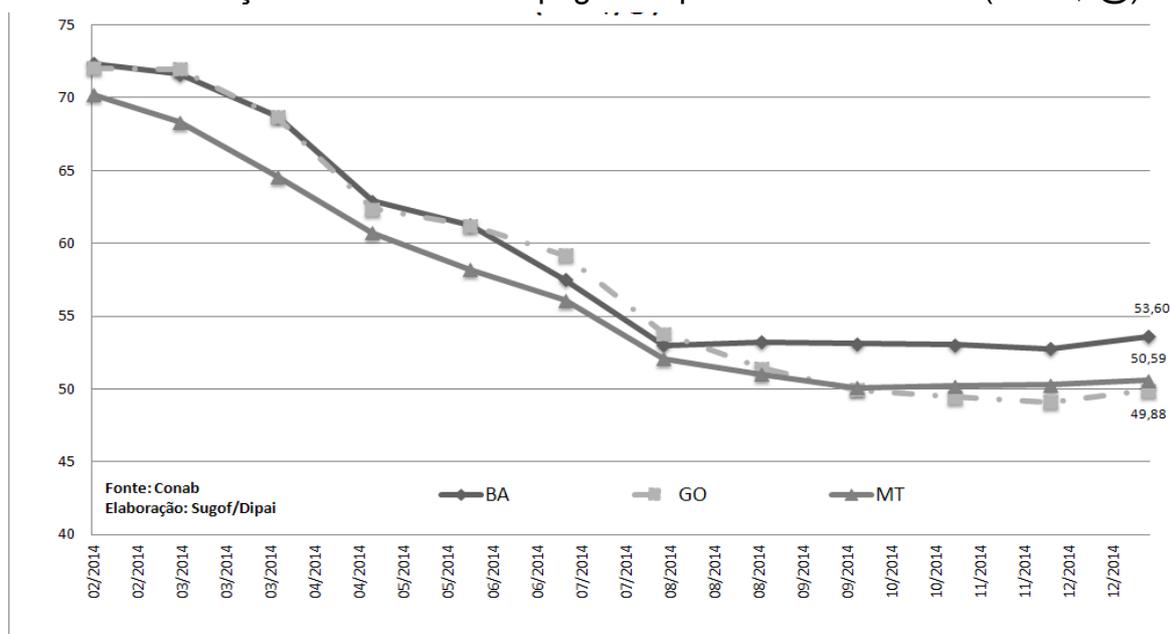
Diante do cenário ora apresentado, a atual configuração do quadro de suprimento estimado para 2015 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 2.032,8 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.550 mil toneladas.

Com a redução da produção e demais ajustes, comparados à safra precedente, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2015 passa a ser de 482,8 mil toneladas de pluma, significando, assim, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação por um período aproximado de três meses e vinte dias.

Preços nacionais

Os preços domésticos do algodão são intimamente atrelados às cotações internacionais e ao câmbio; assim colocado, é bom relatar que a tendência de queda dos preços internacionais exerceu impacto negativo direto sobre as cotações domésticas da pluma. Contudo, faz-se necessário destacar que a desvalorização do câmbio, a partir de julho de 2014, exerceu papel atenuante no movimento de queda dos preços internos.

Gráfico 43 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses (em R\$/@)



10.1.2. Amendoim

10.1.2.1. Amendoim primeira safra

Em Minas Gerais a área de cultivo de amendoim está estimada em 2,7 mil hectares, acréscimo de 3,8% em relação à safra anterior. Estima-se uma produtividade média de 3.680 kg/ha, resultando numa produção de 9,9 mil toneladas, acréscimo de 3,1% em relação à safra anterior.

O plantio comercial de amendoim tem se concentrado, basicamente, no Triângulo Mineiro, que responde por 80% da área de cultivo e por 93% do volume de produção do estado. Nesta região as lavouras são altamente tecnificadas, com sementes de boa qualidade (IAC505) e plantadas, normalmente, em novembro e dezembro, com colheita entre março e maio. O plantio encontra-se concluído.

Já nas demais regiões – Norte, Rio Doce, Jequitinhonha/Mucuri e Central – a cultura do amendoim ocupa pequenas áreas de agricultura familiar, exploradas com baixo nível tecnológico, e 20% respondem pelos restantes de área de cultivo é de 7% da produção estadual, obedecendo ao mesmo calendário de plantio.

Em São Paulo, maior produtor de amendoim do país, a cultura apresenta problemas de expansão devido à indisponibilidade de terras para o seu crescimento. Um dos motivos é a menor renovação dos canaviais, com a qual faz a rotação de cultura. O amendoim está com 60% em frutificação e 40% em maturação. Em torno de 80% da produção é destinada aos mercados da Europa.

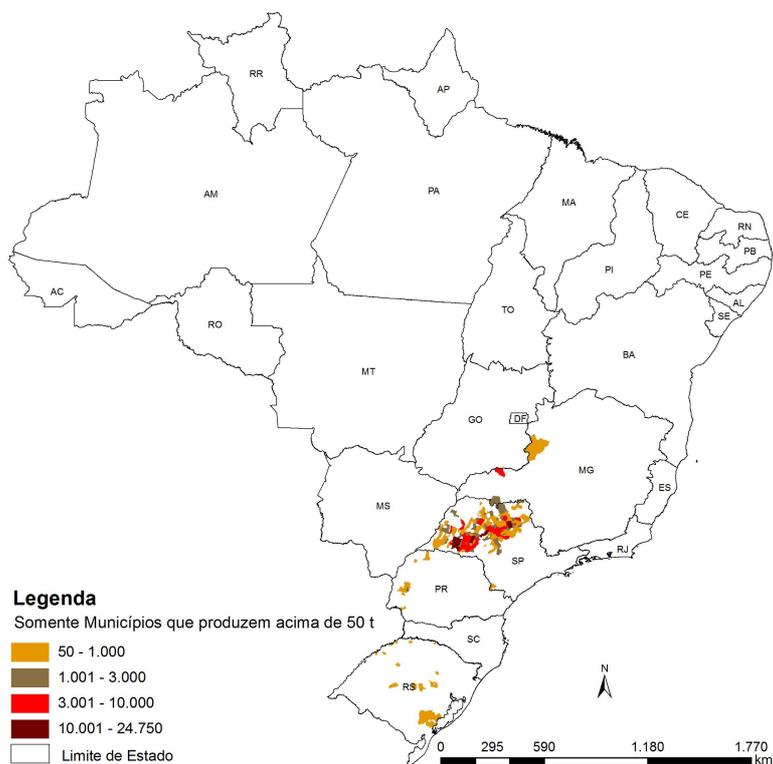
Quadro 2 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

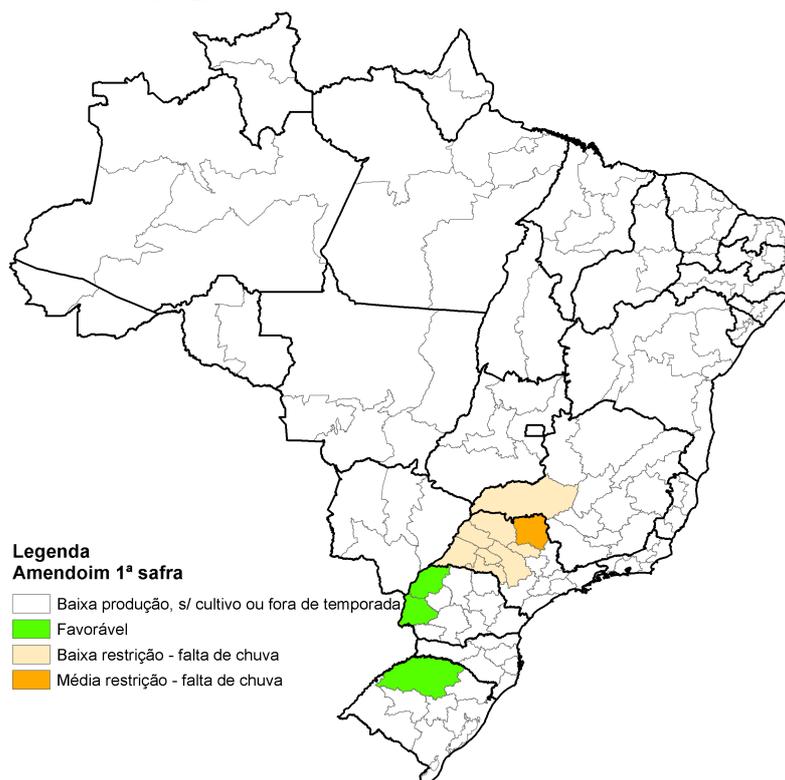
Fonte: Conab.

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 21 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 9 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Amendoim 1ª safra	- noroeste do RS (FR) - oeste do PR (FR/M), exceto regiões pontuais			- Triângulo MG (FR) - todo estado de SP (FR) - regiões pontuais do oeste do PR (FR)**

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim primeira safra

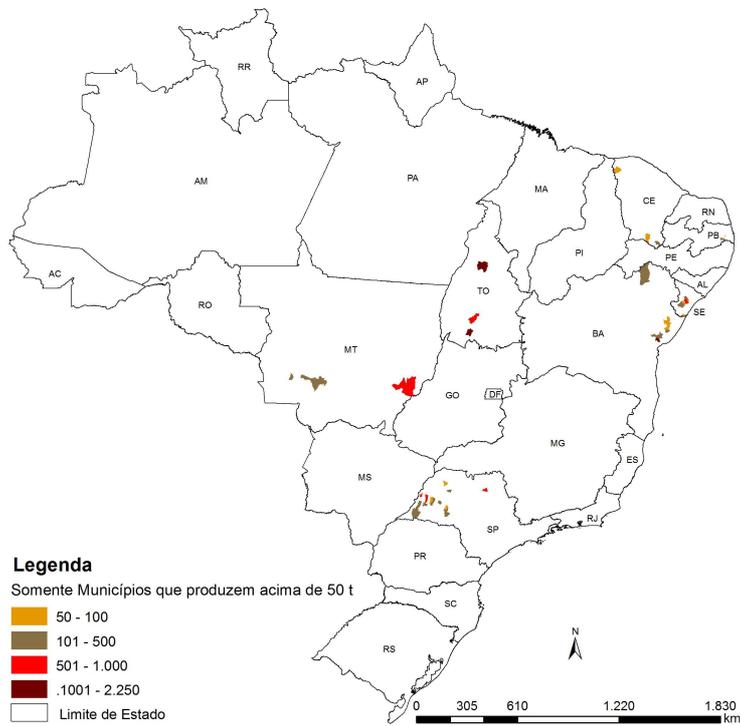
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	88,8	77,8	(12,4)	3.162	3.185	0,7	280,8	247,7	(11,8)
MG	2,6	2,7	3,8	3.680	3.680	-	9,6	9,9	3,1
SP	86,2	75,1	(12,9)	3.146	3.167	0,7	271,2	237,8	(12,3)
SUL	5,4	5,3	(1,9)	1.998	2.090	4,6	10,8	11,1	2,8
PR	2,2	2,2	(2,0)	2.408	2.582	7,2	5,3	5,7	7,5
RS	3,2	3,1	(1,6)	1.716	1.741	1,5	5,5	5,4	(1,8)
CENTRO-SUL	94,2	83,1	(11,8)	3.095	3.115	0,6	291,6	258,8	(11,2)
BRASIL	94,2	83,1	(11,8)	3.095	3.115	0,6	291,6	258,8	(11,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.1.2.2. Amendoim segunda safra

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 23 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

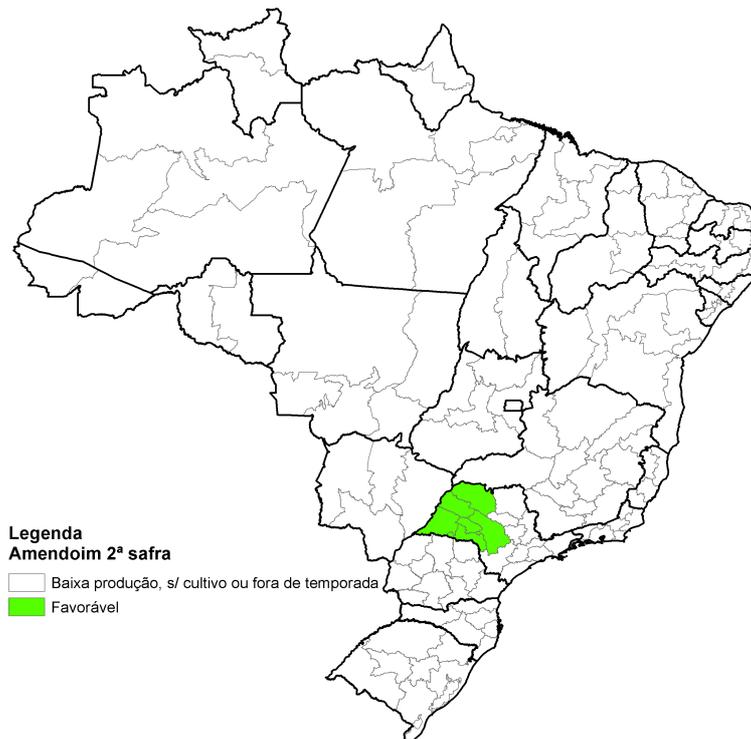


Tabela 11 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Amendoim safra 2ª	todo estado de SP (PP)			

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab

Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO				P	P		C	C				
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P			C	C					
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

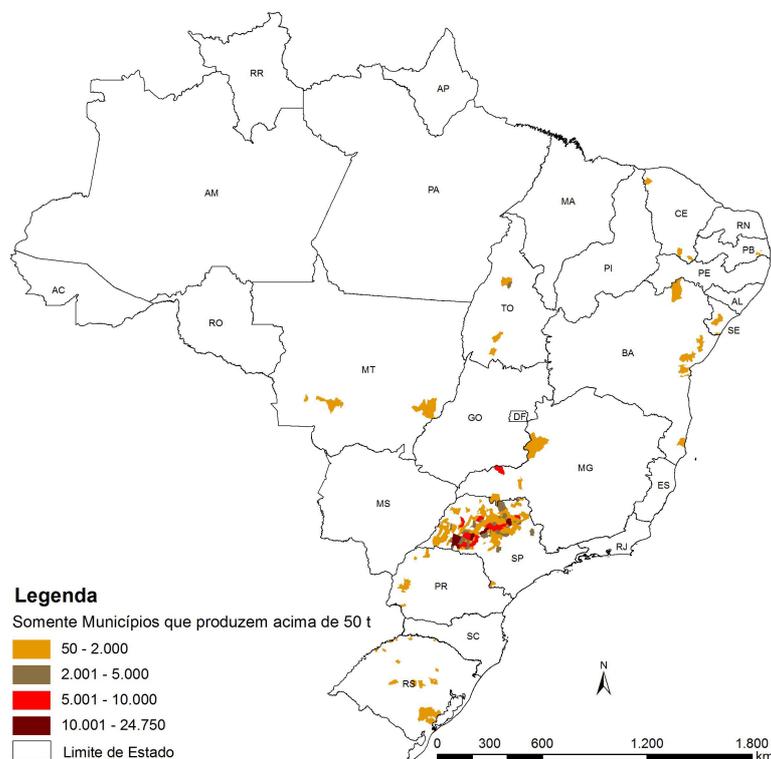
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,8	2,5	212,5	3.556	3.753	5,5	2,8	9,4	235,7
TO	0,8	2,5	214,8	3.556	3.753	5,5	2,8	9,4	235,7
NORDESTE	3,9	3,9	-	1.215	783	(35,6)	4,8	3,1	(35,4)
CE	1,0	1,0	-	1.154	139	(88,0)	1,2	0,1	(91,7)
PB	0,3	0,3	-	319	550	72,4	0,1	0,2	100,0
SE	1,3	1,3	-	1.740	1.220	(29,9)	2,3	1,6	(30,4)
BA	1,3	1,3	-	945	895	(5,3)	1,2	1,2	-
CENTRO-OESTE	0,4	0,4	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	10,0
MT	0,4	0,4	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	10,0
SUDESTE	6,0	6,0	-	2.600	2.674	2,8	15,6	16,0	2,6
SP	6,0	6,0	-	2.600	2.674	2,8	15,6	16,0	2,6
NORTE/NORDESTE	4,7	6,4	36,2	1.804	1.943	7,7	7,6	12,5	64,5
CENTRO-SUL	6,4	6,4	-	2.594	2.671	3,0	16,6	17,1	3,0
BRASIL	11,1	12,8	15,3	2.179	2.307	5,9	24,2	29,6	22,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.1.2.3. Amendoim total

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,8	2,5	212,5	3.556	3.753	5,5	2,8	9,4	235,7
TO	0,8	2,5	212,5	3.556	3.753	5,5	2,8	9,4	235,7
NORDESTE	3,9	3,9	-	1.215	783	(35,6)	4,8	3,1	(35,4)
CE	1,0	1,0	-	1.154	139	(88,0)	1,2	0,1	(91,7)
PB	0,3	0,3	-	319	550	72,4	0,1	0,2	100,0
SE	1,3	1,3	-	1.740	1.220	(29,9)	2,3	1,6	(30,4)
BA	1,3	1,3	-	945	895	(5,3)	1,2	1,2	-
CENTRO-OESTE	0,4	0,4	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	10,0
MT	0,4	0,4	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	10,0
SUDESTE	94,8	83,8	(11,6)	3.126	3.148	0,7	296,4	263,7	(11,0)
MG	2,6	2,7	3,8	3.680	3.680	-	9,6	9,9	3,1
SP	92,2	81,1	(12,0)	3.110	3.131	0,6	286,8	253,8	(11,5)
SUL	5,4	5,3	(1,9)	1.998	2.090	4,6	10,8	11,1	2,8
PR	2,2	2,2	-	2.408	2.582	7,2	5,3	5,7	7,5
RS	3,2	3,1	(3,1)	1.716	1.741	1,5	5,5	5,4	(1,8)
NORTE/NORDESTE	4,7	6,4	36,2	1.614	1.943	20,4	7,6	12,5	64,5
CENTRO-SUL	100,6	89,5	(11,0)	3.063	3.083	0,7	308,2	275,9	(10,5)
BRASIL	105,3	95,9	(8,9)	2.998	3.007	0,3	315,8	288,4	(8,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.1.3. Arroz

O levantamento de safra de arroz aponta para um decréscimo de área plantada de 1,9% em relação à safra 2013/14. A produção deve ficar no mesmo patamar da safra anterior, ultrapassando os 12 milhões de toneladas.

No Rio Grande do Sul, onde se registra a maior área plantada do país, a área cultivada com arroz na safra 2014/15 está estimada em 1.119,2 mil hectares, 0,1% menor que a cultivada na safra anterior. A semeadura que iniciou em setembro, atrasou, em comparação com a área que estava semeada no mesmo período nas safras anteriores. Dentro da janela ideal indicada pela pesquisa – 20 de novembro – foram semeadas 85% da área prevista. As 15% restantes poderão influenciar nos índices de produtividade da lavoura como um todo.

Dentre os fatores que podem influenciar na lucratividade do produtor está no maior uso de insumos agrícolas, como dessecantes, que devido à alta umidade do solo, tiveram suas doses aumentadas, como também o número de aplicações necessárias, devido à dificuldade de entrar na lavoura no momento ideal. Além disso, o uso da aviação agrícola foi intenso, pelos mesmos motivos. Esta prática, além de onerar a lavoura, provocou perda em lavouras adjacentes pela deriva da pulverização.

A quantidade de água disponível nos mananciais é suficiente para a irrigação. O aumento da energia elétrica, insumo altamente impactante no custo de produção, preocupa os produtores.

A variação do uso de materiais propagativos é acentuada de uma região para outra, com predomínio absoluto do CL (Clear Field) Puitá. Verificado também o crescimento do CL Guri, embora sua suscetibilidade maior às doenças do arroz crie algumas limitações.

Os materiais nobres (BR IRGA 409 e 417) estão perdendo terreno para materiais com maior produtividade (IRGA 424 e IRGA 428). O sistema de cultivo pré-germinado tem significância com alguns municípios (Cachoeira do Sul e Eldorado do Sul), utilizando o sistema em mais de 30% da área cultivada com arroz. O clima não tem sido dos melhores nesta safra até o momento deste levantamento. Longos períodos de tempo nublado impedem a incidência da radiação solar e prejudica intensamente as lavouras que estão no período de floração, principalmente. As altas temperaturas associadas à elevada umidade relativa do ar favorecem à incidência e proliferação de doenças, onde a brusone (*Pyricularia grisea*; *Pyricularia oryzae*) é a principal, uma vez que seu ataque influencia diretamente na produção. O controle está dificultado pela escassez do agroquímico específico no mercado.

Em Santa Catarina o clima para o plantio da nova safra foi favorável, embora, na parte sul do estado, os reservatórios de águas e os rios que fornecem água para irrigação esteja com um volume abaixo da média. Não há informações de ataques de pragas e nem doenças nas culturas.

Nas regiões do vale do Itajaí e litoral norte do estado, o plantio tem início no final de junho, enquanto que na região sul o plantio foi a partir do início de setembro. Pode-se observar que parte das lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo 24,3%, na fase de floração 30,2%, em formação de grãos 26,4%, na fase de maturação 14,3% e somente 4,9% já foram colhidas

A área de plantio terá uma leve redução (1,5%) em relação à safra anterior. Esta área será utilizada para outras culturas, como milho, hortifrutigranjeiro, maracujá, mandioca, entre outras.

Para o Tocantins a estimativa da produção de arroz é de 580,7 mil toneladas, para o arroz de sequeiro a expectativa é de crescimento de 12,9% da área a ser cultivada em relação à safra anterior. O plantio é realizado pelo sistema convencional e a cultura se

apresenta, em sua maioria, no estágio de desenvolvimento vegetativo.

A área estimada de plantio do arroz irrigado em Tocantins é de 82,7 mil hectares. O sistema utilizado é, em sua maioria, 79,5% convencional, sendo 20,5% no sistema de plantio direto. O estágio da cultura que prevalece no momento da pesquisa é de 2,7% em estágio de germinação, em desenvolvimento vegetativo 37,6%, em floração 21,1%, frutificação 28,5%, em maturação 6% e 4,2% já colhidos.

No Piauí é previsto redução na área de 5,5% em relação à safra anterior. Apesar de alguns produtores ainda introduzirem a presente cultura como forma de correção de solo, para posterior plantio de soja, a maioria tem optado pelo plantio de soja em terras novas, mesmo que se apresente baixo rendimento nos primeiros anos, fato compensado por remuneração melhor de oleaginosa em detrimento do cereal.

No Paraná a área deve sofrer redução de 5,1%, passando de 29,7 mil hectares para 28,2 mil hectares. A colheita já se iniciou, com cerca de 15% da área colhida. As lavouras estão em boas condições, com produção estimada de 161,6 mil toneladas.

Em Rondônia a cultura está se desenvolvendo bem. Essa lavoura em épocas anteriores era efetuada para a abertura de novas áreas. Atualmente, o cultivo tem sido realizado em algumas áreas com solo bem abastecido, do ponto de vista hídrico, e também em áreas de pastagens que estão recebendo insumos para a sua recuperação. A redução na área plantada do estado (7,8%) é em função que não há, para esta safra, a abertura de áreas novas.

Nesse estado, duas grandes empresas comercializadoras de arroz são as financiadoras da maioria das lavouras existentes e responsáveis pelo acompanhamento da lavoura. Essas empresas fornecem a semente selecionada, adubos, inseticidas, insumos, óleo (combustível) e até recursos financeiros; em resumo, existe um fomento de toda a cadeia produtiva. Uma parte de sua produção é comercializada para os mercados de Rio Branco (AC), Boa Vista (RR), Manaus (AM), Bolívia e até o Peru.

O início do plantio sofreu um pouco de atraso em função das chuvas que começaram um pouco mais tarde. Essas lavouras estão se desenvolvendo bem em suas diversas fases e se encontram com 50% em floração, frutificação 40% e maturação 10%. Não há informações de regiões onde a colheita foi iniciada.

Em Mato Grosso do Sul, a área cultivada nesta safra deve sofrer queda de 19,4% superior em relação à safra passada. No estado, a cultura é totalmente irrigada, sendo que a produtividade manteve-se inalterada em relação à safra passada, na ordem de 6.150 kg/ha.

O aumento na área se deve ao retorno do arroz às áreas de várzea, migradas para a soja, uma vez que a produtividade média do arroz é o dobro em relação à soja, cujo o custo de produção é menor e o preço praticado está atrativo. Devido ao escalonamento do plantio realizado pelos produtores, o arroz é semeado em épocas diferentes, inclusive no período atual. Com isso, essa cultura apresentou diferentes estádios, desde a semeadura até a maturação, com aproximadamente 40% da área já colhida.

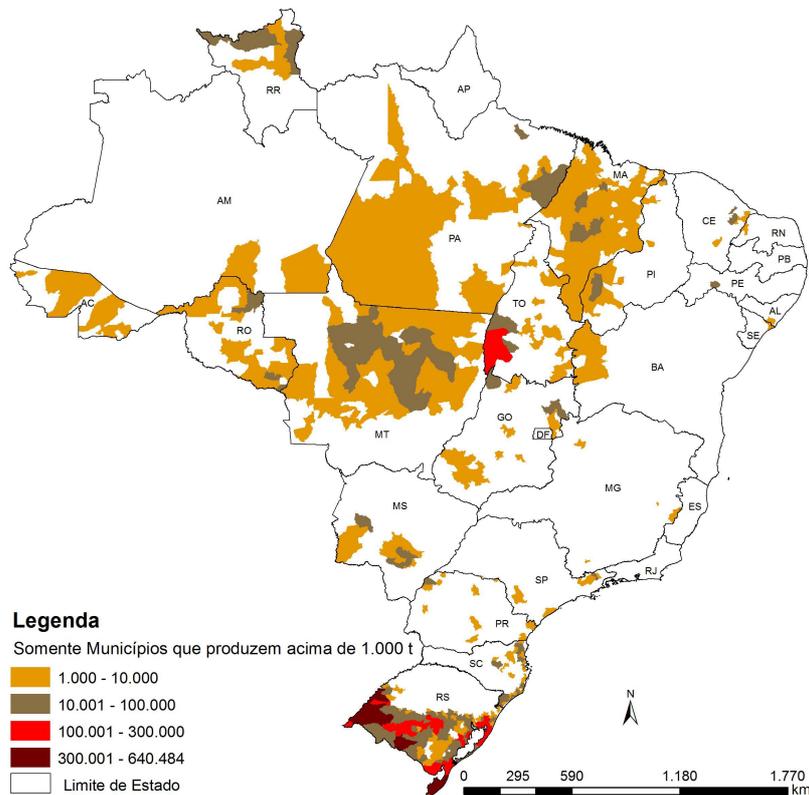
Em Minas Gerais a redução no plantio, comparativamente à safra passada, explica-se pelo aumento no custo da mão de obra, pelos baixos preços de mercado, perda de competitividade em relação a outras culturas como milho, soja e feijão, à vulnerabilidade aos riscos climáticos e às restrições ao cultivo em áreas de várzea.

O plantio está estimado em 12 mil hectares. Com a irregularidade das chuvas em novembro, o plantio foi atrasado nas regiões produtoras. O plantio foi encerrado em dezembro. Predomina o cultivo de subsistência, e as lavouras são geralmente conduzidas com baixo nível de tecnologia, mas espera-se uma recuperação nos níveis de produtividade em torno de 13,4% em relação à safra anterior, que sofreu severas perdas

com a estiagem. Ainda assim, projeta-se uma queda de 29,8% na produção, que deve ficar em 27,5 mil toneladas.

A aquisição de arroz através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), pelas Prefeituras e governos estaduais, tem contribuído para a manutenção do cultivo do produto em algumas regiões de Minas Gerais, considerando a aquisição através da agricultura familiar.

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

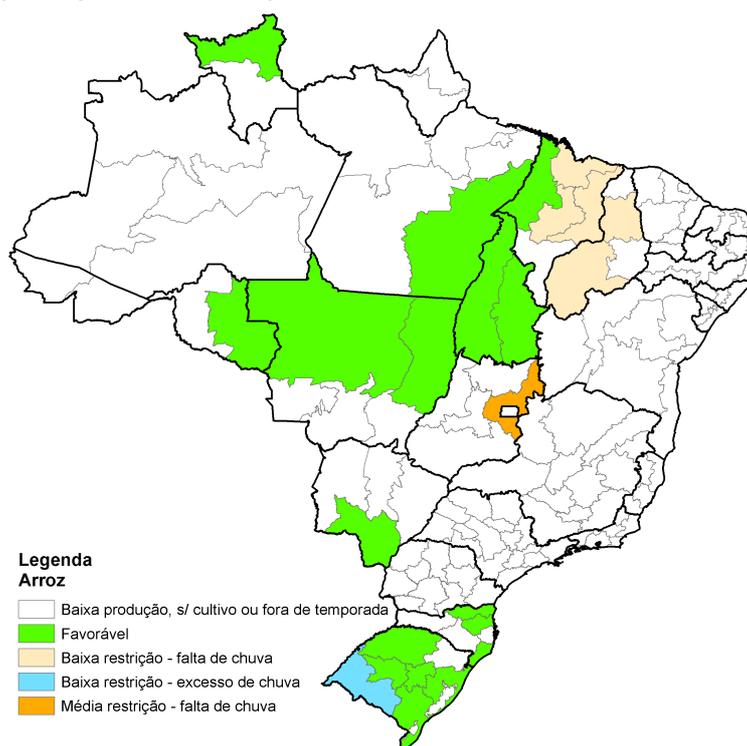
Tabela 14 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Arroz	<ul style="list-style-type: none"> - leste de RO (F) - sudeste do PA (G/DV) - leste do TO (FR), exceto regiões pontuais - oeste do MA (G/DV), exceto regiões pontuais - leste de SC (F/FR) - irrigado - todo estado do RS, exceto sudoeste (F/FR) - norte e nordeste do MT (FR), exceto regiões pontuais - sudoeste do MS (FR), exceto regiões pontuais 	<ul style="list-style-type: none"> - sudoeste do RS - restrições por falta de luminosidade na 1ª quinzena de jan. em regiões pontuais por enchentes (F/FR) 	<ul style="list-style-type: none"> - norte de RR (M) - irrigado - oeste do TO (M) - irrigado 	<ul style="list-style-type: none"> - regiões pontuais do leste do TO (FR)** - regiões pontuais do oeste do MA (G/DV)** - norte, leste e centro do MA (G/DV) - centro-norte do PI (G/DV) - sudoeste do PI (FR) - leste de GO (FR) - regiões pontuais do norte e nordeste do MT (FR)** - regiões pontuais do sudoeste do MS (FR)**

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Figura 26 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P			
RO	P	P	P		C	C	C				C	C
AC	P	P	P		C	C	C					
AM	P	P	P		C	C	C					
AP				P	P	P			C	C	C	
PA	P	P	P	P/C	P/C	P/C	P/C	C	C	C	C	P
TO	P	P	P	P/C	C	C	C	C				P
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
CE				P	P	P		C	C	C	C	
RN	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
PB				P	P	P			C	C	C	
PE	C	C		P	P	P		C	C	C	C	C
AL	P	P	P	C	C	C	C				C	P
SE	P	P		C	C	C						P
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
MS	P	P	P/C	C	C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Em Goiás a cultura é altamente dependente de ações do governo estadual (lavoura comunitária), com exceções dos plantios irrigados. Estima-se que o plantio está encerrado e que a produção sofrerá redução de 28,8%.

Em São Paulo a produção de arroz sinaliza queda de área plantada de 3,9%, uma vez que os preços pagos ao produtor desestimulou o seu cultivo. Há expectativa de aumento na produtividade de 8,6% em relação à safra anterior. O plantio está todo finalizado. Registre-se que o arroz consumido nos grandes centros do estado é oriundo do Rio Grande do Sul. O arroz paulista é consumido nas próprias regiões produtoras.

Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	268,9	269,0	-	3.597	3.729	3,7	967,2	1.003,2	3,7
RR	12,0	14,5	20,8	6.500	6.500	-	78,0	94,3	20,9
RO	48,5	44,7	(7,8)	2.819	2.794	(0,9)	136,7	124,9	(8,6)
AC	7,5	6,5	(13,3)	1.201	1.370	14,1	9,0	8,9	(1,1)
AM	3,4	3,4	-	2.261	2.288	1,2	7,7	7,8	1,3
AP	2,0	1,6	(20,0)	1.218	1.255	3,0	2,4	2,0	(16,7)
PA	81,6	77,0	(5,6)	2.326	2.398	3,1	189,8	184,6	(2,7)
TO	113,9	121,3	6,5	4.773	4.787	0,3	543,6	580,7	6,8
NORDESTE	539,5	514,9	(4,6)	1.695	1.698	0,2	914,6	874,3	(4,4)
MA	389,1	370,4	(4,8)	1.692	1.546	(8,6)	658,4	572,6	(13,0)
PI	105,9	100,1	(5,5)	1.400	1.656	18,3	148,3	165,8	11,8
CE	22,1	22,1	-	1.436	2.417	68,3	31,7	53,4	68,5
RN	1,5	1,5	-	3.074	3.215	4,6	4,6	4,8	4,3
PB	1,2	1,2	-	817	837	2,4	1,0	1,0	-
PE	0,7	0,7	-	6.923	7.098	2,5	4,8	5,0	4,2
AL	3,1	3,1	-	5.858	5.987	2,2	18,2	18,6	2,2
SE	7,1	7,1	-	5.570	5.701	2,4	39,5	40,5	2,5
BA	8,8	8,7	(1,7)	920	1.447	57,3	8,1	12,6	55,6
CENTRO-OESTE	229,8	222,8	(3,0)	3.543	3.575	0,9	814,1	796,5	(2,2)
MT	176,3	176,3	-	3.285	3.308	0,7	579,1	583,2	0,7
MS	15,5	18,5	19,4	6.150	6.150	-	95,3	113,8	19,4
GO	38,0	28,0	(26,3)	3.677	3.553	(3,4)	139,7	99,5	(28,8)
SUDESTE	34,8	26,9	(22,7)	2.485	2.860	15,1	86,5	76,9	(11,1)
MG	19,4	12,0	(38,1)	2.020	2.290	13,4	39,2	27,5	(29,8)
ES	0,5	0,5	-	2.557	2.806	9,7	1,3	1,4	7,7
RJ	0,9	0,9	-	3.476	3.492	0,5	3,1	3,1	-
SP	14,0	13,5	(3,9)	3.063	3.326	8,6	42,9	44,9	4,7
SUL	1.299,9	1.295,3	(0,4)	7.185	7.249	0,9	9.339,2	9.389,3	0,5
PR	29,7	28,2	(5,1)	5.356	5.731	7,0	159,1	161,6	1,6
SC	150,1	147,9	(1,5)	7.110	7.150	0,6	1.067,2	1.057,5	(0,9)
RS	1.120,1	1.119,2	(0,1)	7.243	7.300	0,8	8.112,9	8.170,2	0,7
NORTE/NORDESTE	808,4	783,9	(3,0)	2.328	2.395	2,9	1.881,8	1.877,5	(0,2)
CENTRO-SUL	1.564,5	1.545,0	(1,2)	6.545	6.642	1,5	10.239,8	10.262,7	0,2
BRASIL	2.372,9	2.328,9	(1,9)	5.108	5.213	2,0	12.121,6	12.140,2	0,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.1.3.1. Oferta e demanda

Panorama mundial

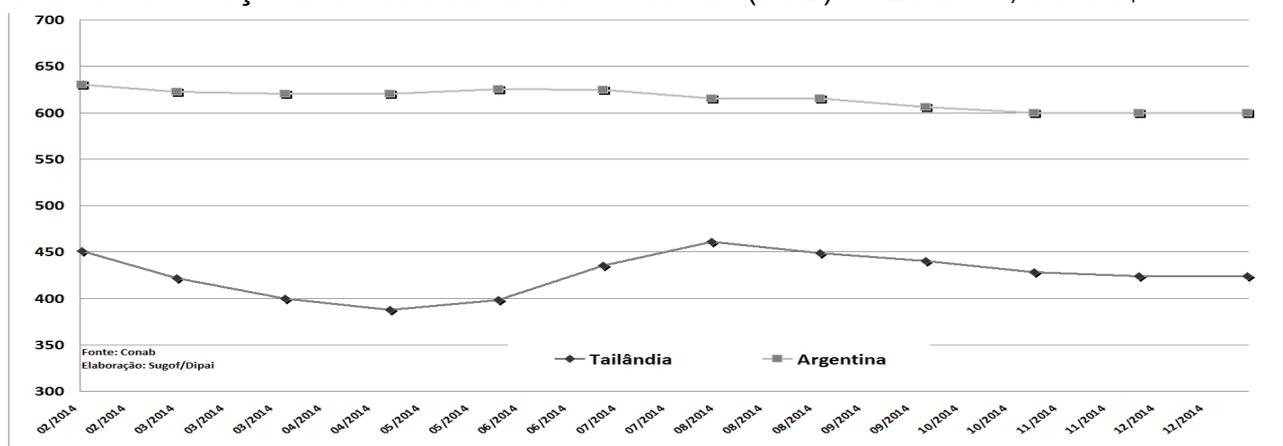
Segundo os dados divulgados pelo FAS/USDA, para a safra 2014/15, a produção mundial de arroz deverá ser de 709,7 milhões de toneladas base casca ou 475,4 milhões de toneladas de arroz beneficiado. Em comparação com a safra passada haverá ligeira redução de 0,3% na produção. Isto significa um deficit em relação ao consumo de 11,7 milhões de toneladas, o que levará a redução dos estoques mundiais de arroz.

Preços internacionais

Na contra-mão do deficit entre a produção e o consumo mundial, os preços na Tailândia e Argentina apresentam viés de baixa nos últimos doze meses.

O mercado tem sido pressionado pelo elevado volume de estoques tailandeses que correspondem a aproximadamente 50% da sua produção anual e a 100% do seu consumo.

Gráfico 44 – Preços internacionais médios mensais (FOB) – 12 meses, em US\$/t



Panorama nacional

Os trabalhos de colheita do arroz no Rio Grande do Sul, que representa cerca de 67% da produção nacional do produto, estão iniciando em fevereiro, porém, se intensificarão a partir de março. Até o momento, o produto que vinha sendo disponibilizado ao mercado tinha como origem os estoques dos produtores e indústrias, além da parcela que entra no país advinda da Argentina, Paraguai e Tailândia.

Para a atual safra agrícola brasileira 2014/15 de arroz, a produção deverá ser 0,2% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.140,2 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorre devido à expectativa de aumento da produtividade, pois a área semeada deverá ser 1,9% inferior ao ciclo passado.

O consumo da safra agrícola 2014/15 é estimado em 12 milhões de toneladas, o que resultará em um estoque de passagem de 843,9 mil toneladas em 28 de fevereiro de 2016.

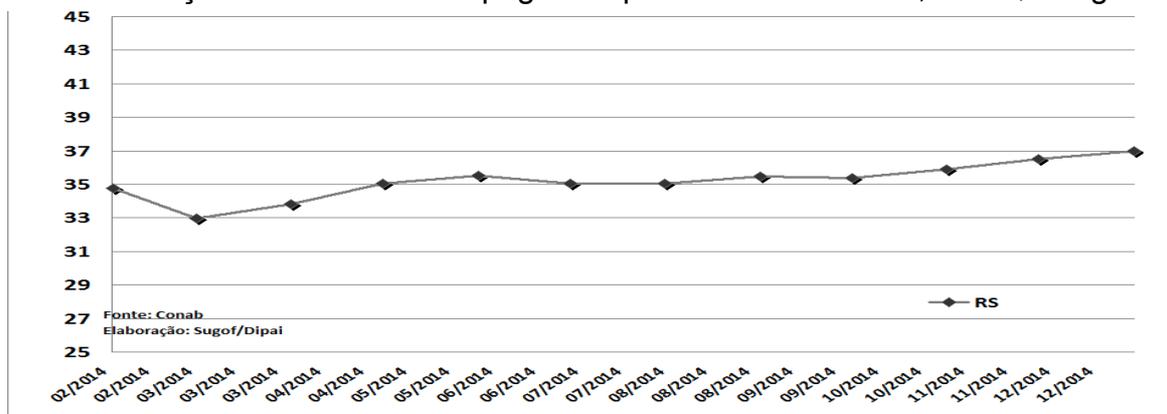
A alta do dólar nos últimos meses poderá trazer uma retração das importações, aumentando a previsão inicial de saldo na balança comercial de 200 mil toneladas.

Preços nacionais

Os preços do arroz no Rio Grande do Sul oscilaram ao redor de R\$35,00/sc ao longo dos últimos doze meses. No entanto, comparando-se o preço atual (R\$36,99) com

o praticado há doze meses (R\$34,77) verifica-se que o produto acumulou ganho de 6,38%.

Gráfico 45 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses, em R\$/50kg



Esta variação se deve basicamente ao fino ajuste entre a oferta e demanda nacional, além do fato de que no ano passado os produtores estiveram mais capitalizados em função da comercialização da soja.

10.1.4. Feijão

10.1.4.1. Feijão primeira safra

A maior parte do volume da produção de feijão primeira safra é produzida na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2013/14, este volume da região é quase 87% da produção total, destacando-se Paraná, Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e São Paulo, mesmo ocupando apenas 56,5% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão primeira safra está estimada para este terceiro levantamento em 1,06 milhão de hectares, o que configura um decréscimo de 9,9% em relação à safra passada. A maioria dos principais estados produtores indica a tendência de plantios em áreas menores do que às cultivadas na safra anterior. A comercialização instável e os riscos climáticos aliados à cultura, somados à atratividade de outras culturas concorrentes, como soja e milho, derrubam uma maior intenção dos produtores em todo país, nesta temporada. Aproximadamente 29,33% da área plantada com feijão primeira safra está na Região Sul, considerando a safra 2013/14, com destaque para o Paraná, 20,16% na Região Sudeste, destacando Minas Gerais e São Paulo, 7,03% na Região Centro-Oeste, com destaque para Goiás e 43,13% na Região Nordeste, com destaque para a Bahia e Piauí.

No Paraná, que produziu 32,12% da produção nacional na safra anterior, deverá ocorrer um decréscimo na área de 18,8% nas estimativas atuais, com o cultivo chegando a 193,4 mil hectares. Os altos riscos inerentes à produção de feijão, somados às dificuldades na comercialização, têm pesado na hora de decidir o que plantar. Apesar de um início preocupante, o produto recuperou-se após a normalização do clima, propiciando uma produtividade considerada boa. A colheita já atingiu mais de 85% do previsto, estando já armazenado, podendo a safra totalizar no estado do Paraná cerca de 332.000 toneladas.

Em Minas Gerais, o segundo maior produtor de feijão primeira safra (16,7% do volume total na safra anterior), ao contrário do ocorrido em safras passadas, os levantamentos iniciais projetam neste ano uma retração de 11% na área de plantio do

feijão primeira safra, em razão do desestímulo dos preços de mercado na ocasião do plantio, da melhor competitividade das culturas de milho e soja e dos elevados riscos de perdas. A área de plantio está estimada em 159,1 mil hectares. Informações preliminares apontam para uma redução da produtividade em razão da forte estiagem e temperaturas elevadas que vêm ocorrendo durante o mês de janeiro, que podem prejudicar as lavouras em maior ou menor intensidade, dependendo dos estádios de desenvolvimento das lavouras ao longo desse período.

Tal expectativa de quebra está diretamente relacionada ao atraso no plantio, da ordem de 30 a 40 dias, em decorrência do atraso do início do período chuvoso. Entretanto, em razão da irregularidade na frequência e distribuição das chuvas na atual estação, é necessário considerar a efetiva data em que as lavouras foram plantadas, e o curto ciclo da cultura. O prolongado período seco poderá prejudicar, principalmente, as lavouras que foram plantadas em dezembro. Com os avanços na colheita poderemos ter informações mais apuradas, de forma a quantificar essas perdas.

Em relação ao levantamento anterior, a produtividade média fica 2,4% menor, passando de 1.235 kg/ha para 1.206 kg/ha, mas permanece superior em 3,1% quando comparada com a safra passada, que também sofreu perdas em razão de estiagem prolongada. Até o momento do levantamento já foram colhidos em torno de 33% da área. A produção deve somar 191,9 mil toneladas, redução de 8,3% em relação à safra anterior.

No Piauí os veranicos que vêm ocorrendo nos últimos meses têm provocado uma apreensão por parte dos produtores que ainda não efetivaram o plantio das áreas previstas e outras áreas que foram semeadas, teve perdas e aguarda o retorno das chuvas para fazerem o replantio.

Na Bahia 72% das áreas de feijão primeira safra é da variedade macaçar e 28% de feijão cores. Este ano a área apresenta uma pequena queda de 2,8% e praticamente a mesma produção da safra passada.

Em Santa Catarina problemas climáticos ocorridos na safra passada, os quais interferiram negativamente na qualidade do grão colhido, principalmente nas variedades do feijão-carioca, resultaram na redução da área plantada nesta safra. Ainda, fatores climáticos adversos durante o plantio, incertezas em relação aos preços e melhor rentabilidade da soja, contribuíram para que o produtor reduzisse o plantio da cultura em todas as regiões.

Atualmente as lavouras encontram-se em vários estádios de desenvolvimento, desde vegetativo (menor proporção) até colheita, variando em função da região produtora e das condições climáticas durante a época recomendada para o plantio no ano de 2014, o que fez com que o produtor implantasse a lavoura de acordo com as condições climáticas mais favoráveis. Com isso, houve certo atraso no plantio, além de um escalonamento deste.

As condições climáticas, apesar de favorecer grande parte das lavouras através de chuvas regulares, influenciou negativamente alguns locais, pois as altas temperaturas, associadas com chuvas fortes em curtos períodos, resultaram em perda de produtividade em alguns municípios onde a fase da cultura estava mais suscetível ao encharcamento do solo e ataque de doenças.

As chuvas ocorridas nos últimos dias estão afetando a qualidade do produto, pois o excesso de umidade provoca ataque de fungos e germinação dos grãos, cujas vagens entram em contato com o solo. No caso do feijão-carioca, além dos problemas anteriores, a descoloração do tegumento, importante fator responsável pela formação do preço, também contribui para redução da qualidade.

Até o momento os dados apontam para manutenção do rendimento médio da

cultura, apesar do saldo da produção resultar negativamente em relação ao alcançado na safra passada, motivado pela redução da área plantada na safra atual.

Em São Paulo a área reduziu 17,6%, por causa com a concorrência de outras commodities, em função dos preços obtidos na última safra.

Caso se confirme a tendência dos dados apurados, a produção nacional para o feijão da primeira safra é estimada em 1,01 milhão de toneladas, representando um decréscimo de 12,5% em relação à safra passada. Para o feijão segunda e terceira safras, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foram repetidas as áreas da safra anterior e aplicado um rendimento médio, baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores.

Considerando as três safras, estima-se para esse acompanhamento, que a área total de feijão poderá chegar a 3,19 milhões de hectares, menor em 5,3% que a safra passada. A produção nacional de feijão deverá ficar em 3,31 milhões de toneladas e 54,1% menor que a última safra. As previsões destas três safras ainda são preliminares e passíveis de alterações nos próximos levantamentos.

Quadro 5 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P	P	P/C	C	C	C				
Nordeste												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
Sudeste												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P	C	C	C						P	P
SC	P	P	C	C	C	C	C					P
RS	P	P	C	C	C	C	C				P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 16 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 1ª safra			- sul do PR © - todo estado de SC (M/C) - norte do RS (C) - leste e sul de GO (M/C) - DF (M/C)	- centro-norte e sudeste do PI (DV/F) - sudoeste do PI (FR) - todo estado da da BA (FR) - todo estado de MG (FR) - leste e sul de GO (FR) - DF (FR)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra

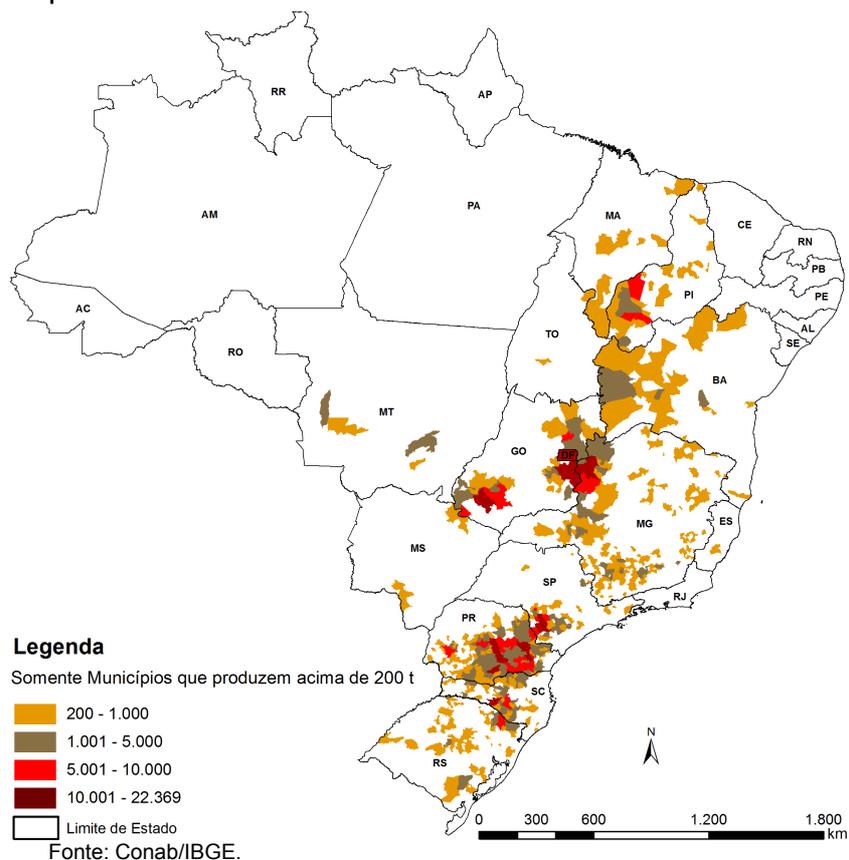


Figura 28 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

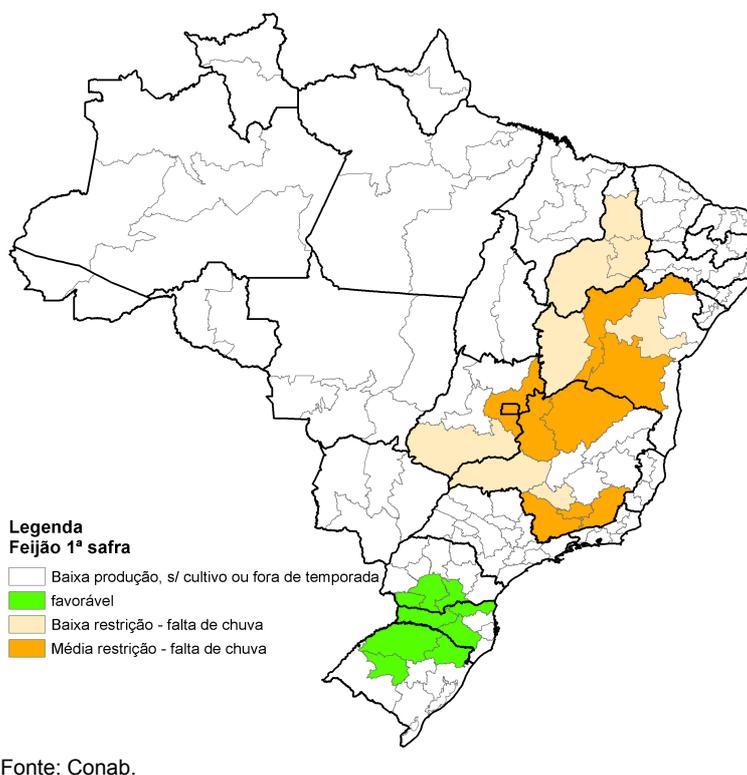


Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,0	4,2	5,0	629	698	11,0	2,5	2,9	16,0
TO	4,0	4,2	5,0	629	698	11,0	2,5	2,9	16,0
NORDESTE	518,2	510,6	(1,5)	326	427	31,0	168,8	217,8	29,0
MA	40,8	37,7	(7,6)	430	469	9,1	17,5	17,7	1,1
PI	209,0	211,9	1,4	242	480	98,3	50,6	101,7	101,0
BA	268,4	261,0	(2,8)	375	377	0,5	100,7	98,4	(2,3)
CENTRO-OESTE	81,8	60,4	(26,2)	2.225	1.966	(11,6)	182,1	118,8	(34,8)
MT	11,9	9,7	(18,5)	1.590	1.429	(10,1)	18,9	13,9	(26,5)
MS	2,1	0,7	(66,7)	930	2.000	115,1	2,0	1,4	(30,0)
GO	55,8	38,0	(31,9)	2.315	1.934	(16,5)	129,2	73,5	(43,1)
DF	12,0	12,0	-	2.665	2.500	(6,2)	32,0	30,0	(6,3)
SUDESTE	234,6	206,6	(11,9)	1.389	1.389	0,1	325,8	287,0	(11,9)
MG	178,8	159,1	(11,0)	1.170	1.206	3,1	209,2	191,9	(8,3)
ES	6,5	6,7	3,1	777	768	(1,2)	5,1	5,1	-
RJ	1,1	1,1	-	895	903	0,9	1,0	1,0	-
SP	48,2	39,7	(17,6)	2.293	2.243	(2,2)	110,5	89,0	(19,5)
SUL	341,3	281,6	(17,5)	1.698	1.725	1,6	579,5	485,9	(16,2)
PR	238,2	193,4	(18,8)	1.689	1.718	1,7	402,3	332,3	(17,4)
SC	62,0	52,7	(15,0)	1.800	1.850	2,8	111,6	97,5	(12,6)
RS	41,1	35,5	(13,6)	1.596	1.580	(1,0)	65,6	56,1	(14,5)
NORTE/NORDESTE	522,2	514,8	(1,4)	328	429	30,7	171,3	220,7	28,8
CENTRO-SUL	657,7	548,6	(16,6)	1.653	1.625	(1,7)	1.087,4	891,7	(18,0)
BRASIL	1.179,9	1.063,4	(9,9)	1.067	1.046	(1,9)	1.258,7	1.112,4	(11,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.1.4.2. Feijão segunda safra

Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P		C	C	C		
AC					P	P		C	C	C		
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO					P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
Nordeste												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C		
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO				P	P	P	C	C	C			
DF				P	P		C	C				
Sudeste												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS					P	P	P/C	C	C	C		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra

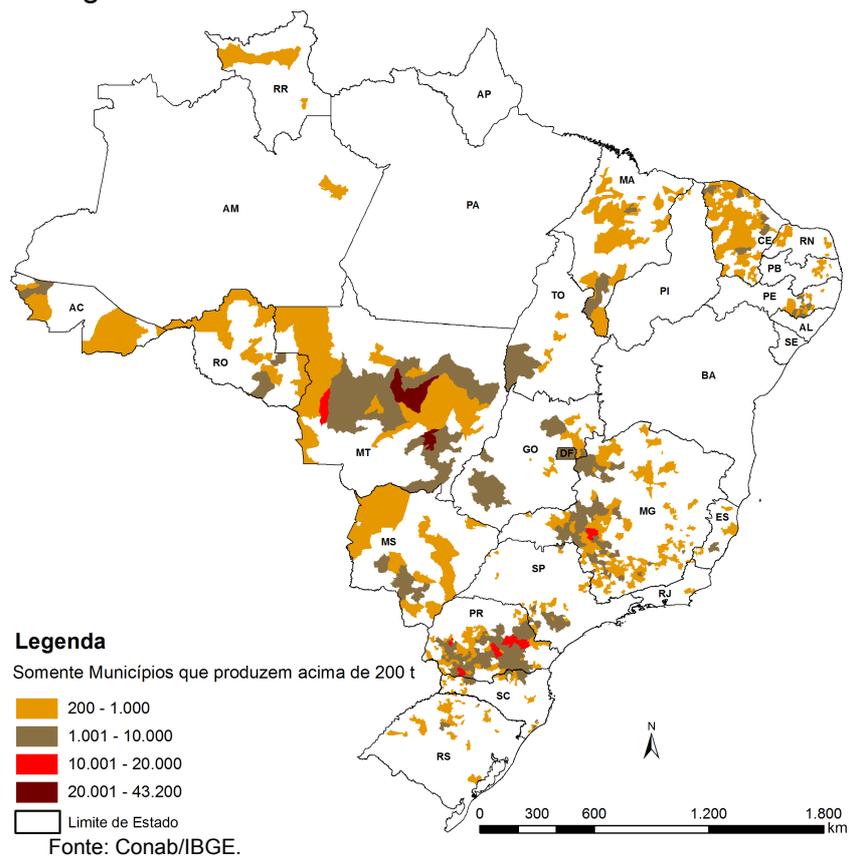


Figura 30 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

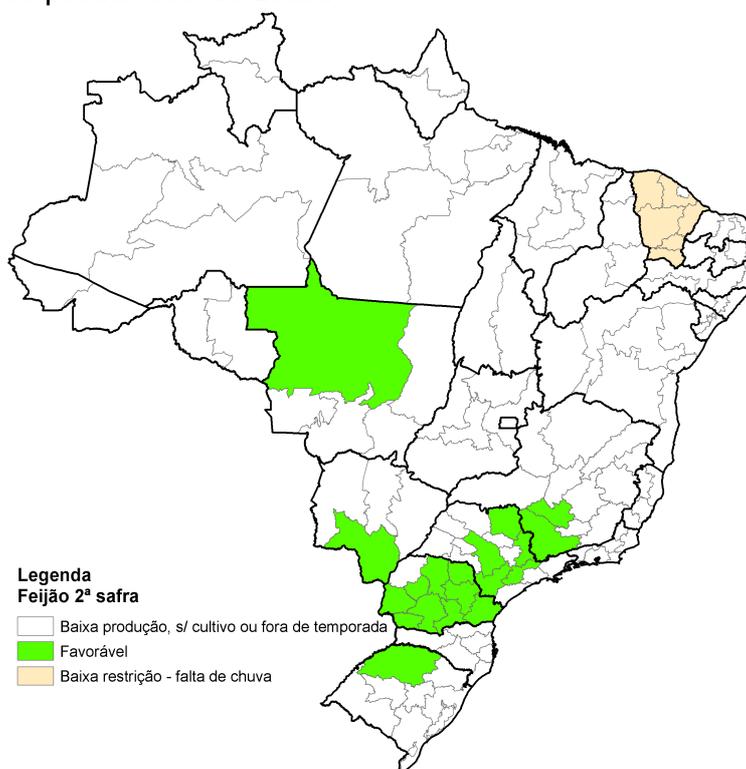


Tabela 18 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 2ª safra	- todo estado do PR (P) - norte do MT (P) - norte e sul de SP (PP) - sul de MG (PP) - noroeste do RS (P)			- todo estado do CE (P/G/DV)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

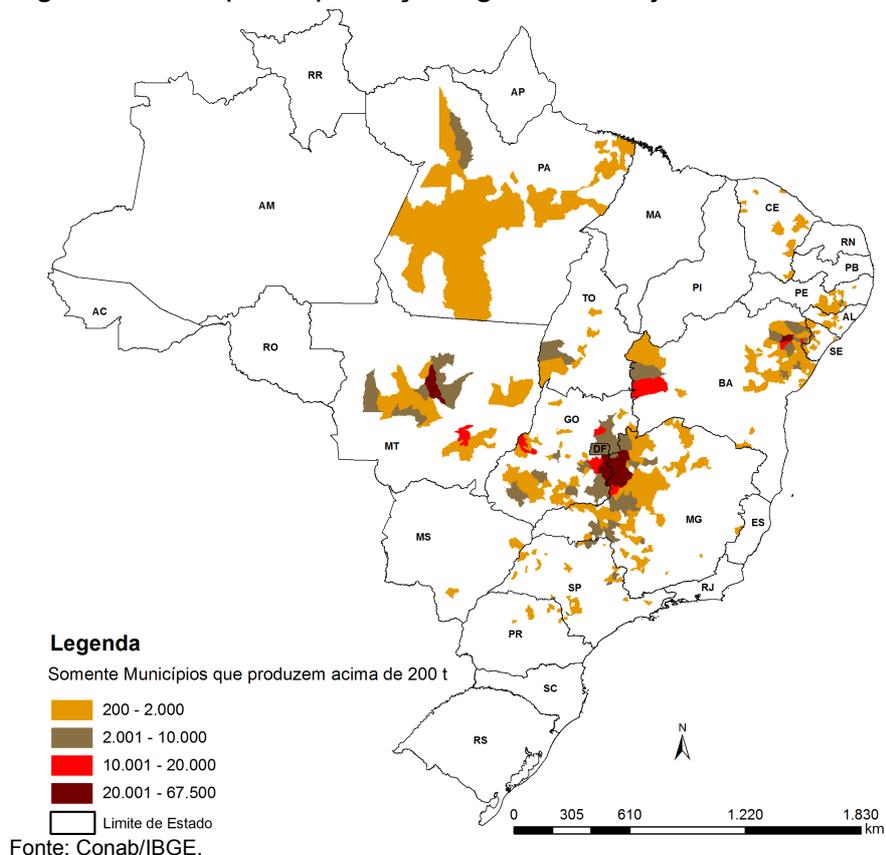
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	67,1	67,1	-	747	732	(2,1)	50,1	49,1	(2,0)
RR	3,0	3,0	-	667	685	2,7	2,0	2,1	5,0
RO	33,0	33,0	-	722	631	(12,6)	23,8	20,8	(12,6)
AC	10,3	10,3	-	582	548	(5,8)	6,0	5,6	(6,7)
AM	5,3	5,3	-	1.027	972	(5,4)	5,4	5,2	(3,7)
AP	1,3	1,3	-	902	956	6,0	1,2	1,2	-
TO	14,2	14,2	-	825	1.000	21,2	11,7	14,2	21,4
NORDESTE	700,2	700,2	-	326	322	(1,2)	228,5	225,6	(1,3)
MA	52,0	52,0	-	549	559	1,8	28,5	29,1	2,1
PI	20,4	20,4	-	756	785	3,8	15,4	16,0	3,9
CE	393,8	393,8	-	309	284	(8,1)	121,7	111,8	(8,1)
RN	33,5	33,5	-	333	356	6,9	11,2	11,9	6,3
PB	76,9	76,9	-	277	294	6,1	21,3	22,6	6,1
PE	123,6	123,6	-	246	277	12,6	30,4	34,2	12,5
CENTRO-OESTE	269,3	263,9	(2,0)	1.405	1.403	(0,2)	378,5	370,1	(2,2)
MT	234,9	234,9	-	1.358	1.358	-	319,0	319,0	-
MS	17,6	12,2	(30,7)	1.600	1.436	(10,3)	28,2	17,5	(37,9)
GO	15,9	15,9	-	1.857	2.013	8,4	29,5	32,0	8,5
DF	0,9	0,9	-	2.000	1.826	(8,7)	1,8	1,6	(11,1)
SUDESTE	150,5	150,5	-	1.351	1.380	2,2	203,3	207,6	2,1
MG	121,2	121,2	-	1.355	1.387	2,4	164,2	168,1	2,4
ES	8,8	8,8	-	813	845	3,9	7,2	7,4	2,8
RJ	1,6	1,6	-	951	1.012	6,4	1,5	1,6	6,7
SP	18,9	18,9	-	1.606	1.615	0,6	30,4	30,5	0,3
SUL	319,6	264,1	(17,4)	1.475	1.838	24,6	471,5	485,4	2,9
PR	272,3	223,6	(17,9)	1.475	1.885	27,8	401,6	421,5	5,0
SC	22,5	20,2	(10,2)	1.450	1.486	2,5	32,6	30,0	(8,0)
RS	24,8	20,3	(18,1)	1.503	1.669	11,0	37,3	33,9	(9,1)
NORTE/NORDESTE	767,3	767,3	-	363	358	(1,4)	278,6	274,7	(1,4)
CENTRO-SUL	739,4	678,5	(8,2)	1.425	1.567	10,0	1.053,3	1.063,1	0,9
BRASIL	1.506,7	1.445,8	(4,0)	884	925	4,7	1.331,9	1.337,8	0,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.1.4.3. Feijão terceira safra

Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Quadro 7 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	C						P	P	P	C	C	C
TO	C						P	P	P	C	C	C
Nordeste												
CE	C							P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P	C	C	C
SE	C						P	P	P	C	C	C
BA	C						P	P	P	C	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	C	C	C	
MS							P	P	C	C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF							P	P	P/C	C	C	C
Sudeste												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP	C						P	P	P	C	C	C
Sul												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

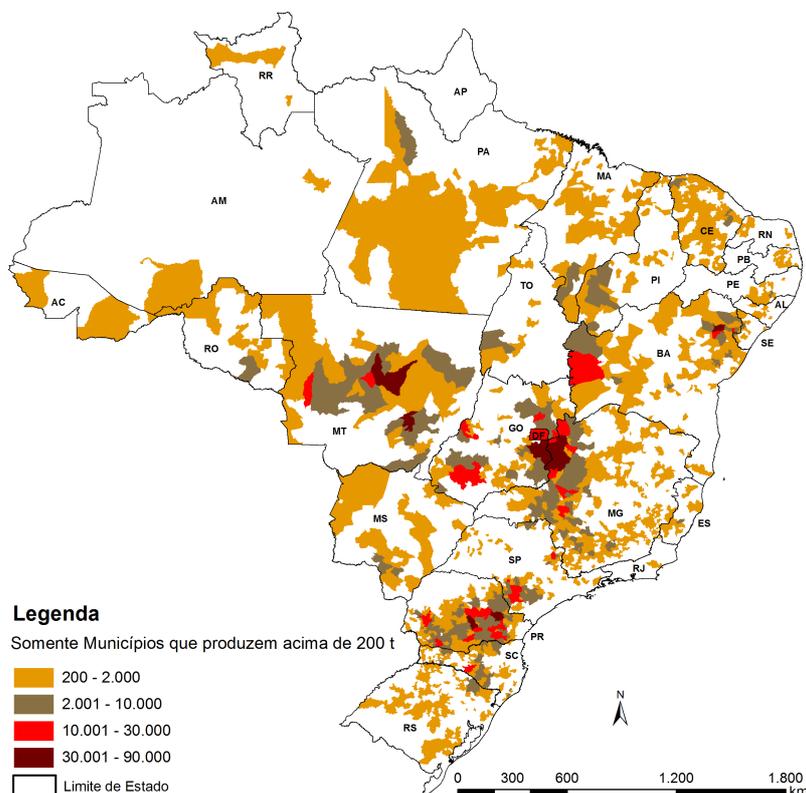
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,9	30,9	-	809	859	6,2	25,0	26,5	6,0
PA	28,0	28,0	-	760	800	5,3	21,3	22,4	5,2
TO	2,9	2,9	-	1.281	1.425	11,2	3,7	4,1	10,8
NORDESTE	423,5	423,5	-	654	635	(2,9)	276,8	268,9	(2,9)
CE	10,3	10,3	-	1.054	1.109	5,2	10,9	11,4	4,6
PE	122,1	122,1	-	467	465	(0,4)	57,0	56,8	(0,4)
AL	47,0	47,0	-	458	482	5,2	21,5	22,7	5,6
SE	31,5	31,5	-	746	785	5,2	23,5	24,7	5,1
BA	212,6	212,6	-	771	721	(6,5)	163,9	153,3	(6,5)
CENTRO-OESTE	116,9	116,9	-	2.672	2.589	(3,1)	312,4	302,7	(3,1)
MT	76,8	76,8	-	2.566	2.414	(5,9)	197,1	185,4	(5,9)
MS	0,4	0,4	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	20,0
GO	36,5	36,5	-	2.868	2.914	1,6	104,7	106,4	1,6
DF	3,2	3,2	-	3.159	3.221	2,0	10,1	10,3	2,0
SUDESTE	103,1	103,1	-	2.368	2.615	10,4	244,2	269,6	10,4
MG	85,0	85,0	-	2.370	2.642	11,5	201,5	224,6	11,5
SP	18,1	18,1	-	2.359	2.488	5,5	42,7	45,0	5,4
SUL	4,9	4,9	-	1.013	960	(5,2)	5,0	4,7	(6,0)
PR	4,9	4,9	-	1.013	960	(5,2)	5,0	4,7	(6,0)
NORTE/NORDESTE	454,4	454,4	-	664	650	(2,1)	301,8	295,4	(2,1)
CENTRO-SUL	224,9	224,9	-	2.497	2.565	2,8	561,6	577,0	2,7
BRASIL	679,3	679,3	-	1.271	1.284	1,0	863,4	872,4	1,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.1.4.4. Feijão total

Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte:Conab/IBGE.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	102,0	102,2	0,2	761	769	1,0	77,6	78,6	1,3
RR	3,0	3,0	-	667	700	5,0	2,0	2,1	5,0
RO	33,0	33,0	-	721	630	(12,6)	23,8	20,8	(12,6)
AC	10,3	10,3	-	583	544	(6,7)	6,0	5,6	(6,7)
AM	5,3	5,3	-	1.019	981	(3,7)	5,4	5,2	(3,7)
AP	1,3	1,3	-	923	923	-	1,2	1,2	-
PA	28,0	28,0	-	761	800	5,2	21,3	22,4	5,2
TO	21,1	21,3	0,9	848	1.000	17,9	17,9	21,3	19,0
NORDESTE	1.641,9	1.634,3	(0,5)	411	436	6,2	674,1	712,3	5,7
MA	92,8	89,7	(3,3)	497	521	4,8	46,1	46,7	1,3
PI	229,4	232,3	1,3	288	507	76,1	66,0	117,7	78,3
CE	404,1	404,1	-	328	305	(6,9)	132,5	123,3	(6,9)
RN	33,5	33,5	-	334	355	6,3	11,2	11,9	6,3
PB	76,9	76,9	-	277	294	6,1	21,3	22,6	6,1
PE	245,7	245,7	-	356	370	4,1	87,4	91,0	4,1
AL	47,0	47,0	-	457	483	5,6	21,5	22,7	5,6
SE	31,5	31,5	-	746	784	5,1	23,5	24,7	5,1
BA	481,0	473,6	(1,5)	550	531	(3,4)	264,6	251,7	(4,9)
CENTRO-OESTE	468,0	441,2	(5,7)	1.865	1.794	(3,8)	872,9	791,7	(9,3)
MT	323,6	321,4	(0,7)	1.653	1.613	(2,5)	535,0	518,3	(3,1)
MS	20,1	13,3	(33,8)	1.522	1.466	(3,7)	30,6	19,5	(36,3)
GO	108,2	90,4	(16,5)	2.434	2.344	(3,7)	263,4	211,9	(19,6)
DF	16,1	16,1	-	2.727	2.609	(4,3)	43,9	42,0	(4,3)
SUDESTE	488,2	460,2	(5,7)	1.584	1.661	4,9	773,2	764,3	(1,2)
MG	385,0	365,3	(5,1)	1.493	1.600	7,2	574,9	584,5	1,7
ES	15,3	15,5	1,3	797	813	1,9	12,2	12,6	3,3
RJ	2,7	2,7	-	926	963	4,0	2,5	2,6	4,0
SP	85,2	76,7	(10,0)	2.155	2.146	(0,4)	183,6	164,6	(10,3)
SUL	665,8	550,6	(17,3)	1.586	1.772	11,8	1.056,0	976,0	(7,6)
PR	515,4	421,9	(18,1)	1.569	1.798	14,6	808,9	758,5	(6,2)
SC	84,5	72,9	(13,7)	1.707	1.749	2,5	144,2	127,5	(11,6)
RS	65,9	55,8	(15,3)	1.561	1.613	3,3	102,9	90,0	(12,5)
NORTE/NORDESTE	1.743,9	1.736,5	(0,4)	431	455	5,7	751,7	790,9	5,2
CENTRO-SUL	1.622,0	1.452,0	(10,5)	1.666	1.744	4,7	2.702,1	2.532,0	(6,3)
BRASIL	3.365,9	3.188,5	(5,3)	1.026	1.042	1,6	3.453,8	3.322,9	(3,8)

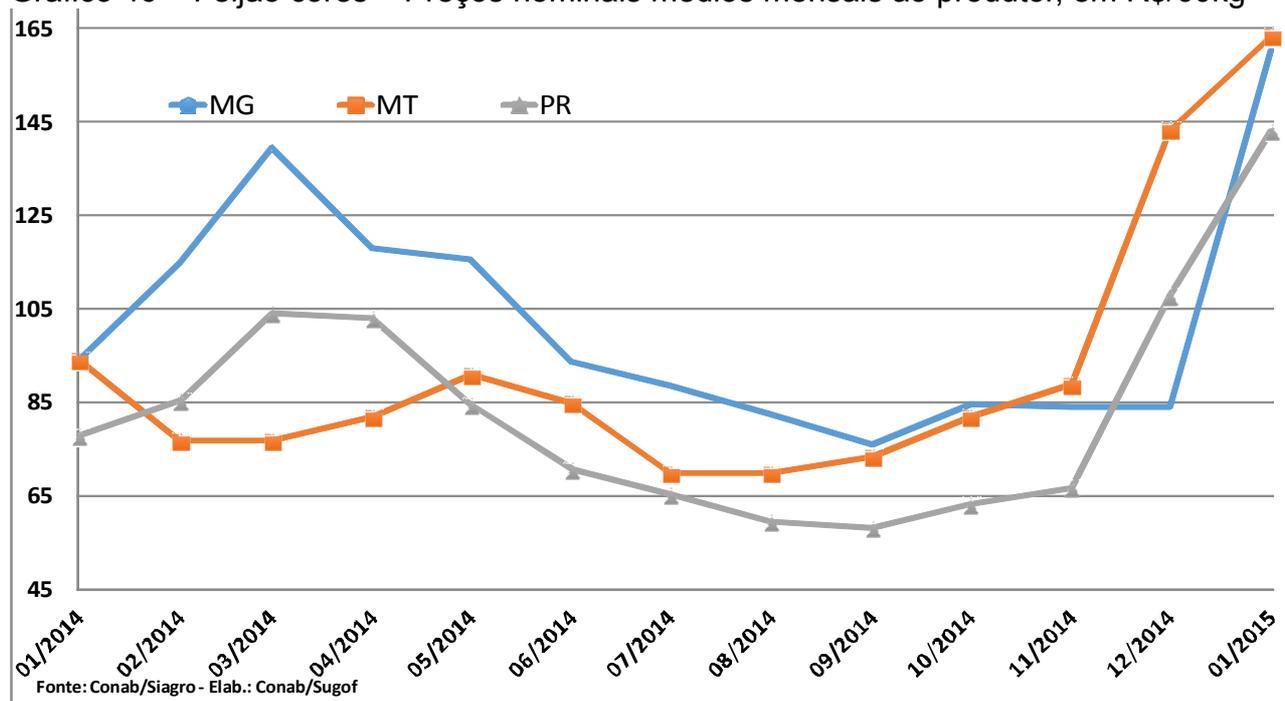
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.1.4.5. Oferta e demanda

Na temporada passada, 2013/14, o mercado esteve bastante ofertado, com os preços bem deprimidos e chegando, em alguns casos, comercializados a R\$ 45,00/sc, ao produtor, desestimulando o plantio da primeira safra de 2014/15. A redução da área plantada, também pela proibição imposta pelo vazão sanitário, aliada a problemas climáticos, motivou uma drástica redução na oferta do produto, ocasionando forte elevação dos preços ao produtor, como pode ser visto no Gráfico 46.

Gráfico 46 – Feijão cores – Preços nominais médios mensais ao produtor, em R\$/60kg



Esta alta dos preços produziu uma situação incomum para o fechamento de janeiro passado, que fechou com preços elevados, quais sejam: R\$160,31 em Minas Gerais; R\$163,14 em Mato Grosso; e R\$142,81, no Paraná. No caso do Paraná, representou um acréscimo de 83%, em relação a janeiro de 2014.

Os preços têm sido afetados não só pela redução da oferta, mas também pela redução da qualidade do feijão, decorrente de estiagem durante o desenvolvimento da cultura e chuvas na época da colheita, reduzindo a oferta do feijão Tipo Extra.

O atual preço atrativo tende a levar os produtores que haviam desistido de plantar a leguminosa, a repensar a segunda safra, todavia, aumentando o grau de incerteza quanto ao comportamento dos preços de feijão cores a partir de março.

10.1.5. Girassol

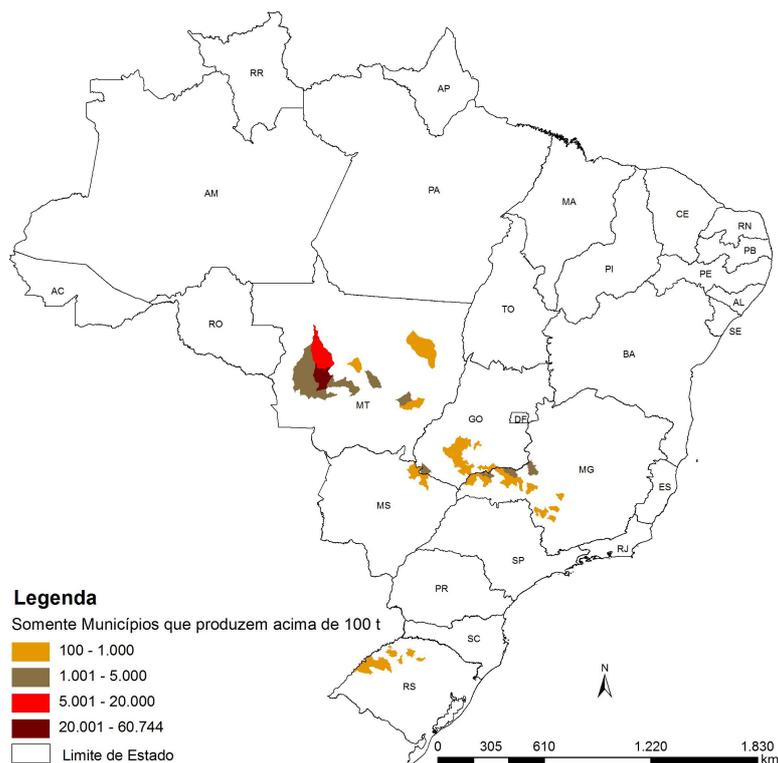
Quadro 8 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							P	P			C	C
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
Sudeste												
MG						P	P			C	C	
Sul												
RS	P		C	C	C						P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 33 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	131,1	121,1	(7,6)	1.617	1.543	(4,6)	212,0	186,9	(11,8)
MT	126,2	116,2	(7,9)	1.611	1.548	(3,9)	203,3	179,9	(11,5)
MS	0,7	0,7	-	1.544	1.316	(14,8)	1,1	0,9	(18,2)
GO	4,2	4,2	-	1.815	1.455	(19,8)	7,6	6,1	(19,7)
SUDESTE	11,3	11,3	-	1.378	1.455	5,6	15,6	16,4	5,1
MG	11,3	11,3	-	1.378	1.455	5,6	15,6	16,4	5,1
SUL	3,3	3,3	-	1.463	1.390	(5,0)	5,1	4,6	(9,8)
RS	3,3	3,3	-	1.535	1.390	(9,4)	5,1	4,6	(9,8)
CENTRO-SUL	145,7	135,7	(6,9)	1.597	1.532	(4,0)	232,7	207,9	(10,7)
BRASIL	145,7	135,7	(6,9)	1.597	1.532	(4,0)	232,7	207,9	(10,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.1.6. Mamona

As expectativas são boas para a safra 2014/15 de mamona, com excelente crescimento na produção nacional (138,7%), puxada pela retomada da produção na Bahia, maior produtor brasileiro desta cultura, e que sofreu uma grande quebra nas últimas três safras.

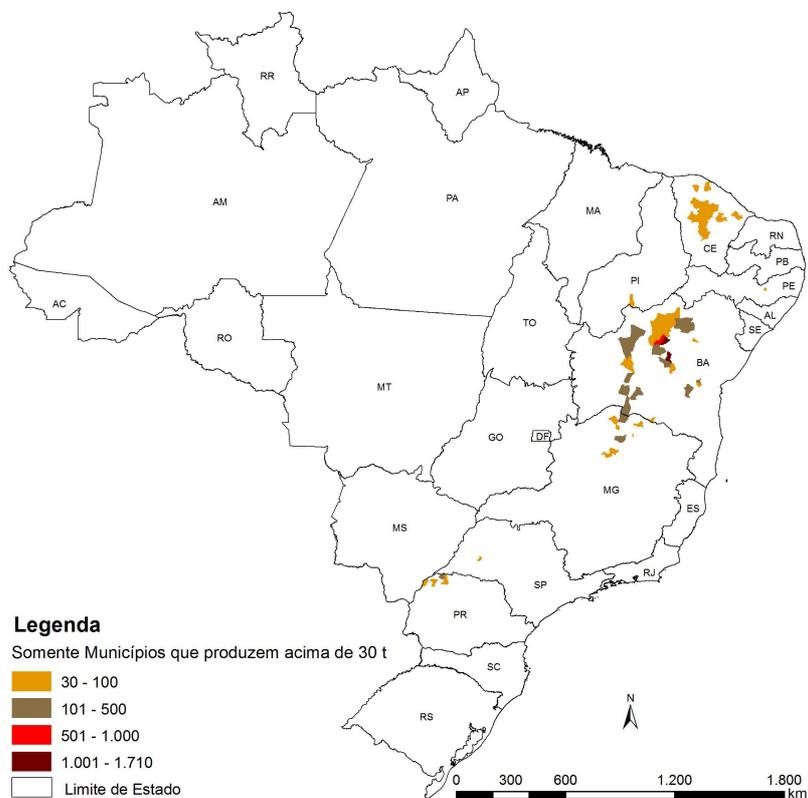
A redução de área das três últimas safras ocorreu devido à seca na região nordeste, que foi pesada nos últimos três anos e prejudicou a agricultura como um todo na região, ou seja, o aumento de 46,3% para esta safra é mais uma recuperação na área cultivada do que um crescimento.

A média de área plantada de mamona na Bahia nas dez últimas safras é de 111,1 mil hectares, muito próximo aos 119,7 mil hectares plantados nesta safra. Isso se deve, principalmente, ao incentivo da Petrobrás em fornecer sementes e tecnologia aos produtores da região, garantindo a eles a aquisição da produção.

No Ceará há também este acordo com a Petrobras, o que auxilia os pequenos produtores da região, buscando diminuir a capacidade ociosa das esmagadoras instaladas na região.

Este levantamento também confirma a forte tendência de redução das áreas de cultivo de mamona no estado, estimado em 66,7%, em razão dos resultados insatisfatórios, seja em termos de rendimento, seja no tocante à comercialização. Concentrado basicamente na região Norte de Minas, o plantio da mamona está estimado em 0,8 mil hectares. A produtividade está estimada em 1.038 kg/ha, 130,7% maior em comparação com a safra passada. Devido a este fato, a produção para a safra atual está estimada em 0,8 toneladas.

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	98,6	136,4	38,3	439	318	(27,7)	43,3	105,6	143,9
PI	0,7	0,6	(18,0)	300	805	168,3	0,2	0,5	150,0
CE	11,2	11,2	-	284	468	64,8	3,2	5,2	62,5
PE	4,9	4,9	-	334	452	35,3	1,6	2,2	37,5
BA	81,8	119,7	46,3	468	816	74,4	38,3	97,7	155,1
SUDESTE	2,5	0,9	(64,0)	506	1.405	177,8	1,3	1,0	(23,1)
MG	2,4	0,8	(66,7)	450	1.038	130,7	1,1	0,8	(27,3)
SP	0,1	0,1	-	1.848	1.856	0,4	0,2	0,2	-
SUL	0,2	0,2	-	622	622	-	0,1	0,1	-
PR	0,2	0,2	-	622	622	-	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	98,6	136,4	38,3	439	318	(27,7)	43,3	105,6	143,9
CENTRO-SUL	2,7	1,1	(59,3)	515	1.263	145,5	1,4	1,1	(21,4)
BRASIL	101,3	137,5	35,7	441	325	(26,3)	44,7	106,7	138,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

Quadro 9 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

10.1.7. Milho

10.1.7.1. Milho primeira safra

Na Região Sul, a despeito da forte concorrência por área, a lavoura de milho da primeira safra não foi suficientemente pressionada, mantendo-se praticamente inalterada em relação à divulgação da área plantada de janeiro, 279,1 mil hectares a menos. Os bons níveis de precipitação ocorridos em praticamente todas as regiões produtoras a partir de setembro, se estenderam até a primeira quinzena de janeiro, proporcionando uma boa recuperação das lavouras e a previsão atual é de que ocorram produtividades acima da divulgada no mês anterior, e também da ocorrida no ano passado. O desenvolvimento das lavouras ao longo do seu ciclo vegetativo apresentou-se de uma forma geral dentro de um quadro de normalidade, sujeitas como sempre, as peculiaridades relacionadas ao clima, a capacidade do produtor e a tecnologia empregada em cada localidade.

Com relação a esse item, no capítulo referente à utilização de sementes nas lavouras de milho da Região Sul, os híbridos tratados estão presentes em praticamente toda a área cultivada, predominando os híbridos simples e precoces. A expectativa regional de rendimentos crescentes na lavoura de milho está associada à gradativa ampliação do plantio do cereal em áreas irrigadas e a utilização da agricultura de

precisão. Também merece destaque, o aumento da área semeada com milho destinado à silagem.

No Rio Grande do Sul o plantio que começou em agosto, particularmente nas regiões da Fronteira e Missões, apresenta no momento a colheita bastante adiantada – estimando-se acima de 70% da área semeada – com níveis de produtividades superando as melhores expectativas. Esse desempenho vem compensando perdas pontuais observadas em municípios afetados pela má distribuição das chuvas.

No Paraná a colheita da lavoura deverá se intensificar durante fevereiro. A exemplo do que ocorreu em outros estados da região, a ação do clima registrando estiagem nos meses que antecederam o plantio em agosto, deixava antever comprometimentos futuros na produtividade. No entanto, as chuvas em janeiro, bem distribuídas, uniformes e com bons volumes, trouxeram boa recuperação para as lavouras, que apresentaram níveis de rendimentos superiores aos do mês passado e também em relação ao ano anterior. Esse comportamento pode ser alterado em função dos estágios atuais das lavouras que apresentam na sua grande maioria, nas fases de floração e frutificação, vulneráveis, portanto, às oscilações do clima.

Em Santa Catarina as condições climáticas favoreceram a cultura em praticamente todas as regiões semeadas com o cereal, resultado dos bons índices pluviométricos combinados com os níveis de insolação que atingiram as lavouras. De uma maneira predominante, as lavouras apresentam-se nos estágios de frutificação, seguido por floração e maturação e em menor parte, naquelas áreas semeadas em dezembro, elas se encontram no desenvolvimento vegetativo.

O nível tecnológico aplicado nas lavouras é alto e o potencial produtivo já dá sinais de crescimento gradativo em várias regiões, devendo superar a excelente média estadual do ano passado que atingiu a produtividade de 7.385 kg/ha. Na maioria das lavouras os produtores são receptivos, e adotam os pacotes tecnológicos indicados pelas cooperativas, utilizando adubação seguida por análises de solo e sementes de alta performance, estimando-se que aproximadamente 90% das sementes utilizadas sejam transgênicas e 100% híbridas de alta tecnologia, que contribuem para os aumentos observados nas produtividades.

Na Região Sudeste, segunda produtora nacional do milho de primeira safra, a cultura experimentou forte estresse em virtude das inconstâncias das chuvas a partir de outubro. Esses fatores que provocaram forte atraso no plantio foram acompanhados por alternâncias do clima, representando riscos para a produtividade das lavouras, já que ocorreram em momentos sensíveis do ciclo vegetativo. Somente em dezembro as chuvas voltaram a ocorrer em praticamente todas as áreas produtoras da região, permitindo finalizar o plantio do milho restante.

Minas Gerais, o maior produtor de milho na primeira safra, a falta de chuvas e temperaturas elevadas em diferentes fases de desenvolvimento da cultura, proporcionaram uma leve redução nos níveis de produtividade, quando comparada com a divulgação realizada no quarto levantamento. No entanto, ao relacionar com o desempenho da safra passada, observa-se forte incremento da produtividade atual, em função dos prejuízos causados de uma maneira extensiva pelo clima no ano passado, nas lavouras de milho. De qualquer maneira, uma melhor avaliação dos impactos do clima nas produtividades dessa safra, será melhor realizada, na medida em que a colheita do cereal for avançando.

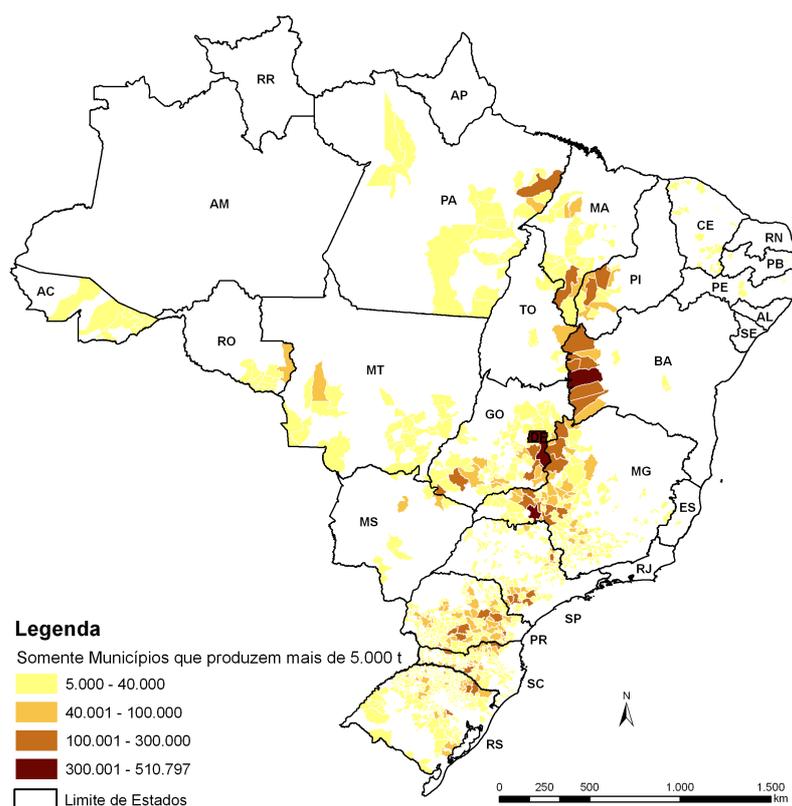
Em São Paulo, com a regularização do clima, a partir das chuvas ocorridas em dezembro e que se estenderam até o final de janeiro, na maioria das regiões produtoras do estado, verificou-se importantes benefícios para a lavoura de milho. Os dados

preliminares apontam para uma possibilidade de aumento na produtividade dessa safra, apresentando um incremento de 4,8%, saindo de um patamar de 5.260 kg/ha na safra 2013/14, para 5.514 kg/ha, na atual.

Na Região Centro-Oeste a primeira safra de milho teve nas últimas temporadas sua participação diminuída na oferta regional em virtude dos produtores priorizarem o plantio da soja, para maximizar a janela do clima na região, possibilitando o plantio subsequente de duas safras numa mesma área. Para a primeira safra plantada com o cereal, os reflexos das irregularidades nas chuvas refletiram no desempenho da lavoura, mas tanto os produtores quanto os agentes de mercado necessitam de uma melhor avaliação para quantificar eventuais perdas.

Em Goiás o maior produtor regional, estima-se que as áreas semeadas em outubro e início de novembro deverão apresentar níveis de produtividades dentro da normalidade. As lavouras plantadas posteriormente, quando a irregularidade do clima se acentuou, coincidindo com as fases reprodutivas da lavoura, deverão apresentar reduções na produção. Essas avaliações serão melhores realizadas nos próximos levantamentos. Nos demais estados da região, apesar da estiagem ocorrida, quando algumas áreas conviveram com a ausência de chuvas por um período médio de 25 dias, as produtividades seguem praticamente inalteradas em relação ao levantamento anterior.

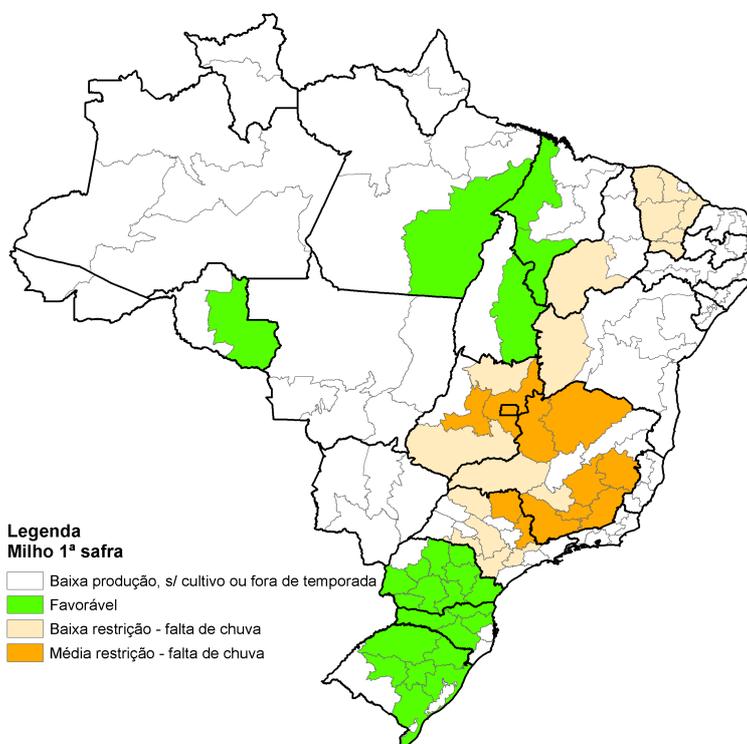
Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Na região do MATOPIBA, o plantio do milho primeira safra tem forte apelo da demanda nordestina, reforçada pela insegurança com relação à normalização do quadro climático naquela região. No entanto, o comportamento do clima em MATOPIBA nessa safra, não tem auxiliado os produtores. O atraso do período chuvoso, que retardou o plantio, associado às fortes precipitações em meados de dezembro e a estiagem subsequente em janeiro, causaram fortes transtornos para o ciclo de produção. Os veranicos ocorridos levaram alguns produtores a promoverem o replantio que só puderam ser realizados com a consolidação das chuvas. Esses fatos relacionados contribuíram para que o estado de Tocantins, onde o quadro do clima apresentou-se mais favorável, fosse o único a apresentar incrementos na área plantada, particularmente nos municípios de Silvanópolis e Campos Lindos. Da área plantada com o cereal da primeira safra que totaliza 55,9 mil hectares, aproximadamente, 14,4% encontra-se no estágio germinativo, 65,3% em desenvolvimento vegetativo e 20,3% em floração.

Figura 36 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 24 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 1ª safra	- oeste e sul do MA (DV/F), exceto regiões pontuais - leste de RO (FR) - sudeste do PA (FR) - leste do TO (DV/F), exceto regiões pontuais - todo estado do PR (FR/M), exceto regiões pontuais - todo estado de SC (FR/M) - todo estado do RS (FR/M)			- regiões pontuais do leste do TO (DV/F)** - regiões pontuais do oeste e sul do MA (DV/F)** - sudoeste do PI (DV/F) - todo estado do CE (P) - oeste da BA (DV/F) - todo estado de MG (DV/F) - todo estado de SP (F/FR) - regiões pontuais do PR (FR)** - todo estado de GO (FR) - DF (FR)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE	C			P	P	P	P	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	PC	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C	C				P
GO	P	P	P			C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	362,2	346,2	(4,4)	2.843	3.049	7,2	1.029,7	1.055,6	2,5
RR	6,5	6,5	-	923	1.174	27,2	6,0	7,6	26,7
RO	60,9	42,6	(30,0)	2.035	2.186	7,4	123,9	93,1	(24,9)
AC	46,5	43,9	(5,5)	2.340	2.402	2,6	108,8	105,4	(3,1)
AM	11,0	11,0	-	2.627	2.709	3,1	28,9	29,8	3,1
AP	2,2	2,2	-	921	979	6,3	2,0	2,2	10,0
PA	184,1	184,1	-	2.916	3.015	3,4	536,8	555,1	3,4
TO	51,0	55,9	9,5	4.378	4.694	7,2	223,3	262,4	17,5
NORDESTE	2.113,3	2.171,1	2,7	2.248	2.410	7,2	4.750,0	5.232,1	10,1
MA	379,0	379,0	-	2.266	2.606	15,0	858,8	987,7	15,0
PI	371,6	388,0	4,4	2.321	2.470	6,4	862,5	958,4	11,1
CE	480,6	480,6	-	835	892	6,8	401,3	428,7	6,8
RN	32,4	32,4	-	633	465	(26,5)	20,5	15,1	(26,3)
PB	76,6	76,6	-	462	485	5,0	35,4	37,2	5,1
PE	228,6	228,6	-	411	378	(8,0)	94,0	86,4	(8,1)
BA	544,5	585,9	7,6	4.550	4.640	2,0	2.477,5	2.718,6	9,7
CENTRO-OESTE	422,2	342,6	(18,9)	7.544	7.523	(0,3)	3.184,9	2.577,3	(19,1)
MT	68,0	61,2	(10,0)	6.209	6.381	2,8	422,2	390,5	(7,5)
MS	27,0	20,5	(24,1)	8.350	8.700	4,2	225,5	178,4	(20,9)
GO	288,2	221,9	(23,0)	7.500	7.557	0,8	2.161,5	1.676,9	(22,4)
DF	39,0	39,0	-	9.634	8.500	(11,8)	375,7	331,5	(11,8)
SUDESTE	1.552,0	1.435,8	(7,5)	5.194	5.758	10,9	8.060,9	8.267,7	2,6
MG	1.098,0	1.022,4	(6,9)	5.230	5.917	13,1	5.742,5	6.049,5	5,3
ES	22,3	18,6	(16,6)	2.711	2.802	3,4	60,5	52,1	(13,9)
RJ	4,4	3,4	(22,7)	2.332	2.324	(0,3)	10,3	7,9	(23,3)
SP	427,3	391,4	(8,4)	5.260	5.514	4,8	2.247,6	2.158,2	(4,0)
SUL	2.168,3	1.889,2	(12,9)	6.746	6.877	1,9	14.627,4	12.991,6	(11,2)
PR	665,2	536,7	(19,3)	8.156	8.551	4,8	5.425,4	4.589,3	(15,4)
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.590	2,8	3.485,0	3.123,3	(10,4)
RS	1.031,2	941,0	(8,8)	5.544	5.610	1,2	5.717,0	5.279,0	(7,7)
NORTE/NORDESTE	2.475,5	2.517,3	1,7	2.335	2.498	7,0	5.779,7	6.287,7	8,8
CENTRO-SUL	4.142,5	3.667,6	(11,5)	6.246	6.499	4,1	25.873,2	23.836,6	(7,9)
BRASIL	6.618,0	6.184,9	(6,5)	4.783	4.871	1,8	31.652,9	30.124,3	(4,8)

Fonte: Conab.

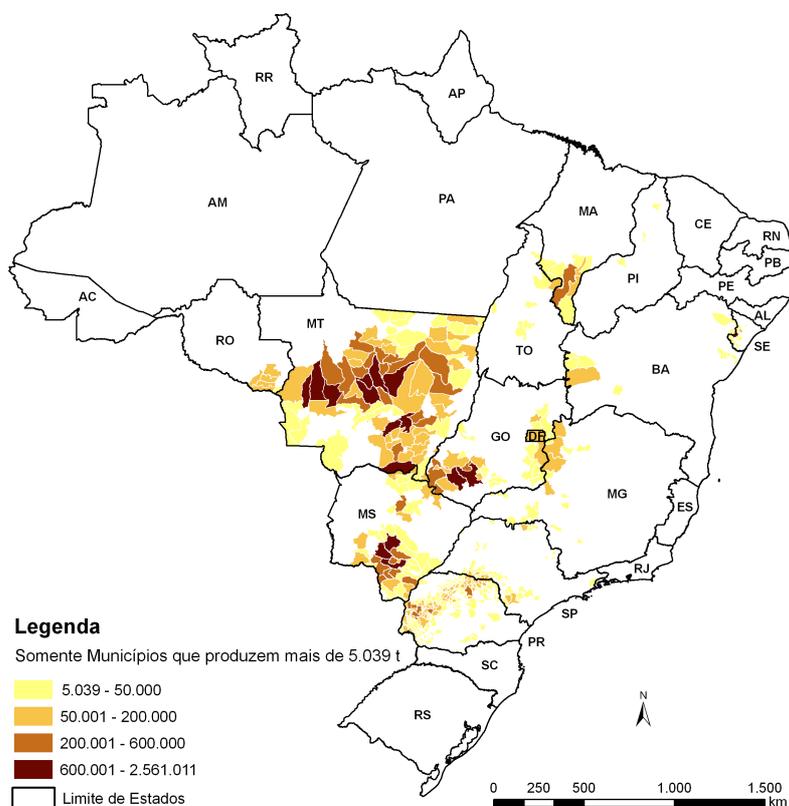
Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.1.7.2. Milho segunda safra

Na Região Centro-Oeste, maior produtora do cereal de segunda safra, a expectativa de plantio para essa safra é de que ocorra uma leve redução na área plantada, comparada com o exercício anterior. Em função do atraso no plantio da soja, mesmo as de ciclo curto e a sua conseqüente repercussão na colheita, o plantio do milho nesta data, está estimado em aproximadamente 10% e o clima nas diversas regiões produtoras permitem acreditar num forte avanço da atividade durante fevereiro. Dada a importância que o plantio do cereal tem para a região (rotação com a soja e produção de palhada, atenuando o impacto das elevadas temperaturas sobre o solo), as informações prestadas pelos produtores dão conta da possibilidade de redução nos investimentos em tecnologia para aquela parcela da área plantada que ultrapassar o mês de fevereiro, data limite do zoneamento agrícola na maioria das áreas produtoras. Na Região Sul, segunda maior produtora regional, a despeito da estimativa de menor área estimada para o Paraná, caso ocorra uma normalização do clima, a produção esperada tenderá a repetir os números do ano passado.

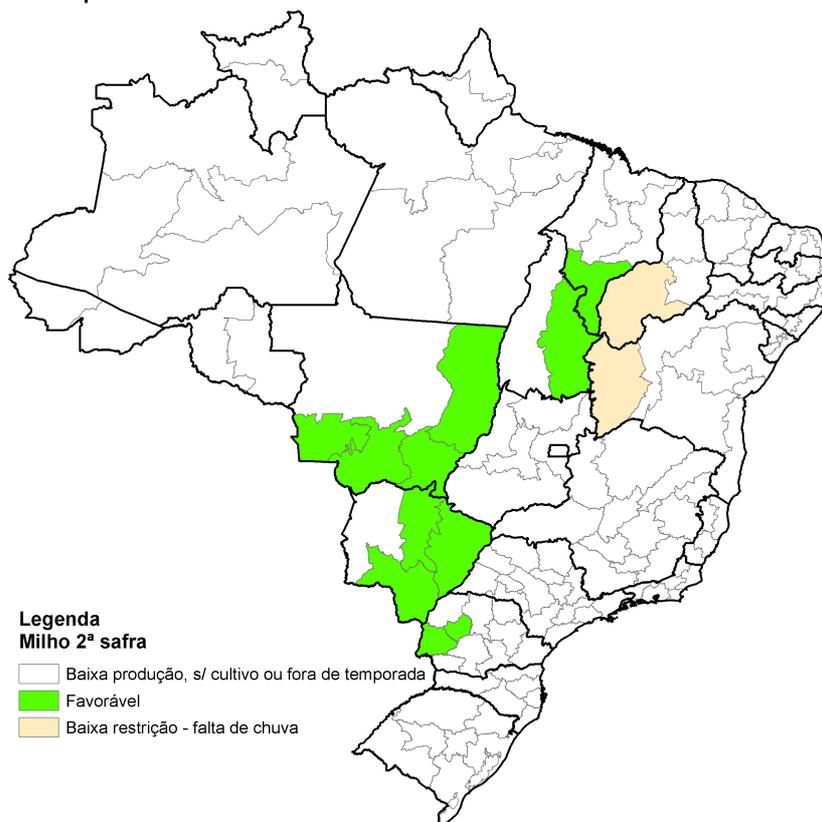
Para a segunda safra de milho, caso o clima não traga surpresas, prejudicando o bom desempenho das lavouras, espera-se que a produção brasileira oscile entre a manutenção e uma leve redução, quando comparada com os números da safra passada, 48,4 milhões e 48,3 milhões de toneladas na safra 2014/15. Neste levantamento a produção brasileira de milho na temporada 2014/15 está estimada em 78,4 milhões, comparada com 80,1 milhões de toneladas produzidas no ano passado, representando uma redução de 2,1%.

Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 38 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 26 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 2ª safra	- todo estado do MS (P) - todo estado do MT (P) - oeste do PR (P) - sul do MA (PP) - leste do TO (PP)			- sudoeste do PI (PP) - oeste da BA (PP)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	189,3	190,0	0,4	4.183	4.187	0,1	791,8	795,6	0,5
RO	88,4	88,4	-	3.751	3.751	-	331,6	331,6	-
TO	100,9	101,6	0,7	4.561	4.567	0,1	460,2	464,0	0,8
NORDESTE	786,4	770,2	(2,1)	3.592	3.595	0,1	2.824,5	2.769,1	(2,0)
MA	227,4	227,4	-	3.813	3.813	-	867,1	867,1	-
PI	33,4	17,2	(48,6)	4.998	4.998	-	166,9	86,0	(48,5)
AL	31,0	31,0	-	887	887	-	27,5	27,5	-
SE	226,6	226,6	-	4.670	4.670	-	1.058,2	1.058,2	-
BA	268,0	268,0	-	2.630	2.725	3,6	704,8	730,3	3,6
CENTRO-OESTE	5.780,0	5.597,5	(3,2)	5.514	5.713	3,6	31.869,0	31.975,9	0,3
MT	3.230,2	3.068,7	(5,0)	5.457	5.632	3,2	17.627,2	17.282,9	(2,0)
MS	1.547,5	1.547,5	-	5.140	5.408	5,2	7.954,2	8.368,9	5,2
GO	952,3	931,3	(2,2)	6.130	6.321	3,1	5.837,6	5.886,7	0,8
DF	50,0	50,0	-	9.000	8.747	(2,8)	450,0	437,4	(2,8)
SUDESTE	554,5	554,5	-	4.810	4.976	3,4	2.667,4	2.759,3	3,4
MG	228,0	228,0	-	5.265	5.542	5,3	1.200,4	1.263,6	5,3
SP	326,5	326,5	-	4.493	4.581	2,0	1.467,0	1.495,7	2,0
SUL	1.901,0	1.868,7	(1,7)	5.390	5.337	(1,0)	10.246,4	9.973,3	(2,7)
PR	1.901,0	1.868,7	(1,7)	5.390	5.337	(1,0)	10.246,4	9.973,3	(2,7)
NORTE/NORDESTE	975,7	960,2	(1,6)	3.706	3.712	0,2	3.616,3	3.564,7	(1,4)
CENTRO-SUL	8.235,5	8.020,7	(2,6)	5.438	5.574	2,5	44.782,8	44.708,4	(0,2)
BRASIL	9.211,2	8.980,9	(2,5)	5.254	5.375	2,3	48.399,1	48.273,1	(0,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.1.7.3. Milho total

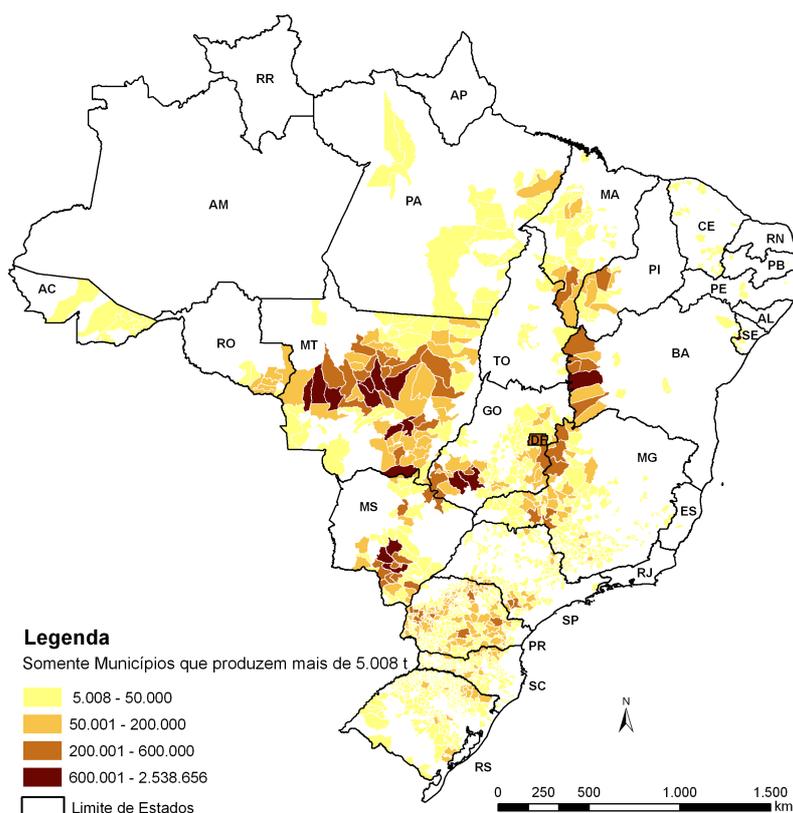
Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	551,5	536,2	(2,8)	3.303	3.452	4,5	1.821,5	1.851,2	1,6
RR	6,5	6,5	-	923	1.174	27,2	6,0	7,6	26,7
RO	149,3	131,0	(12,3)	3.051	3.242	6,3	455,5	424,7	(6,8)
AC	46,5	43,9	(5,6)	2.340	2.402	2,6	108,8	105,4	(3,1)
AM	11,0	11,0	-	2.627	2.709	3,1	28,9	29,8	3,1
AP	2,2	2,2	-	921	979	6,3	2,0	2,2	10,0
PA	184,1	184,1	-	2.916	3.015	3,4	536,8	555,1	3,4
TO	151,9	157,5	3,7	4.500	4.612	2,5	683,5	726,4	6,3
NORDESTE	2.899,7	2.941,3	1,4	2.612	2.720	4,1	7.574,5	8.001,1	5,6
MA	606,4	606,4	-	2.846	3.059	7,5	1.725,9	1.854,8	7,5
PI	405,0	405,2	-	2.542	2.577	1,4	1.029,4	1.044,3	1,4
CE	480,6	480,6	-	835	892	6,8	401,3	428,7	6,8
RN	32,4	32,4	-	633	465	(26,5)	20,5	15,1	(26,3)
PB	76,6	76,6	-	462	485	5,0	35,4	37,2	5,1
PE	228,6	228,6	-	411	378	(8,0)	94,0	86,4	(8,1)
AL	31,0	31,0	-	887	887	-	27,5	27,5	-
SE	226,6	226,6	-	4.670	4.670	-	1.058,2	1.058,2	-
BA	812,5	853,9	5,1	3.917	4.039	3,1	3.182,3	3.448,9	8,4
CENTRO-OESTE	6.202,2	5.940,1	(4,2)	5.652	5.817	2,9	35.053,8	34.553,1	(1,4)
MT	3.298,2	3.129,9	(5,1)	5.473	5.647	3,2	18.049,4	17.673,4	(2,1)
MS	1.574,5	1.568,0	(0,4)	5.195	5.451	4,9	8.179,6	8.547,2	4,5
GO	1.240,5	1.153,2	(7,0)	6.448	6.559	1,7	7.999,1	7.563,6	(5,4)
DF	89,0	89,0	-	9.278	8.639	(6,9)	825,7	768,9	(6,9)
SUDESTE	2.106,5	1.990,3	(5,5)	5.093	5.540	8,8	10.728,4	11.027,0	2,8
MG	1.326,0	1.250,4	(5,7)	5.236	5.849	11,7	6.943,0	7.313,1	5,3
ES	22,3	18,6	(16,6)	2.711	2.802	3,4	60,5	52,1	(13,9)
RJ	4,4	3,4	(22,7)	2.332	2.324	(0,3)	10,3	7,9	(23,3)
SP	753,8	717,9	(4,8)	4.928	5.090	3,3	3.714,6	3.653,9	(1,6)
SUL	4.069,3	3.757,9	(7,7)	6.113	6.111	-	24.873,8	22.964,9	(7,7)
PR	2.566,2	2.405,4	(6,3)	6.107	6.054	(0,9)	15.671,8	14.562,6	(7,1)
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.590	2,8	3.485,0	3.123,3	(10,4)
RS	1.031,2	941,0	(8,7)	5.544	5.610	1,2	5.717,0	5.279,0	(7,7)
NORTE/NORDESTE	3.451,2	3.477,5	0,8	2.723	2.833	4,1	9.396,0	9.852,3	4,9
CENTRO-SUL	12.378,0	11.688,3	(5,6)	5.708	5.864	2,7	70.656,0	68.545,0	(3,0)
BRASIL	15.829,2	15.165,8	(4,2)	5.057	5.169	2,2	80.052,0	78.397,3	(2,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



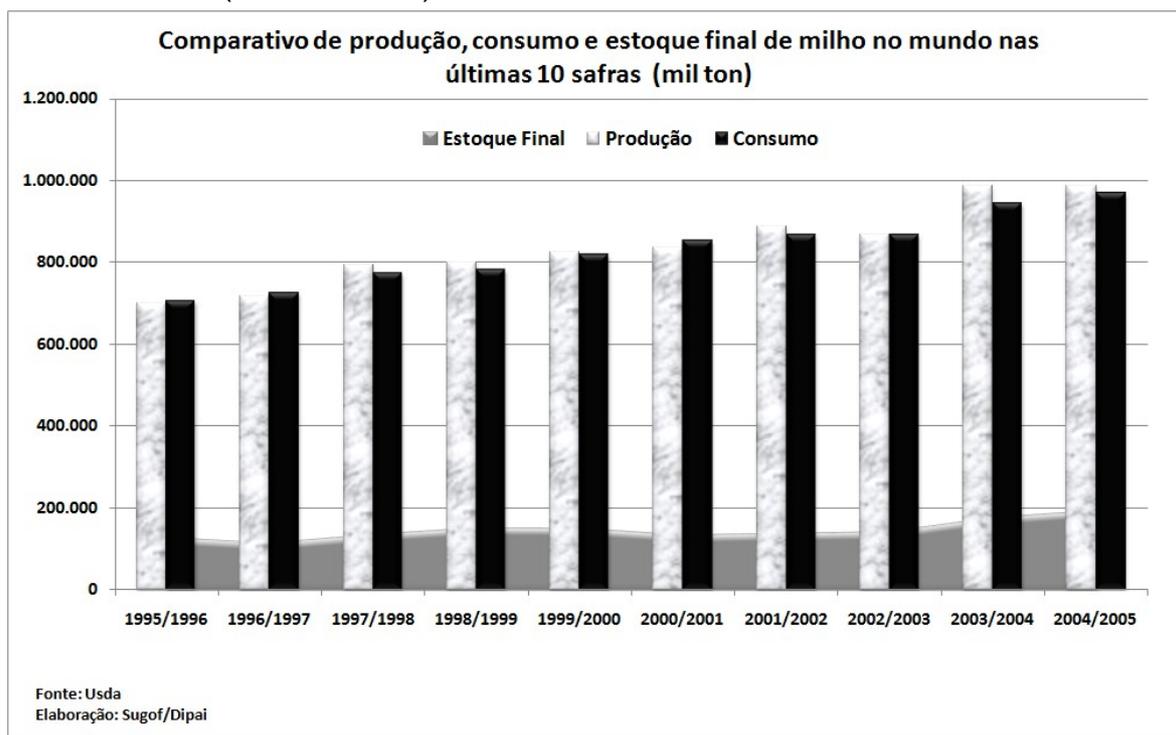
Fonte: Conab/IBGE.

10.1.7.4. Oferta e demanda

Panorama mundial

A produção mundial de milho continua permitindo ao mercado internacional um cenário bastante confortável, vez que se encontra em 988,07 milhões de toneladas, continuando acima do consumo mundial que aumentou de 944,91 para 968,90 milhões de toneladas, porém, mantendo um estoque de passagem elevado na ordem de 189,14 milhões de toneladas, o maior das últimas dez safras.

Gráfico 47 – Comparativo de produção, consumo e estoque final de milho no mundo nas últimas dez safras (mil toneladas)



Há de se ressaltar que o que tem favorecido este cenário é a safra recorde dos Estados Unidos, recentemente colhida, que atingiu um valor de 361,09 milhões toneladas, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda). Este volume representa um pequeno ajuste para baixo, em relação ao relatório anterior. Ainda assim, tal crescimento norte-americano supera as quedas de produção previstas pelo Usda, para os outros principais players do mercado de milho.

Na Ucrânia, as incertezas em relação à estabilidade política do país vêm gerando algumas preocupações no mercado em relação a alguma possibilidade de retomada de crescimento da produção bem como sua presença mais firme nas exportações mundiais do grão.

Na América do Sul, o Usda projeta que o Brasil terá uma redução de produção de 79,3 para 75 milhões, devido a questões de clima e de mercado do grão. Na Argentina, apesar da estimativa de queda na produção do grão, o clima vem colaborando para que se vislumbre expectativas positivas, principalmente pelas estimativas das autoridades locais que esperam uma produção em torno de 1 milhão acima do que foi projetado pelo Usda.

Gráfico 48 – Evolução da produção mundial de milho nas últimas dez safras – principais países produtores (mil toneladas)

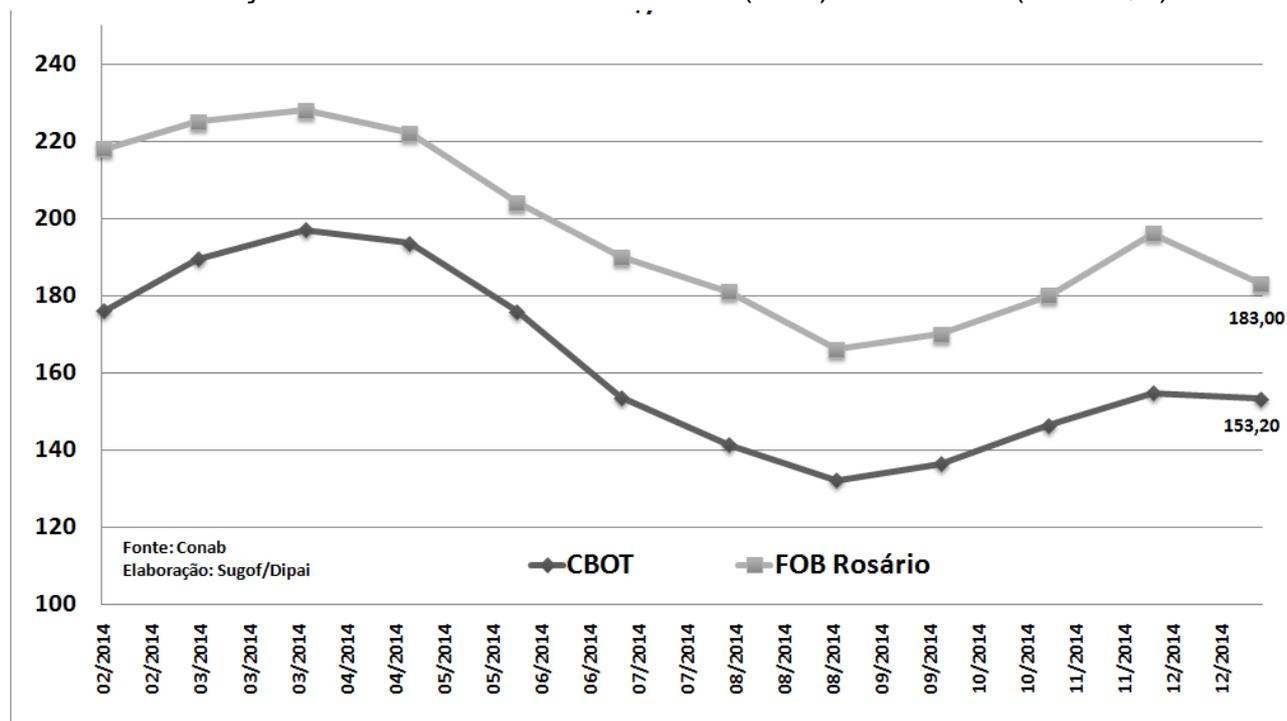
Em relação à demanda mundial, destaca-se que para este mês houve uma retração no consumo de milho para a produção de etanol nos Estados Unidos, devido aos estoques altos do biocombustível, fato que ajudou a manter as cotações na Bolsa de Chicago abaixo de US\$ 4,00/bushel (US\$ 157,47/t), em boa parte do mês de janeiro.

Preços internacionais

As cotações nas principais bolsas de mercadorias que vinha dando sinais de uma leve recuperação perderam forças neste mês de janeiro. Em Chicago, os preços fecharam, na média mensal, em US\$ 3,89/bushel (US\$ 153,20), retomando o cenário baixista diante de um excesso de oferta do cereal no mundo e sem nenhum forte acréscimo de demanda, gerando um estoque disponível bastante confortável.

Na Argentina, os preços seguiram a mesma tendência baixista que em Chicago, fechando em US\$ 183,00/t a média mensal das cotações FOB Rosário.

Gráfico 49 – Preços internacionais médios mensais (FOB) – 12 meses (em US\$/t)



Panorama nacional

A situação de oferta e demanda nacional vem apresentando um cenário bastante confortável, no que se refere à disponibilidade de milho para os principais mercados consumidores, tais como os setores de aves e suínos, isto por que, mesmo com uma boa exportação realizada no ano safra 2013/14, os estoques finais ficaram em 14,3 milhões de toneladas, aumentando, assim, a disponibilidade interna do grão neste primeiro semestre, mesmo com a queda na produção do milho primeira safra.

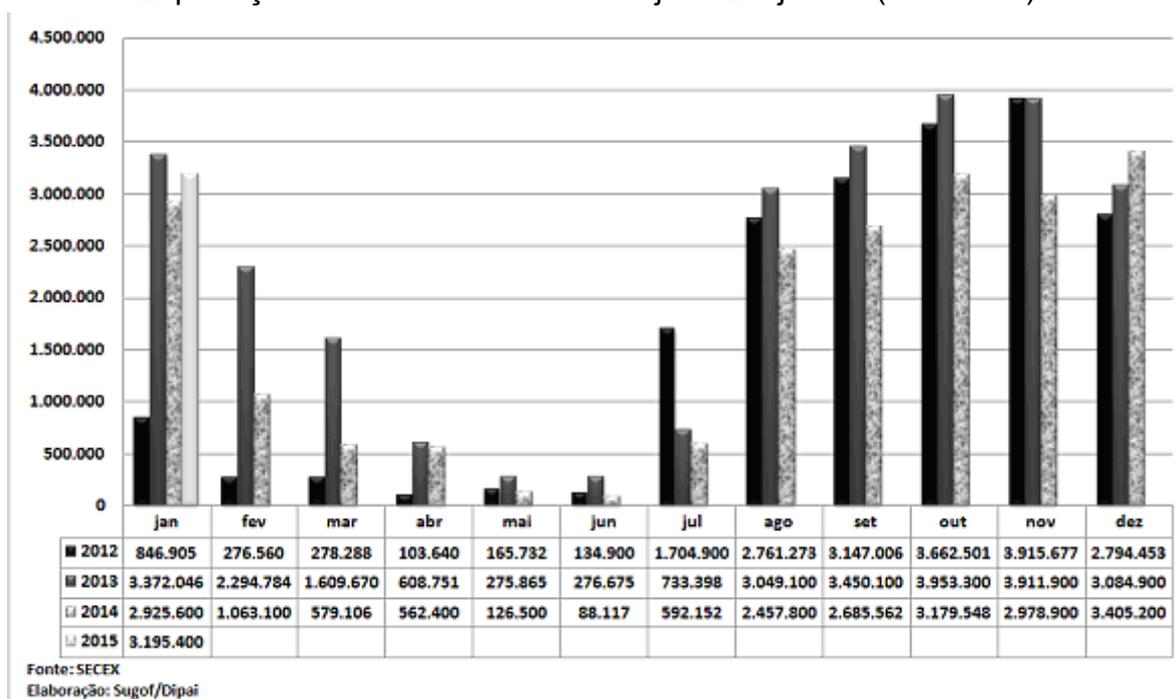
Informações sobre o consumo nacional

Em relação ao consumo interno do milho, percebe-se uma tendência de aumento, visto que o setor de produção animal tem projetado um crescimento no plantel, já que as oportunidades de mercado estão favoráveis. Portanto, projeta-se um incremento no consumo de 53,9 para 55 milhões de toneladas.

Análise de exportações ou importações brasileiras

As exportações brasileiras fecharam o ano safra (fevereiro de 2014 a janeiro de 2015) em 20,9 milhões de toneladas, 400 mil toneladas acima do projetado no último relatório, evidenciando a influência da valorização do dólar na formação dos preços internos e da paridade de exportação do cereal, mostrando que o produtor nacional aproveitou o custo de oportunidade para realizar negociações de milho com o mercado externo.

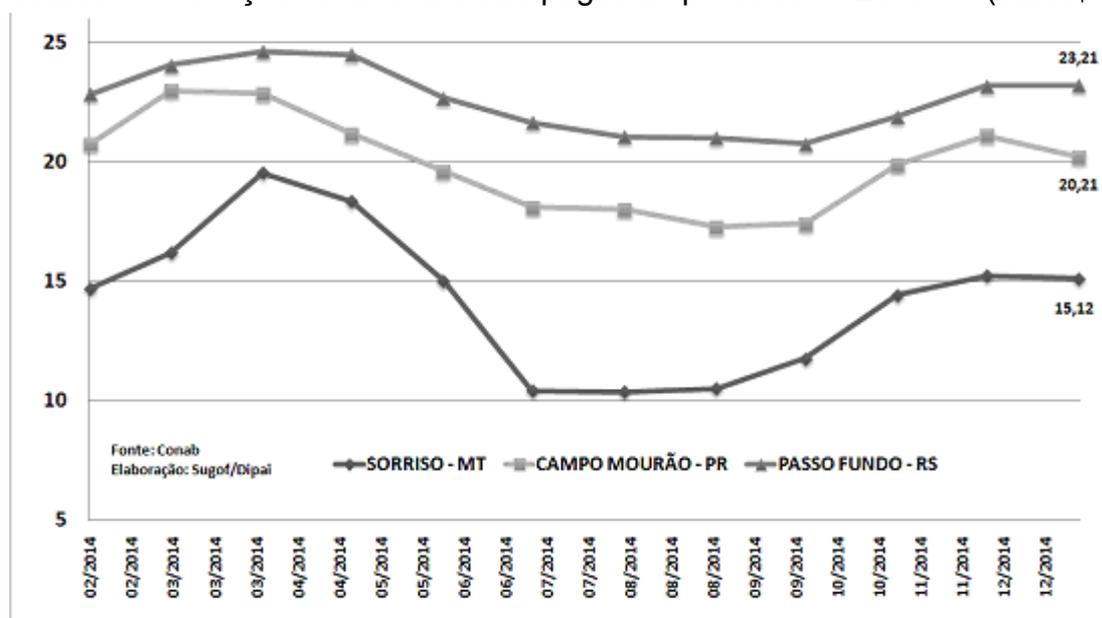
Gráfico 50 – Exportações brasileiras de milho de jan/12 a jan/15 (toneladas)



Preços nacionais

Com a demanda externa aquecida e com a paridade de exportação ainda favorável, apesar da redução das cotações em Chicago, os preços internos não tiveram uma redução significativa e ainda permanecem atrativos.

Gráfico 51 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses (em R\$/60kg)



Com as cotações no Mato Grosso variando de R\$ 15,00 a 18,00/60Kg, é possível que ainda se perceba um reflexo na decisão de plantio do produtor de milho segunda safra, que já iniciou os trabalhos, dependendo da expectativa que este tem em relação aos preços futuros do grão.

Por sua vez, em janeiro, de acordo com o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea) já foram comercializados 22,3% da produção de milho, antecipadamente, isto por que as projeções de dólar ainda mais valorizado até o final deste ano e as incertezas em relação ao tamanho final da safra de milho têm levado os compradores, tanto internos quanto externos, a garantirem o seu abastecimento.

10.1.8. Soja

A Região Centro-Oeste, maior produtora da oleaginosa do país, sofreu forte estresse hídrico no período compreendido entre a segunda quinzena de novembro de 2014 e a primeira quinzena de janeiro de 2015, causando fortes impactos no desenvolvimento das lavouras e trazendo importantes comprometimentos nas suas produtividades. Em Goiás e no Distrito Federal, onde ocorreram as maiores reduções na produtividade da oleaginosa no país, alguns municípios sofreram intensamente com a falta de chuvas durante estágios sensíveis da lavoura, por um período de aproximadamente 30 dias. É importante destacar que esses problemas climáticos observados, já haviam motivado o atraso do plantio em praticamente toda a Região Centro-Oeste. A colheita que se inicia na região – estima-se cerca de 7% da área – não permite ainda precisar o grau de perdas nas lavouras, mas as estimativas iniciais apontam, nos estados supracitados, uma redução na produtividade de 10,1% e 13,4%, respectivamente, comparada com as estimativas para a oleaginosa divulgadas em janeiro, pela Conab.

O melhor desempenho do clima, impactando as lavouras nos demais estados, contribuíram para atenuar os prejuízos regionais. No Mato Grosso do Sul foi constatada uma pequena redução nas estimativas de produtividades em relação aos números da divulgação anterior, cerca de 2%, em virtude também das irregularidades climáticas, mas sem a abrangência e a intensidade ocorrida nos outros estados. O mesmo caso se aplica para o Mato Grosso, onde a produtividade praticamente se manteve, quando comparada com a divulgada em janeiro, mas que suplanta em 1,5% a observada em 2014. Nesses locais, os relatos priorizam mais os ataques de lagartas e percevejos, com intensidade variando de baixa a média, reflexo da redução das chuvas, combinadas com as elevadas temperaturas, que foram perfeitamente administradas pelo competente manejo.

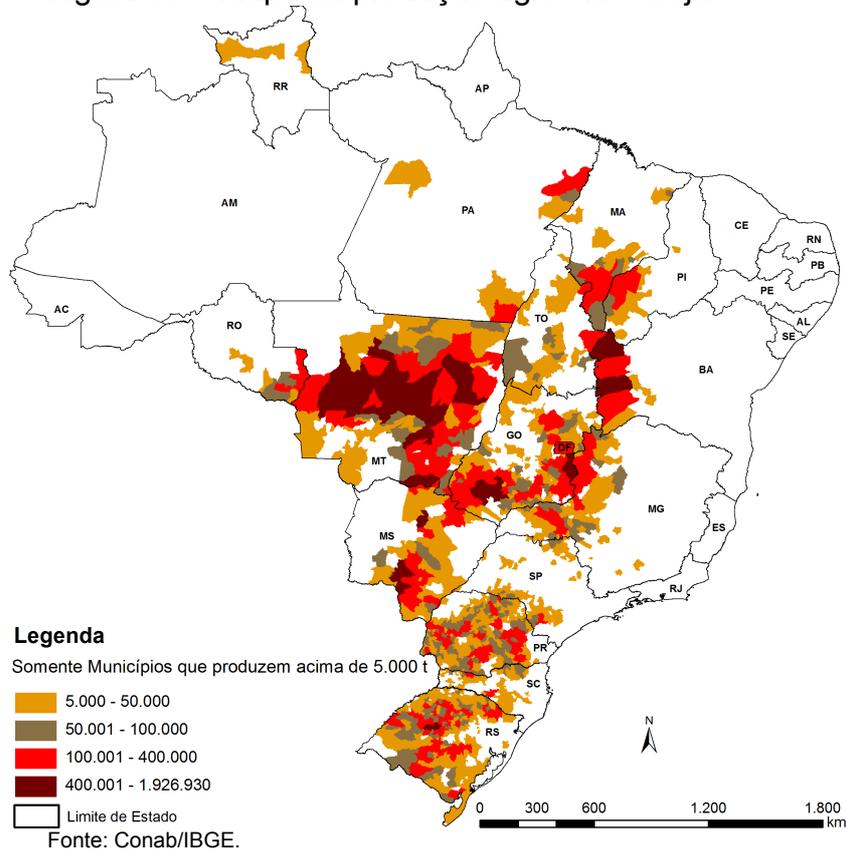
Na Região Sul, segunda maior produtora da oleaginosa, observou-se incremento na produtividade, em torno de 9,6%, decorrente de um quadro que combinou, temperaturas adequadas com boa distribuição de chuvas. No Paraná, aproximadamente 7% da área plantada já foi colhida. Após um início conturbado, quando a seca atrasou o plantio, o clima, com exceção de algumas áreas no norte do estado, apresentou uma normalização na parte restante do estado e essas condições mantiveram-se até o momento, coincidindo com a colheita da oleaginosa. Esse comportamento do clima, associado ao pacote tecnológico utilizado pelo produtor, respalda a expectativa de forte incremento da produtividade nessa safra, estima-se em 12,8%, partindo de 2.950 kg/ha para 3.328 kg/ha. Na região denominada norte pioneiro, ocorreram chuvas normais até a primeira quinzena de janeiro. Após essa data, ocorreu um veranico de aproximadamente 20 dias, acompanhada de elevadas temperaturas, situação muito parecida com a que ocorreu em 2014, que afetou os níveis de produtividades, reduzindo em 2,3% a produtividade estadual esperada, quando comparada com a avaliação do quarto levantamento.

Em Santa Catarina, de uma forma geral, as chuvas apresentaram-se de forma distribuída por todo o estado, amenizando as elevadas temperaturas ocorridas durante o ciclo vegetativo e que trouxeram importantes benefícios para a lavoura. É esperada para

essa temporada, um incremento de 2,3% nos níveis de produtividades, quando se compara com o ocorrido na anterior. Nessa safra, observa-se a predominância das variedades de ciclo precoce. No Rio Grande do Sul o desenvolvimento das lavouras apresenta-se muito bom nas terras altas, com expectativas de desempenho superior ao do exercício passado. De uma maneira geral, a sanidade das lavouras até o momento é considerada boa, com uma expectativa de incremento dos níveis de produtividades de 6,8%, saindo de um patamar de 2.605 kg/ha na temporada 2014, para 2.781 na atual.

Na Região Sudeste, o fato da colheita iniciar em Minas Gerais, maior produtor regional, prejudica uma avaliação mais apropriada dos níveis de produtividade, num estado bastante afetado pelas adversidades climáticas. O que importa destacar, é que os transtornos do clima nas lavouras de soja tanto em Minas Gerais quanto em São Paulo foram tão intensos na safra passada, que nesse início de colheita, a despeito dos diversos problemas enfrentados pela lavoura, os níveis de rendimentos esperados para o atual exercício, ainda apresentaram um incremento na produtividade de 11,8% na Região Sudeste, um dos maiores estimados para 2015. A produtividade atual está estimada em 2.829 kg/ha, contra 2.520 kg/ha, alcançada na safra passada.

Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Soja

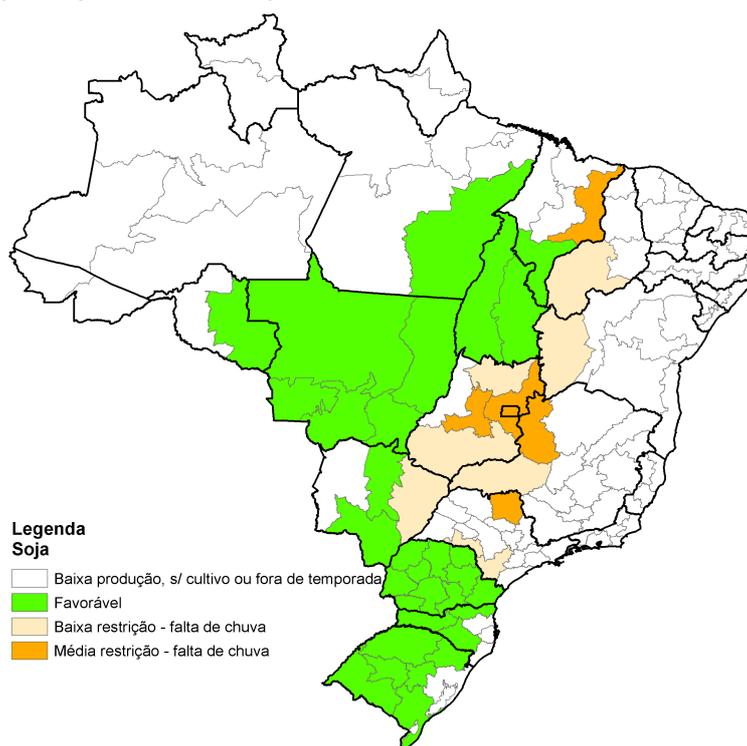


Em Minas Gerais, as áreas de soja apresentaram incrementos importantes nessa temporada, avançando sobre áreas de milho, cana-de-açúcar, feijão da primeira safra e pastagens degradadas. O atraso no plantio e a sua completa efetivação somente em dezembro, além dos relatos pontuais de perdas, constituem motivo de preocupação para os produtores, devido à redução da “janela climática” necessária para a segunda safra de milho, plantada na sequência da colheita da oleaginosa. Em função do prolongado período sem chuvas em janeiro, coincidindo com as fases de floração e enchimento dos grãos, a produtividade das lavouras, cuja colheita está iniciando, deverá apresentar uma redução de 3% em relação à estimativa divulgada no mês passado, mas superior em 8,3% quando comparada com a do ano passado. Em São Paulo, no período entre dezembro e janeiro, ocorreram melhorias significativas das condições climáticas na maioria das regiões produtoras do estado, beneficiando o desenvolvimento vegetativo da oleaginosa. A produtividade estimada atualmente, não difere da divulgada em janeiro, mas representa o maior aumento nacional (18,8%) quando comparada com o desempenho estadual observado no ano passado.

Com base nos relatórios do clima, as chuvas irregulares deverão afetar, mesmo que de forma diferenciada, as lavouras de soja na maior parte da região produtora denominada MATOPIBA. É importante salientar a gradativa melhoria das condições do clima nos últimos anos em todos os municípios produtores, trazendo reflexos aos níveis de produtividade da oleaginosa. Atualmente, o clima desfavorável nos principais municípios produtores, com alternância de veranicos, tem provocado uma forte incidência de replantios. Em alguns desses municípios nos diferentes estados que compõem a região produtora, foram registradas ausências de chuvas por um extenso período, coincidindo com estágios sensíveis da planta, tais como germinação e início do desenvolvimento vegetativo. Apesar da constatação de que a cada ano é notado um incremento no uso do pacote tecnológico pelos produtores, acompanhado de um aumento da área plantada de grãos, as adversidades do clima tem desestimulado os produtores. Nessa divulgação, os dados apresentados pelos relatórios consolidados apontam para uma redução generalizada na produtividade, quando comparada com janeiro.

Essa conjugação de fatores aponta para uma expectativa de produção nacional nesse início da temporada 2014/15, de 94.577,2 mil toneladas. Apesar do continuado recorde, representa uma diminuição de 1,8% em relação ao número divulgado no mês anterior, e corresponde a um incremento de 9,8% quando comparada com os 86,1 milhões de toneladas, observada na safra passada.

Figura 41 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 29 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	<ul style="list-style-type: none"> - sul do MA (F), exceto regiões pontuais - leste de RO (FR) - sudeste do PA (F) - todo estado do TO (F), exceto regiões pontuais - todo estado do PR (F/FR) , exceto regiões pontuais - todo estado de SC (F/FR) - todo estado do RS (F) - centro norte e sudoeste do MS (FR/M), exceto regiões pontuais - todo estado do MT (F/FR/M), exceto regiões pontuais 			<ul style="list-style-type: none"> - regiões pontuais do sul do MA (F)** - leste do MA (F) - sudoeste do PI (F) - oeste da BA (F) - regiões pontuais do TO (F)** - regiões pontuais do centro norte e sudoeste do MS (FR)** - leste de MS (FR) - regiões pontuais do MT (F/FR)** - oeste de MG (F)- sul e norte de SP (FR) - regiões pontuais do PR (F/FR)** - todo estado de GO (FR) - DF (FR)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.178,9	1.284,7	9,0	2.877	2.912	1,2	3.391,3	3.740,7	10,3
RR	18,0	18,0	-	3.120	2.798	(10,3)	56,2	50,4	(10,3)
RO	191,1	229,5	20,1	3.180	3.198	0,6	607,7	733,9	20,8
PA	221,4	240,2	8,5	3.020	2.958	(2,1)	668,6	710,5	6,3
TO	748,4	797,0	6,5	2.751	2.818	2,4	2.058,8	2.245,9	9,1
NORDESTE	2.602,2	2.773,8	6,6	2.544	2.849	12,0	6.620,9	7.902,3	19,4
MA	662,2	678,1	2,4	2.754	2.930	6,4	1.823,7	1.986,8	8,9
PI	627,3	673,7	7,4	2.374	2.744	15,6	1.489,2	1.848,6	24,1
BA	1.312,7	1.422,0	8,3	2.520	2.860	13,5	3.308,0	4.066,9	22,9
CENTRO-OESTE	13.909,4	14.458,7	3,9	3.005	3.022	0,6	41.800,5	43.700,9	4,5
MT	8.615,7	8.891,4	3,2	3.069	3.115	1,5	26.441,6	27.696,7	4,7
MS	2.120,0	2.300,5	8,5	2.900	3.000	3,4	6.148,0	6.901,5	12,3
GO	3.101,7	3.194,8	3,0	2.900	2.785	(4,0)	8.994,9	8.897,5	(1,1)
DF	72,0	72,0	-	3.000	2.850	(5,0)	216,0	205,2	(5,0)
SUDESTE	1.989,9	2.118,7	6,5	2.520	2.819	11,8	5.015,3	5.972,3	19,1
MG	1.238,2	1.317,4	6,4	2.687	2.910	8,3	3.327,0	3.833,6	15,2
SP	751,7	801,3	6,6	2.246	2.669	18,8	1.688,3	2.138,7	26,7
SUL	10.492,7	10.870,9	3,6	2.792	3.060	9,6	29.292,8	33.261,0	13,5
PR	5.010,4	5.195,8	3,7	2.950	3.328	12,8	14.780,7	17.291,6	17,0
SC	542,7	586,1	8,0	3.030	3.100	2,3	1.644,4	1.816,9	10,5
RS	4.939,6	5.089,0	3,0	2.605	2.781	6,8	12.867,7	14.152,5	10,0
NORTE/NORDESTE	3.781,1	4.058,5	7,3	2.648	2.869	8,3	10.012,2	11.643,0	16,3
CENTRO-SUL	26.392,0	27.448,3	4,0	2.884	3.021	4,8	76.108,6	82.934,2	9,0
BRASIL	30.173,1	31.506,8	4,4	2.854	3.002	5,2	86.120,8	94.577,2	9,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P			C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P		C	C	C	C			
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

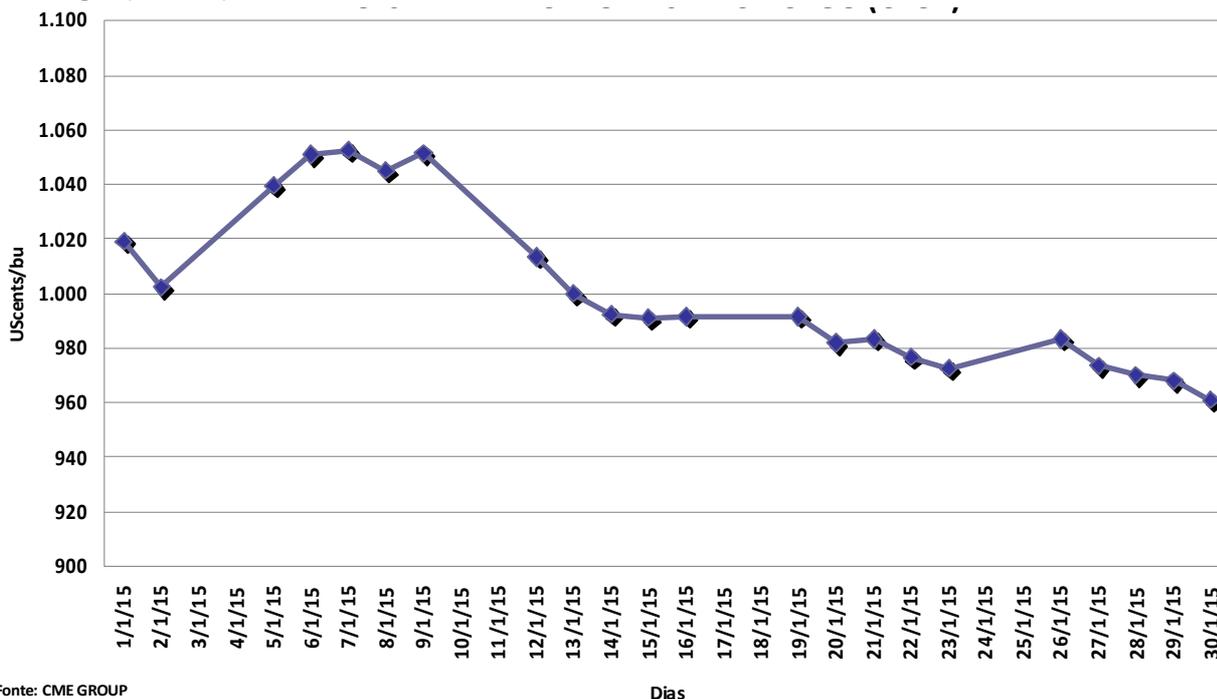
10.1.8.1. Oferta e demanda

Panorama internacional

Os preços internacionais de soja, precificados pela Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT), fecharam o mês de janeiro menores que UScents 1.000,00/bu (US\$ 367,4/t).

Após vários meses mantendo-se estáveis entre UScents 1.000,00/bu (US\$ 367,4/t) e UScents 1.100,00/bu (US\$ 404,18/t), os preços CBOT chegaram a ser cotados a UScents 961,00/bu (US\$ 353,11/t) no final de janeiro de 2015.

Gráfico 52 – Preços internacionais em janeiro/15 (FOB) – Bolsa de mercadorias de Chicago (CBOT)



Fonte: CME GROUP
Elaboração: Sugof/Di pai

O principal motivo para esta queda, em janeiro/15, foi o início da colheita sul-americana (Brasil e Argentina) de soja.

Com previsão de uma colheita de mais de 150 milhões de toneladas de grãos, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), somadas às 108 milhões de toneladas produzidas pelos Estados Unidos e aos 56,86 milhões produzidas pelo restante do mundo deverá alcançar, aproximadamente, 314 milhões de toneladas de soja, na safra 2014/15.

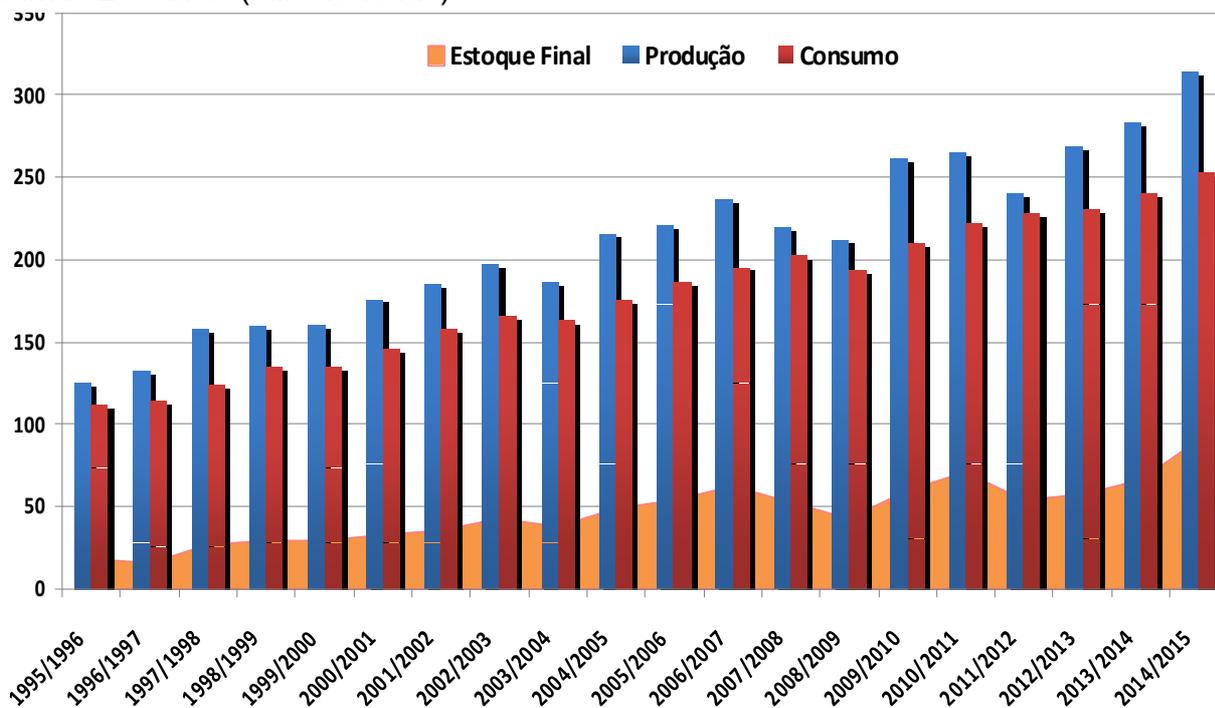
Tabela 31 – Oferta e demanda mundial – Produção de soja (milhões de toneladas)

País/Safra	2010/11	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015 Dezembro	2014/2015 Janeiro
Estados Unidos	90,66	84,29	82,79	91,39	107,73	108,01
Brasil	75,30	66,50	82,00	86,70	94,00	95,50
Argentina	49,00	40,10	49,30	54,00	55,00	55,00
China	15,08	14,49	13,05	12,20	11,80	11,80
Índia	10,10	11,70	12,20	9,50	11,00	10,50
Paraguai	7,13	4,04	8,20	8,20	8,50	8,50
Canada	4,45	4,47	5,09	5,36	6,05	6,05
Outros	12,53	14,91	16,14	16,39	18,73	19,01
Total	264,25	240,49	268,77	283,74	312,81	314,37

Fonte: Usda - Janeiro/14

Com um esmagamento mundial estimado pelo Usda em 253,53 milhões de toneladas na safra 2014/15, os estoques finais devem ser de 90,78 milhões de toneladas; valor 37,21% superior à safra 2013/14 e sendo mais um motivo para que os preços internacionais estejam baixistas.

Gráfico 53 – Comparativo de produção, consumo e estoque final de soja no mundo nas últimas 20 safras (mil toneladas)



Fonte: Usda

Elaboração: Sugof/Dipai

Panorama nacional

Diante do cenário apresentado e devido pequena desvalorização do dólar frente ao real em janeiro, os preços no Brasil, que vinham desvalorizando mais lentamente que os preços internacionais em 2014, se viram diante de grande queda em janeiro de 2015.

Para exemplificar, os preços que eram cotados a R\$ 58,50/60kg em Cascavel/PR e R\$ 55,50/60kg em Sorriso/MT, no início do mês de janeiro fecharam o mês, cotados a R\$ 54,00/kg em Cascavel e R\$ 48,00/60kg em Sorriso/MT; uma desvalorização de -7,69 e -13,51%, respectivamente.

Tabela 32 – Cotação dos preços de soja (R\$/60kg)

	01/01/15	30/01/15	%
MT	57,00	51,00	-10,53
PR	58,50	55,00	-5,98
RS	59,50	54,00	-9,24
GO	55,00	52,70	-4,18
MS	59,00	49,70	-15,76
BA	56,33	50,00	-11,24
Cascavel/PR	58,50	54,00	-7,69
Sorriso/MT	55,50	48,00	-13,51
Paranaguá/PR	66,50	60,30	-9,32
Rondonópolis/MT	59,00	50,80	-13,90

Fonte: Conab

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) as exportações do mês de janeiro ficaram em aproximadamente 85,3 mil toneladas de soja em grãos, valor 106,5% superior aos 30,6 mil toneladas de grãos exportados em janeiro de 2014, todavia, muito abaixo do valor exportado no mesmo período de 2012 que foram de 593 mil toneladas.

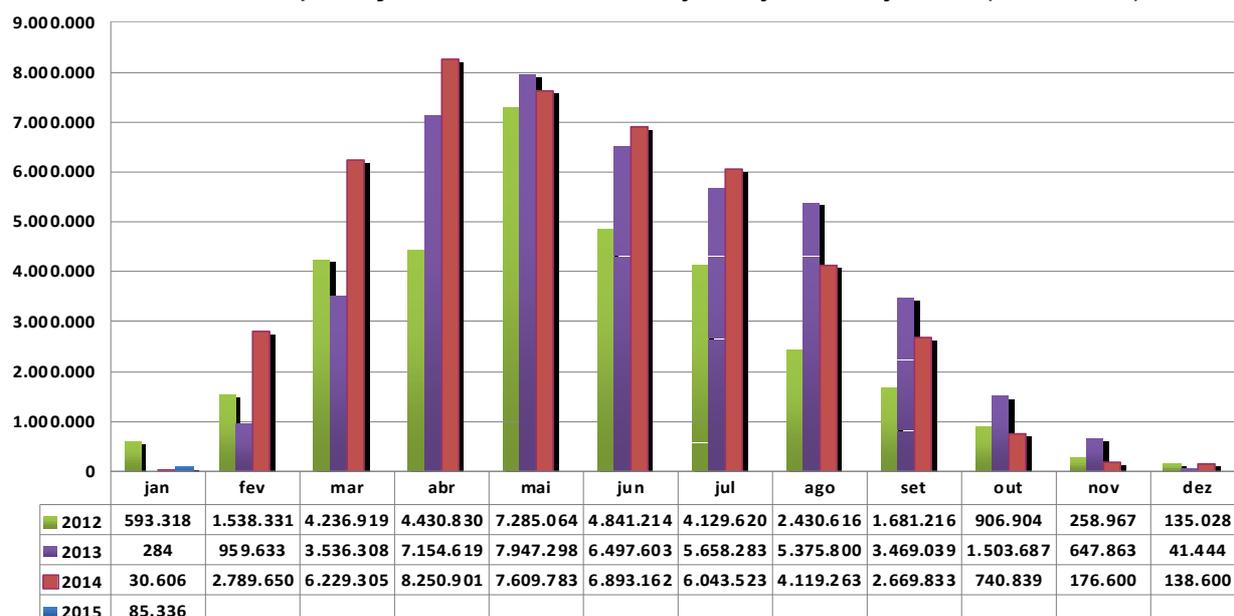
Esta queda de exportação está associada à recuperação da produção americana que devido a problemas climáticos, afetou diretamente as suas exportações em 2012, dando lugar às exportações brasileiras, fato que não se repetiu no ano de 2014 e 2015.

Com isto, os americanos voltaram a competir fortemente com as exportações brasileiras de soja, diminuindo o espaço para as exportações nacionais, principalmente para a China, responsável por 71,49% das exportações do Brasil.

As exportações brasileiras de grãos para a China em 2014 foram de 32,66 milhões de toneladas, valor similar aos 32,28 milhões de toneladas exportadas em 2013 para este mesmo país.

Com a quebra de safra ocorrida nos principais estados produtores nacionais, com os preços internacionais em baixa e consecutiva diminuição das exportações brasileiras, o Brasil deve exportar em 2015, aproximadamente 47,79 milhões de toneladas.

Gráfico 54 – Exportações brasileiras de soja de jan/12 a jan/15 (toneladas)

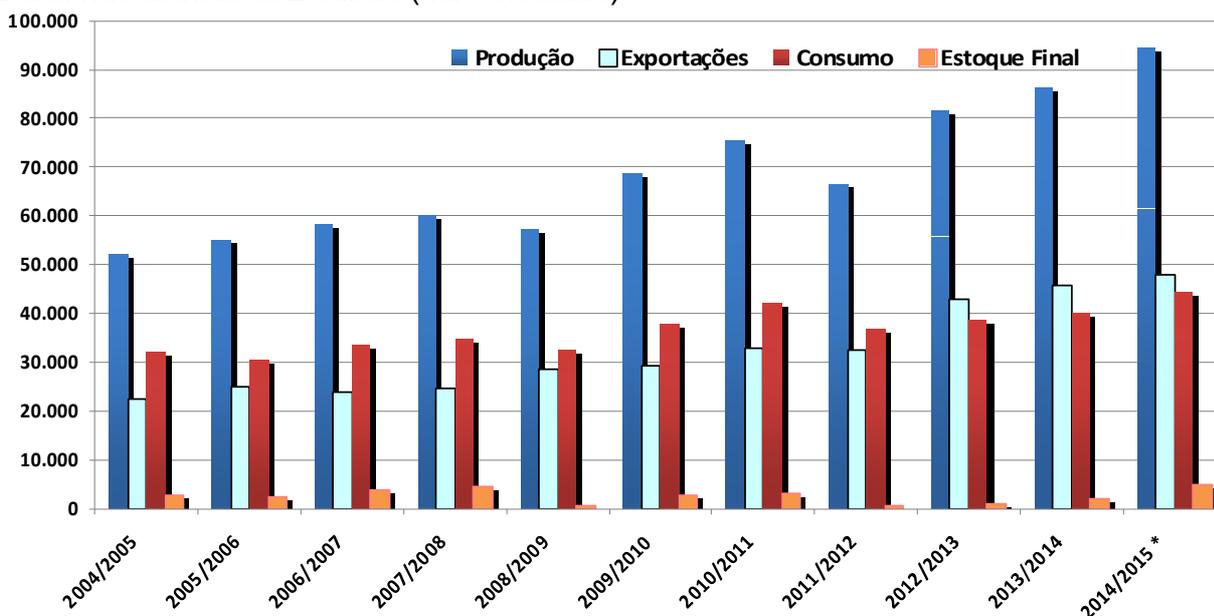


Fonte: SECEX Elaboração: Sugof/Dipai

Os esmagamentos brasileiros de grãos em 2015 devem ser de 41 milhões de toneladas de grãos, um aumento de 11,4% em relação ao esmagamento de 2014. Este aumento está relacionado, em parte, ao crescimento do consumo de óleo de soja internamente e, principalmente, ao aumento do uso do óleo de soja para o biodiesel, que passou de 5% para 7% da mistura no diesel.

Desta maneira, o estoque final brasileiro de soja deverá ser de 4,87 milhões de toneladas de soja em grãos.

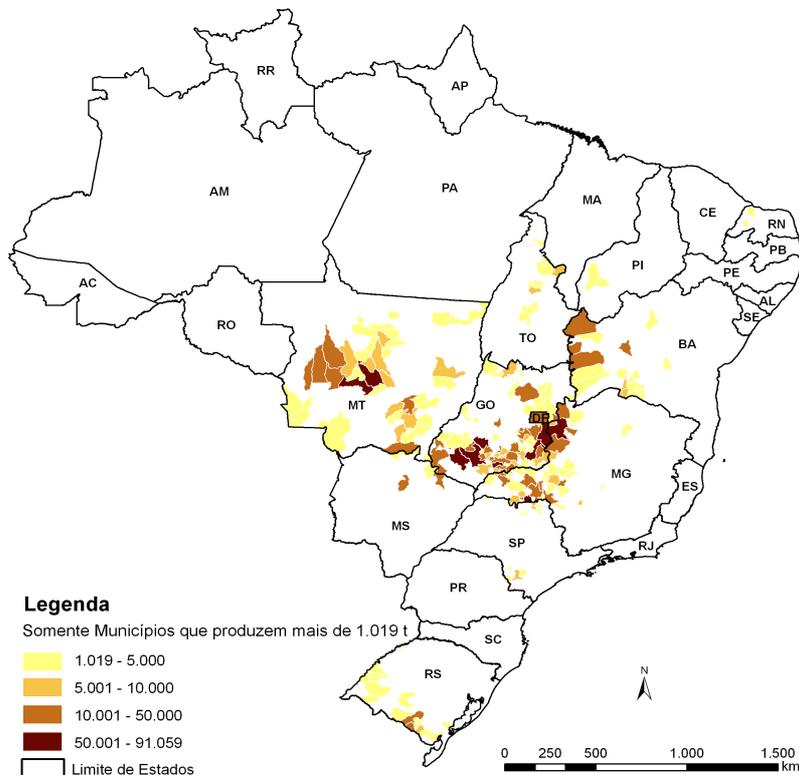
Gráfico 55 – Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de soja no Brasil nas últimas dez safras (mil toneladas)



Fonte: Conab *Estimativa
Elaboração: Sugof/Dipai

10.1.9. Sorgo

Figura 42 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P	C	C	C				
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	20,4	20,4	-	1.880	1.928	2,6	38,4	39,3	2,3
TO	20,4	20,4	-	1.880	1.928	2,6	38,4	39,3	2,3
NORDESTE	148,7	169,5	14,0	922	1.738	88,6	137,0	294,7	115,1
PI	7,7	7,7	-	1.819	2.500	37,4	14,0	19,3	37,9
CE	0,7	0,7	-	2.442	1.489	(39,0)	1,7	1,0	(41,2)
RN	1,2	1,2	-	955	921	(3,6)	1,1	1,1	-
PB	0,2	0,2	-	1.500	1.012	(32,5)	0,3	0,2	(33,3)
PE	1,8	1,8	-	560	820	46,4	1,0	1,5	50,0
BA	137,1	157,9	15,2	867	1.720	98,4	118,9	271,6	128,4
CENTRO-OESTE	363,7	363,7	-	3.096	3.008	(2,8)	1.126,0	1.094,0	(2,8)
MT	139,5	139,5	-	2.526	2.406	(4,8)	352,4	335,6	(4,8)
MS	9,1	9,1	-	3.300	2.894	(12,3)	30,0	26,3	(12,3)
GO	206,9	206,9	-	3.420	3.398	(0,6)	707,6	703,0	(0,7)
DF	8,2	8,2	-	4.392	3.551	(19,1)	36,0	29,1	(19,2)
SUDESTE	183,0	183,0	-	3.003	2.989	(0,5)	549,6	546,9	(0,5)
MG	170,2	170,2	-	2.974	2.974	-	506,1	506,1	-
SP	12,8	12,8	-	3.400	3.191	(6,1)	43,5	40,8	(6,2)
SUL	15,2	14,4	(5,3)	2.645	2.708	2,4	40,2	39,0	(3,0)
RS	15,2	14,4	(5,0)	2.645	2.708	2,4	40,2	39,0	(3,0)
NORTE/NORDESTE	169,1	189,9	12,3	1.037	1.759	69,6	175,4	334,0	90,4
CENTRO-SUL	561,9	561,1	(0,1)	3.054	2.994	(1,9)	1.715,8	1.679,9	(2,1)
BRASIL	731,0	751,0	2,7	2.587	2.682	3,7	1.891,2	2.013,9	6,5

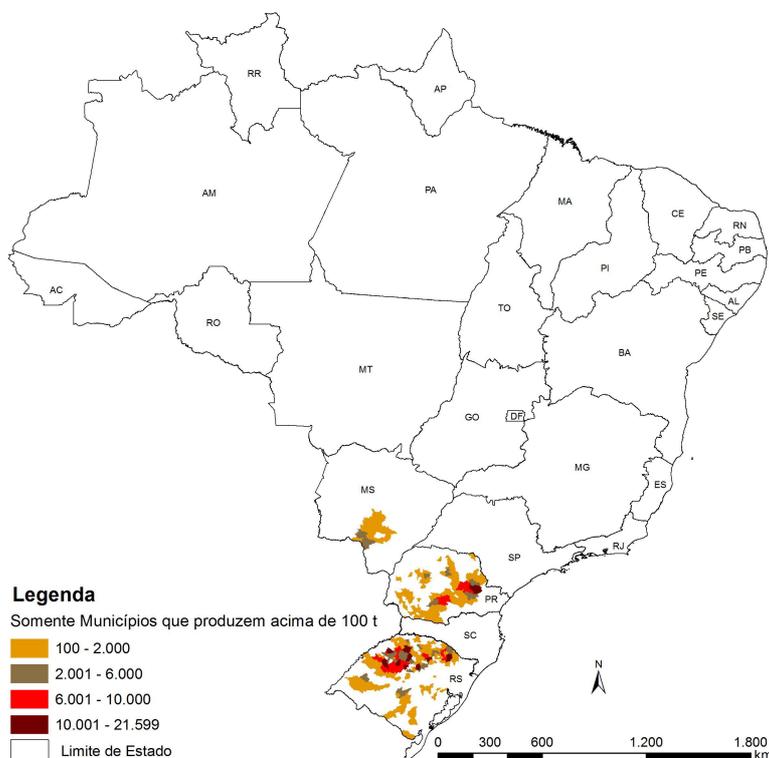
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.2. Culturas de inverno

10.2.1. Aveia

Figura 43 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						P	P	P		C	C	C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
RS	C	C					P	P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

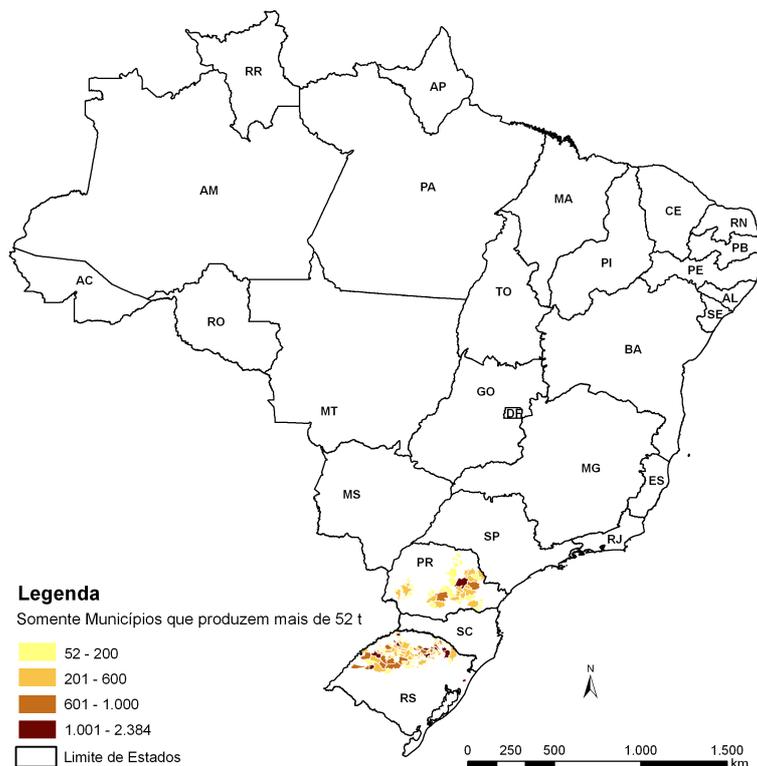
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	5,9	7,6	28,8	1.695	1.474	(13,0)	10,0	11,2	12,0
MS	5,9	7,6	28,8	1.694	1.470	(13,2)	10,0	11,2	12,0
SUL	164,2	145,6	(11,3)	2.362	2.028	(14,1)	387,9	295,3	(23,9)
PR	61,7	57,1	(7,5)	1.831	2.429	32,7	113,0	138,7	22,7
RS	102,5	88,5	(13,7)	2.682	1.770	(34,0)	274,9	156,6	(43,0)
CENTRO-SUL	170,1	153,2	(9,9)	2.339	2.001	(14,5)	397,9	306,5	(23,0)
BRASIL	170,1	153,2	(9,9)	2.339	2.001	(14,5)	397,9	306,5	(23,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.2.2. Canola

Figura 44 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C	C					P	P	P		C	C
SC	C						P	P	P		C	C
RS	C	C					P	P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

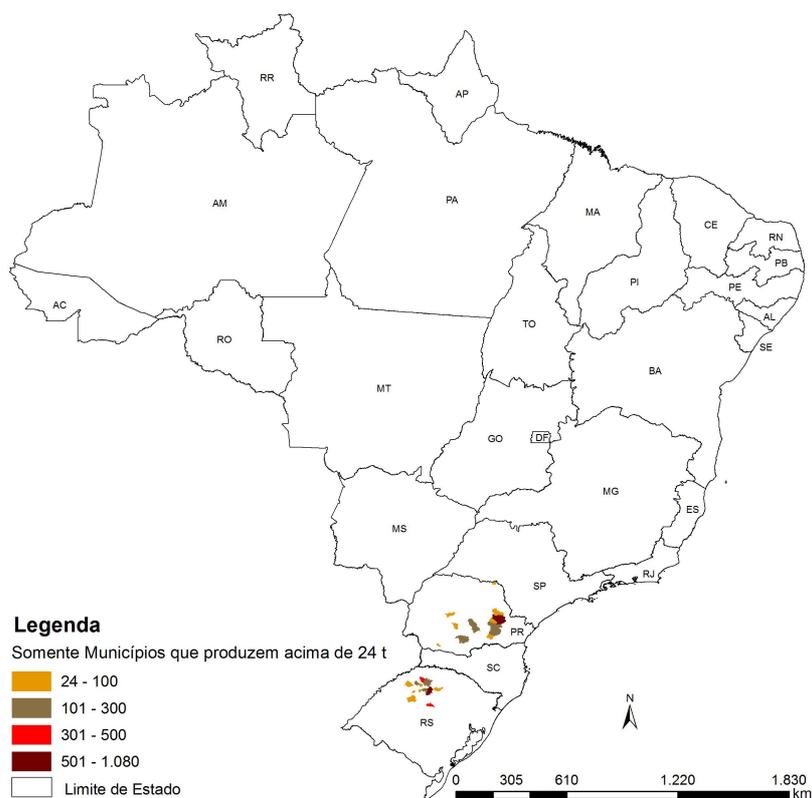
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	45,5	44,7	(1,8)	1.330	812	(38,9)	60,5	36,3	(40,0)
PR	15,2	5,7	(62,5)	813	1.436	76,6	12,4	8,2	(33,9)
RS	30,3	39,0	28,7	1.587	720	(54,6)	48,1	28,1	(41,6)
CENTRO-SUL	45,5	44,7	(1,8)	1.330	812	(38,9)	60,5	36,3	(40,0)
BRASIL	45,5	44,7	(1,8)	1.330	812	(38,9)	60,5	36,3	(40,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.2.3. Centeio

Figura 45 – Mapa da produção agrícola – Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C							P	P	P		C
RS	C	C						P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

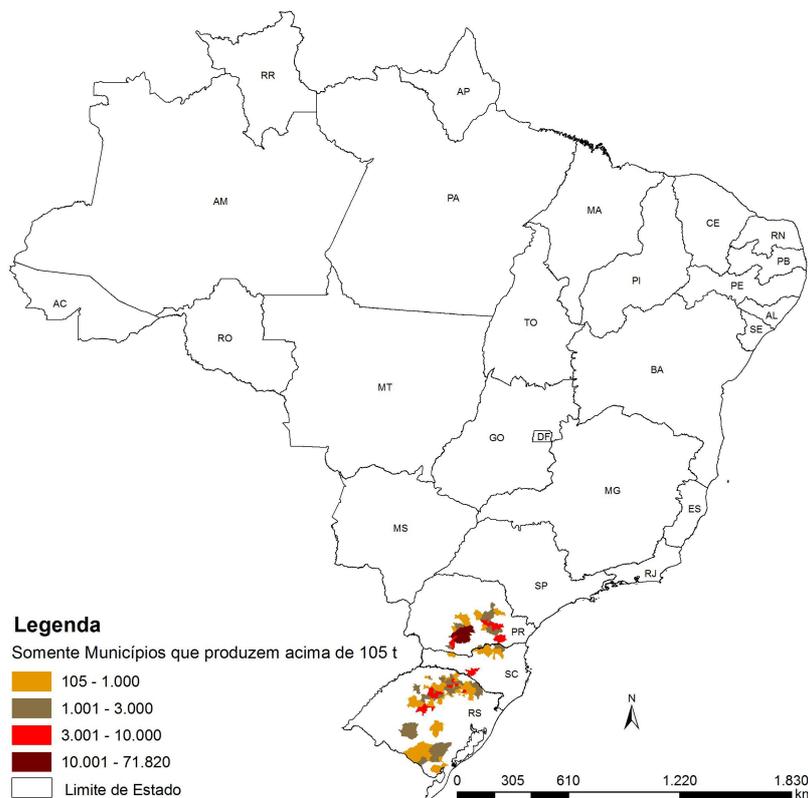
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,5	1,8	20,0	1.800	1.944	8,0	2,7	3,5	29,6
PR	1,0	1,3	25,9	1.904	2.103	10,5	1,9	2,7	42,1
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.500	-	0,8	0,8	-
CENTRO-SUL	1,5	1,8	20,0	1.800	1.944	8,0	2,7	3,5	29,6
BRASIL	1,5	1,8	20,0	1.800	1.944	8,0	2,7	3,5	29,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.2.4. Cevada

Figura 46 – Mapa da produção agrícola – Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C	C	C					P	P	P		
SC		C							P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

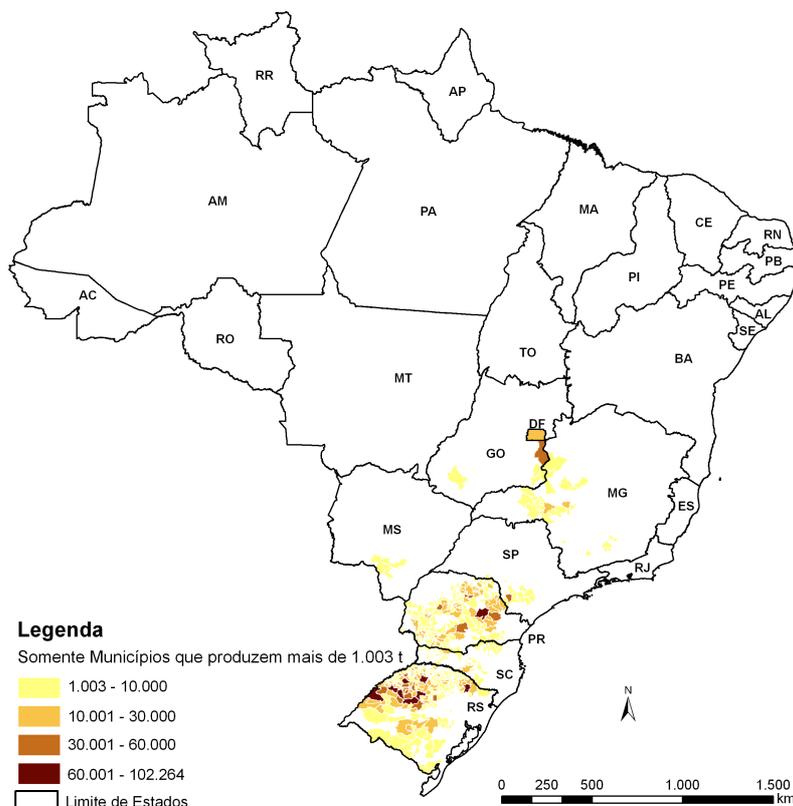
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	102,9	117,2	13,9	3.510	2.606	(25,8)	361,2	305,4	(15,4)
PR	43,7	53,2	21,8	4.157	3.547	(14,7)	181,7	188,7	3,9
SC	1,8	1,0	(44,5)	3.300	3.300	-	5,9	3,3	(44,1)
RS	57,4	63,0	9,8	3.024	1.800	(40,5)	173,6	113,4	(34,7)
CENTRO-SUL	102,9	117,2	13,9	3.510	2.606	(25,8)	361,2	305,4	(15,4)
BRASIL	102,9	117,2	13,9	3.510	2.606	(25,8)	361,2	305,4	(15,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.2.5. Trigo

Figura 47 – Mapa da produção agrícola – Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P			C	C
GO							P	P	P	C	C	C
DF							P	P	P		C	C
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
SP							P	P			C	C
Sul												
PR	C	C	C			P	P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P	P	
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	17,6	23,3	32,4	3.386	3.682	8,7	59,6	85,8	44,0
MS	8,5	12,0	41,2	900	2.000	122,2	7,7	24,0	211,7
GO	7,3	9,9	35,6	5.390	5.397	0,1	39,3	53,4	35,9
DF	1,8	1,4	(22,2)	7.000	6.000	(14,3)	12,6	8,4	(33,3)
SUDESTE	88,1	130,5	48,1	2.390	2.717	13,7	210,6	354,6	68,4
MG	36,2	68,0	87,8	3.309	3.004	(9,2)	119,8	204,3	70,5
SP	51,9	62,5	20,5	1.749	2.404	37,4	90,8	150,3	65,5
SUL	2.104,1	2.576,6	22,5	2.499	2.120	(15,2)	5.257,7	5.463,5	3,9
PR	992,8	1.360,9	37,1	1.856	2.737	47,5	1.842,6	3.724,8	102,1
SC	72,6	75,7	4,3	3.260	2.939	(9,8)	236,7	222,5	(6,0)
RS	1.038,7	1.140,0	9,8	3.060	1.330	(56,5)	3.178,4	1.516,2	(52,3)
CENTRO-SUL	2.209,8	2.730,4	23,6	2.502	2.162	(13,6)	5.527,9	5.903,9	6,8
BRASIL	2.209,8	2.730,4	23,6	2.502	2.162	(13,6)	5.527,9	5.903,9	6,8

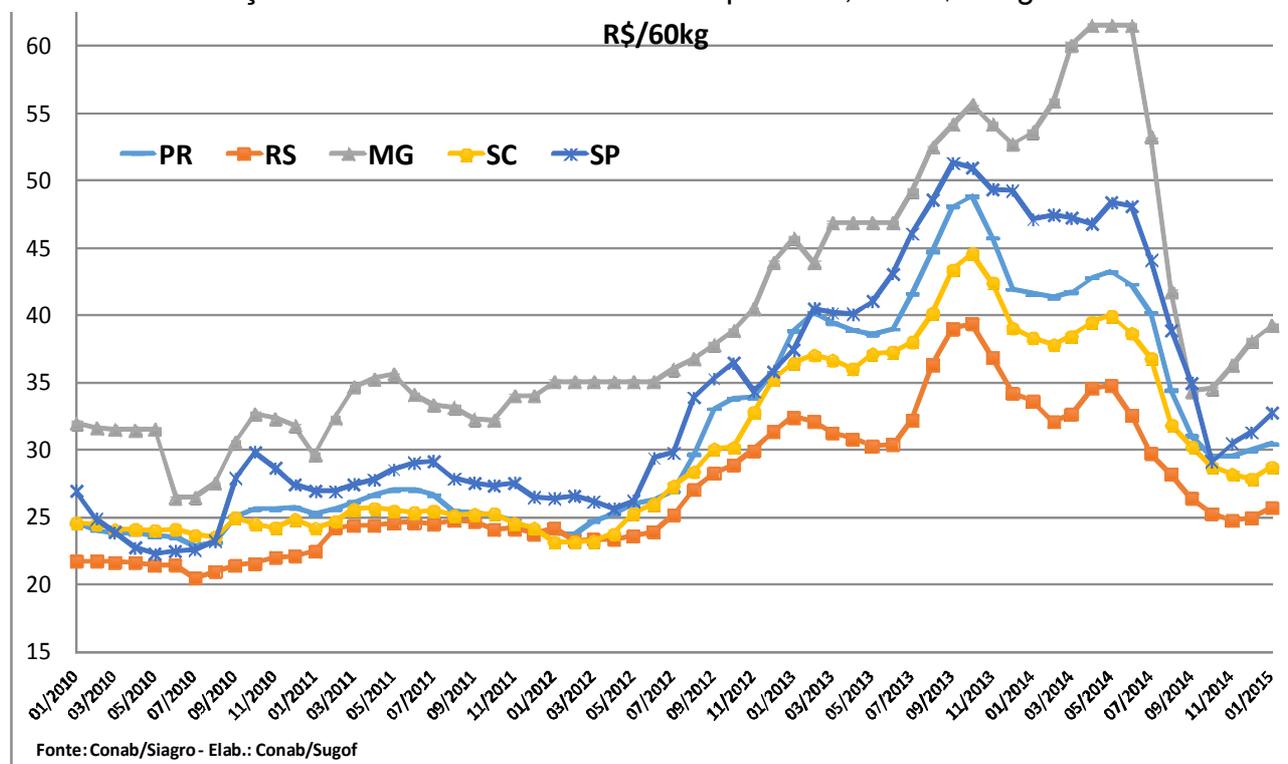
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

10.2.5.1. Oferta e demanda

No Gráfico 56 são demonstrados os preços dos cinco principais produtores nacionais de trigo. Devido à concentração, até o momento, dos efeitos da seca na Região Sudeste, resolveu-se citar o estado de Minas Gerais no gráfico em referência, por ser o maior produtor da citada região e o quarto maior produtor nacional.

Gráfico 56 – Preços nominais médios mensais ao produtor, em R\$/60kg



Observando os preços mensais, nota-se, desde o segundo semestre do ano de 2014, uma sensível depreciação nos preços do trigo, causados, principalmente, por fatores externos como preços baixos no mercado internacional e perspectivas, naquela época, de uma forte safra no Mercosul. A queda de preços, no geral, retornou para patamares de 2011 e 2012.

Uma tímida reação nos preços domésticos iniciou-se em dezembro de 2014, movida pela quebra da safra nacional; paridade favorável ao produto nacional; e forte embarque de lotes de trigo para o Nordeste, porém, esta alta não é sustentada por fatores do mercado externo, de forma que existe a possibilidade de que venha a perder força.

Na atual divulgação, o resultado da pesquisa de safra apresenta uma redução de 1,5 milhão de toneladas, fazendo com que a produção do Rio Grande do Sul recue de 3,1 para 1,5 milhão de toneladas, com perda de 52% da produção. Além da expressiva quebra de produção, cerca de 1 milhão de toneladas constitui matéria-prima de baixa qualidade para uso como ração animal, restando em valores próximos de 500 mil toneladas para uso industrial no estado.

No Paraná o clima adverso também provocou a diminuição do volume de produção para 3,72 milhões, com alguma perda de qualidade, principalmente na região Sudoeste do estado. O consumo está estimado em 2,6 milhões de toneladas, restando cerca de 1 milhão de toneladas em disponibilidade para o fornecimento a outras localidades.

Com a produção nacional reduzida para 5.903,9 mil toneladas, a necessidade de importações deverá elevar-se para 6,65 milhões de toneladas, inicialmente prevista em 5,5 milhões de toneladas, o que evidencia acréscimo de 20%, devido à perda de quantidade e qualidade da produção tritícola na Região Sul.

A estimativa de exportação também foi reavaliada e elevada de 600 mil, para 800 mil toneladas, favorecida pela demanda na Ásia por trigo de qualidade inferior e alimentação animal.

A estimativa de moagem industrial foi mantida em 11,8 milhões de toneladas, ou seja, 5,3% acima da moagem de 2013. Dessa forma, o consumo mensal de trigo em grão no país, medido pelo processamento industrial, é de 983 mil toneladas/mês.

Neste cenário, o estoque de passagem poderá ser inferior, passando de 724,9 mil, para 478 mil toneladas, equivalendo à cerca de 50% do volume requerido para um mês de consumo industrial, ora avaliado em 983 mil toneladas. Portanto, a demanda nacional por trigo em grão deverá ser de 12,2 milhões de toneladas, ou seja, 5,87% maior que em 2013.

Estima-se que o plantio da safra de 2015 manterá a área de cultivo do ano de 2014, podendo ser até maior devido ao menor interesse pelo plantio do milho de inverno no Paraná. No Rio Grande do Sul o interesse pelo plantio deve se manter, em função da tecnologia e dos novos cultivares lançados no mercado gaúcho, em uso pelos produtores locais. Nessa situação o panorama é de preços enfraquecidos e de safra cheia para 2015.

Finalmente, as condições de seca, ou veranicos mais prolongados entre os meses de abril e julho (plantio no Sul), poderiam trazer redução na produção 2015/16 e, ainda, dependendo do mercado internacional, provocar pressão de alta nos preços, já no fim de 2015. Mesmo assim, em avaliação preliminar, não se espera preços elevados para o ano de 2015.

Tabela 39 – Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil – Período: agosto-julho

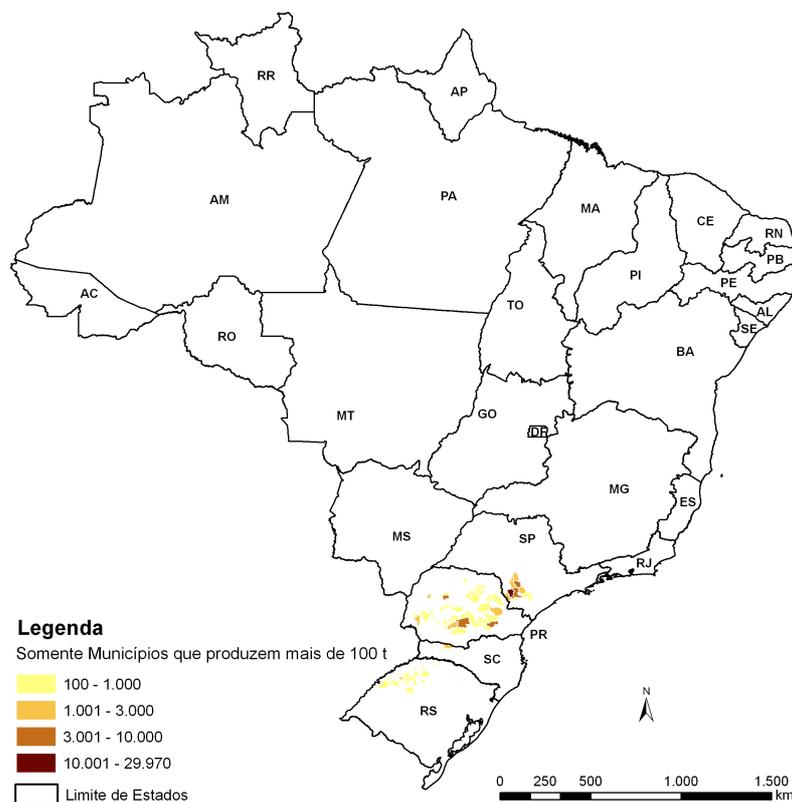
SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 AGO)	PRODUÇÃO	IMPOR- TAÇÃO GRÃOS	SUPRI- MENTO	EXPOR- TAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUL)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2010	2.870,5	5.881,6	5.771,9	14.524,0	2.515,9	9.920,0	322,0	10.242,0	1.766,1
2011	1.766,1	5.788,6	6.011,8	13.566,5	1.901,0	10.120,0	324,9	10.444,9	1.220,6
2012	1.220,6	4.379,5	7.010,2	12.610,3	1.683,8	10.300,0	284,3	10.584,3	342,2
2013	342,2	5.527,9	6.642,3	12.512,4	47,4	11.200,0	331,4	11.531,4	933,6
2014 (1)	933,6	5.903,9	6.650,0	13.487,5	800,0	11.800,0	409,5	12.209,5	478,0

Fonte: Conab, MDIC, Abtrigo
(1) Estimativa

10/02/2015

10.2.6. Triticale

Figura 48 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP	C							P	P			C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SC	C	C							P	P		
RS	C	C						P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	20,0	20,0	-	2.760	2.400	(13,0)	55,2	48,0	(13,0)
SP	20,0	20,0	-	2.762	2.400	(13,1)	55,2	48,0	(13,0)
SUL	22,8	19,1	(16,2)	2.175	2.503	15,1	49,6	47,8	(3,6)
PR	16,9	12,8	(24,3)	2.200	2.713	23,3	37,2	34,7	(6,7)
SC	0,7	0,6	(14,3)	2.710	2.600	(4,1)	1,9	1,6	(15,8)
RS	5,2	5,7	10,2	2.015	2.015	-	10,5	11,5	9,5
CENTRO-SUL	42,8	39,1	(8,6)	2.449	2.450	-	104,8	95,8	(8,6)
BRASIL	42,8	39,1	(8,6)	2.449	2.450	-	104,8	95,8	(8,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

11. Balanço de oferta e demanda

Tabela 41 – Tabela do balanço de oferta e demanda de algodão, arroz, feijão, milho, complexo soja e trigo

Em 1.000 toneladas								
PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
ALGODÃO EM PLUMA	2009/10	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	850,0	748,6	472,0
	2014/15	472,0	1.542,9	18,0	2.032,9	850,0	700,0	482,9
ARROZ EM CASCA	2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	1.000,0	14.203,7	12.000,0	1.200,0	1.003,7
	2014/15	1.003,7	12.140,2	950,0	14.093,9	12.000,0	1.250,0	843,9
FEIJÃO	2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,8	150,4	3.733,4	3.350,0	64,8	318,6
	2014/15	318,6	3.322,9	135,9	3.777,4	3.350,0	63,8	363,6
MILHO	2009/10	7.112,8	56.018,1	391,9	63.522,8	46.967,6	10.966,1	5.589,1
	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	48.485,5	9.311,9	5.963,0
	2011/12	5.963,0	72.979,5	774,0	79.716,5	51.888,6	22.313,7	5.514,2
	2012/13	5.514,2	81.505,7	911,4	87.931,3	53.498,3	26.174,1	8.258,9
	2013/14	8.258,9	80.052,0	800,0	89.110,9	53.905,6	20.913,8	14.291,5
	2014/15	14.291,5	78.397,3	500,0	93.188,8	55.000,0	20.500,0	17.688,8
SOJA EM GRÃOS	2009/10	674,4	68.688,2	117,8	69.480,4	37.800,0	29.073,2	2.607,2
	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.524,0	42.791,9	910,3
	2013/14	910,3	86.120,8	630,0	87.661,1	39.935,8	45.691,0	2.034,3
	2014/15	2.034,3	94.577,2	250,0	96.861,5	44.200,0	47.790,0	4.871,5
FARELO DE SOJA	2009/10	1.903,2	26.719,0	39,5	28.661,7	12.944,0	13.668,6	2.049,1
	2010/11	2.049,1	29.298,5	24,8	31.372,4	13.758,0	14.355,0	3.259,4
	2011/12	3.259,4	26.026,0	5,0	29.290,4	14.051,0	14.289,0	950,4
	2012/13	950,4	27.258,0	3,9	28.212,3	14.000,0	13.333,5	878,8
	2013/14	878,8	28.336,0	1,0	29.215,8	14.500,0	13.716,0	999,8
	2014/15	999,8	31.570,0	1,0	32.570,8	14.800,0	14.800,0	2.970,8
ÓLEO DE SOJA	2009/10	302,2	6.766,5	16,2	7.084,9	4.980,0	1.563,8	541,1
	2010/11	541,1	7.419,8	0,1	7.961,0	5.528,0	1.741,0	692,0
	2011/12	692,0	6.591,0	1,0	7.284,0	5.328,0	1.757,1	198,9
	2012/13	198,9	6.903,0	5,0	7.106,9	5.500,0	1.362,5	244,4
	2013/14	244,4	7.176,0	0,1	7.420,5	5.500,0	1.289,0	631,5
	2014/15	631,5	7.995,0	1,0	8.627,5	6.500,0	1.350,0	777,5
TRIGO	2009	2.706,7	5.026,2	5.922,2	13.655,1	9.614,2	1.170,4	2.870,5
	2010	2.870,5	5.881,6	5.771,9	14.524,0	10.242,0	2.515,9	1.766,1
	2011	1.766,1	5.788,6	6.011,8	13.566,5	10.444,9	1.901,0	1.220,6
	2012	1.220,6	4.379,5	7.010,2	12.610,3	10.584,3	1.683,8	342,2
	2013	342,2	5.527,9	6.642,3	12.512,4	11.531,4	47,4	933,6
	2014	933,6	5.903,9	6.650,0	13.487,5	12.209,5	800,0	478,0

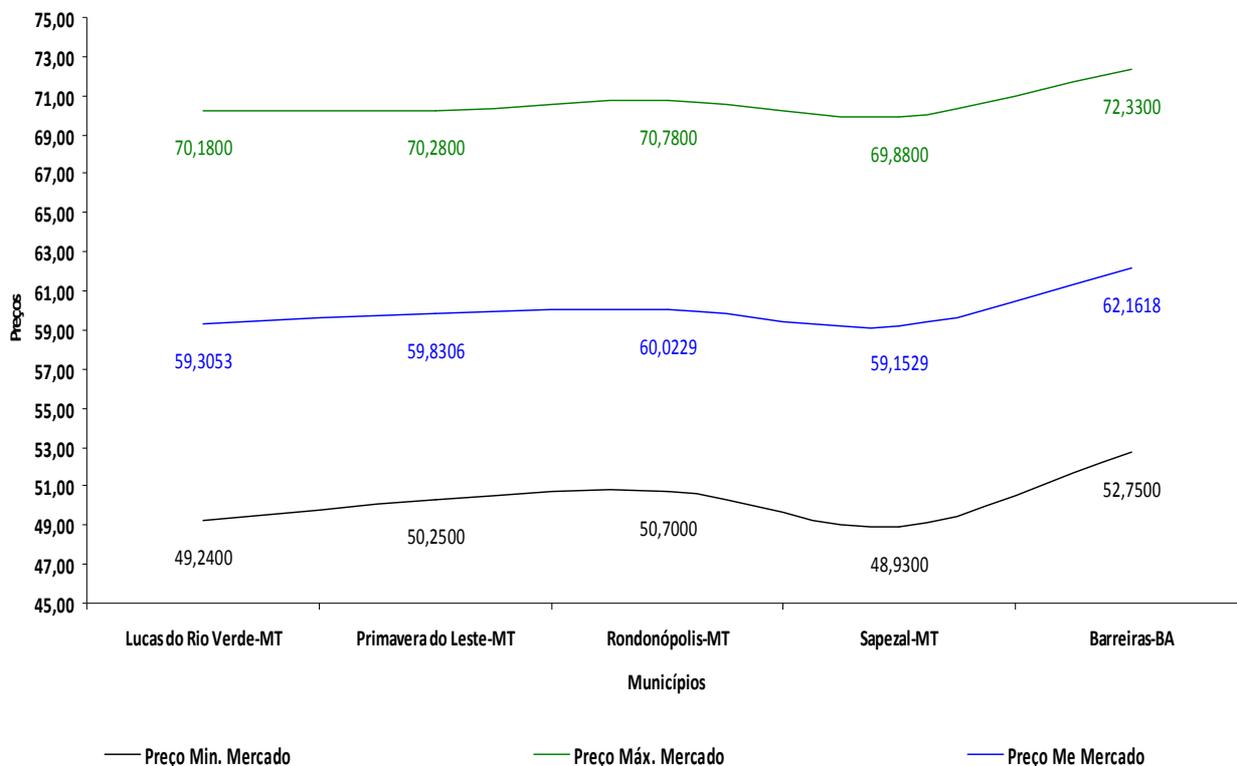
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.

Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho

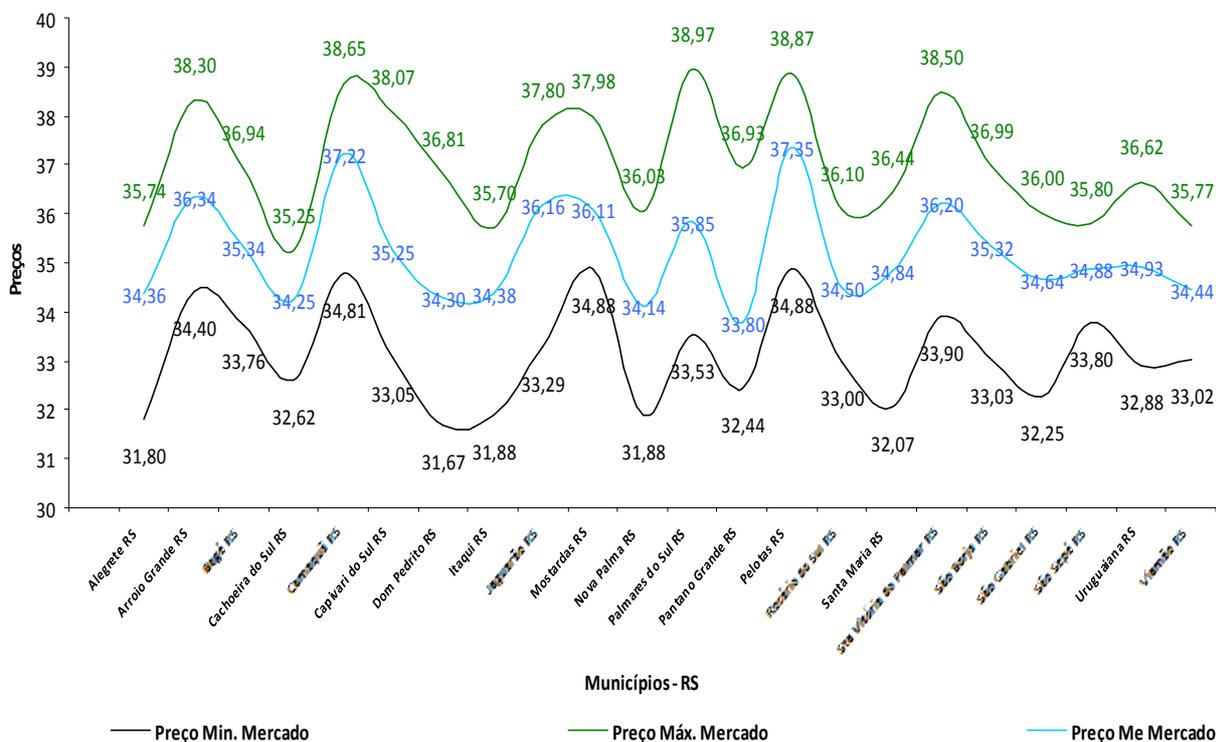
12. Anexos

Gráfico 57 – Preço máximo, mínimo e médio por município de algodão em pluma (15 Kg) – Mato Grosso e Bahia – Período: jan/2014 a jan/2015



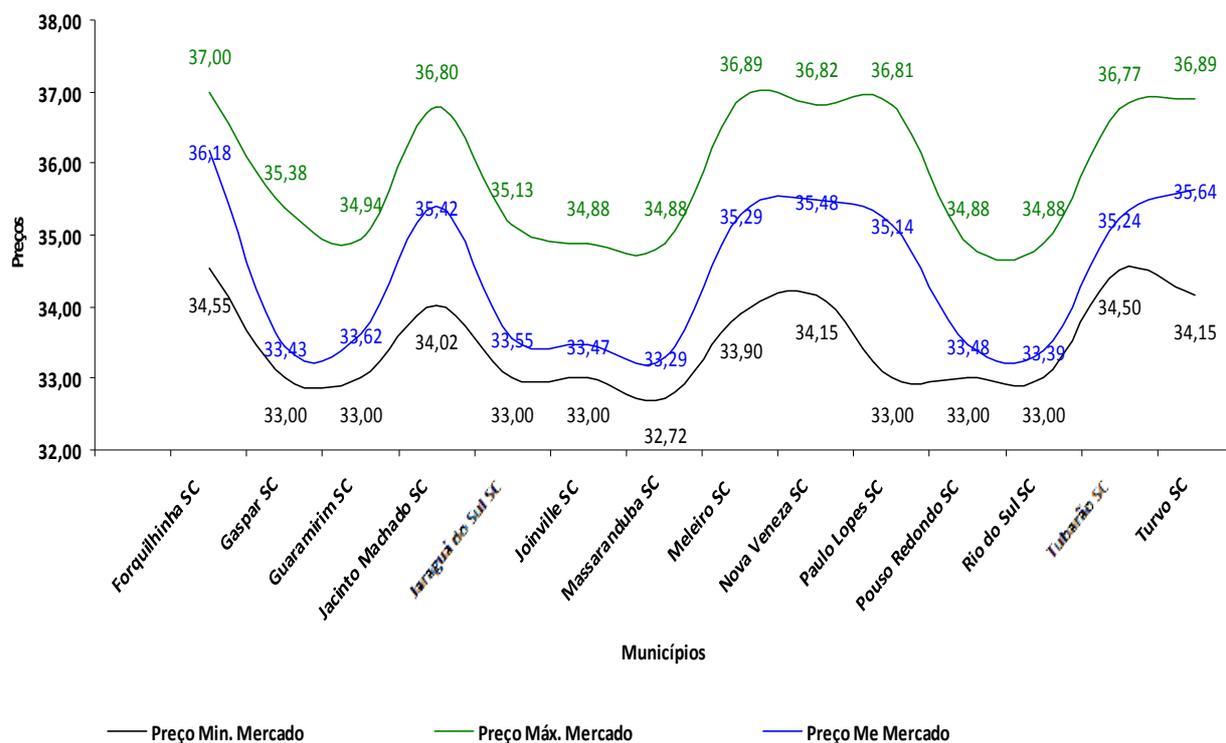
Fonte: Conab.

Gráfico 58 – Preço máximo, mínimo e médio por município de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: jan/2014 a jan/2015



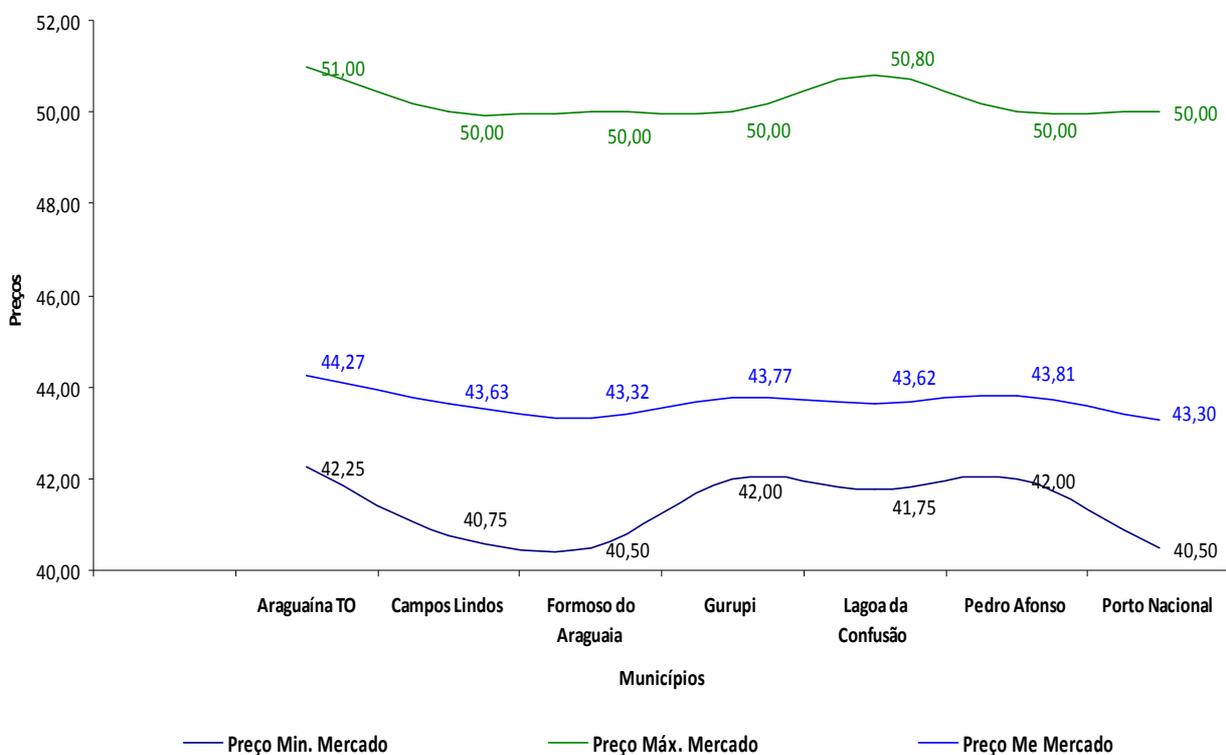
Fonte: Conab.

Gráfico 59 - Preço máximo, mínimo e médio por município de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Santa Catarina – Período: jan/2014 a jan/2015



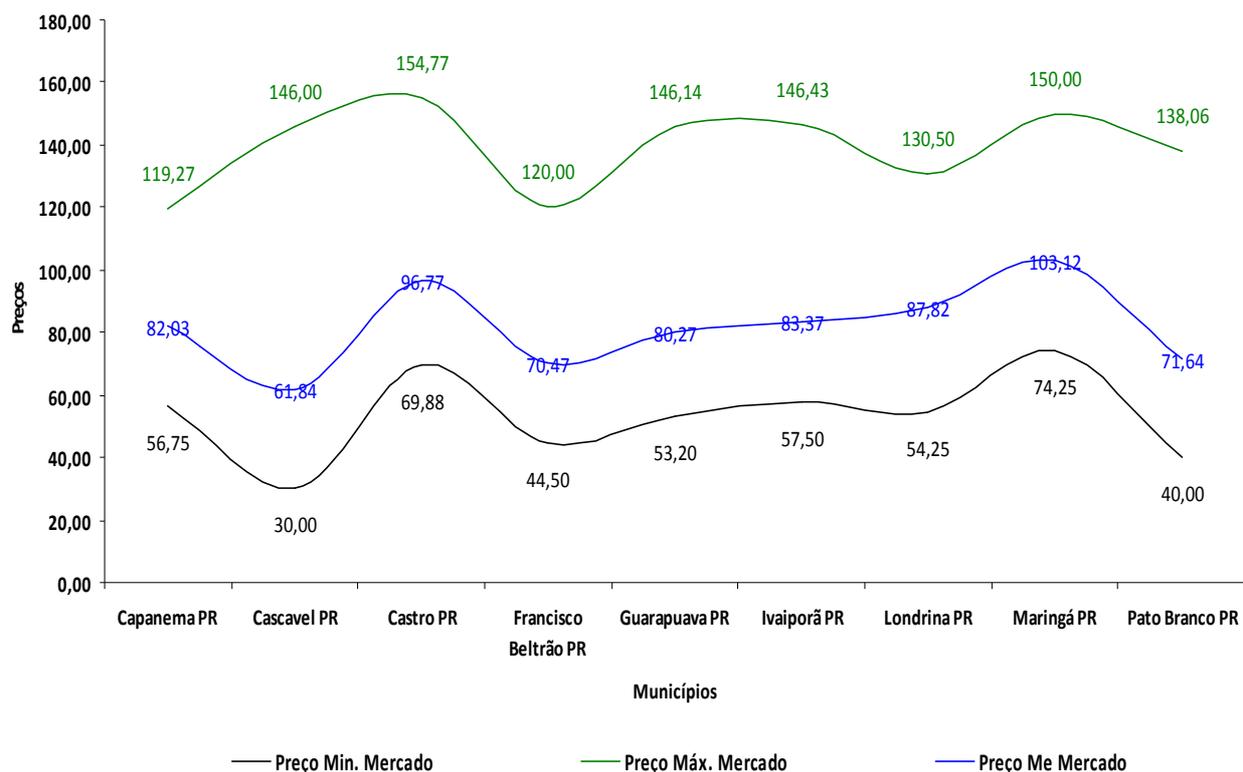
Fonte: Conab.

Gráfico 60 - Preço máximo, mínimo e médio por município de arroz longo fino em casca Tipo 1 (60 kg) – Tocantins – Período: jan/2014 a jan/2015



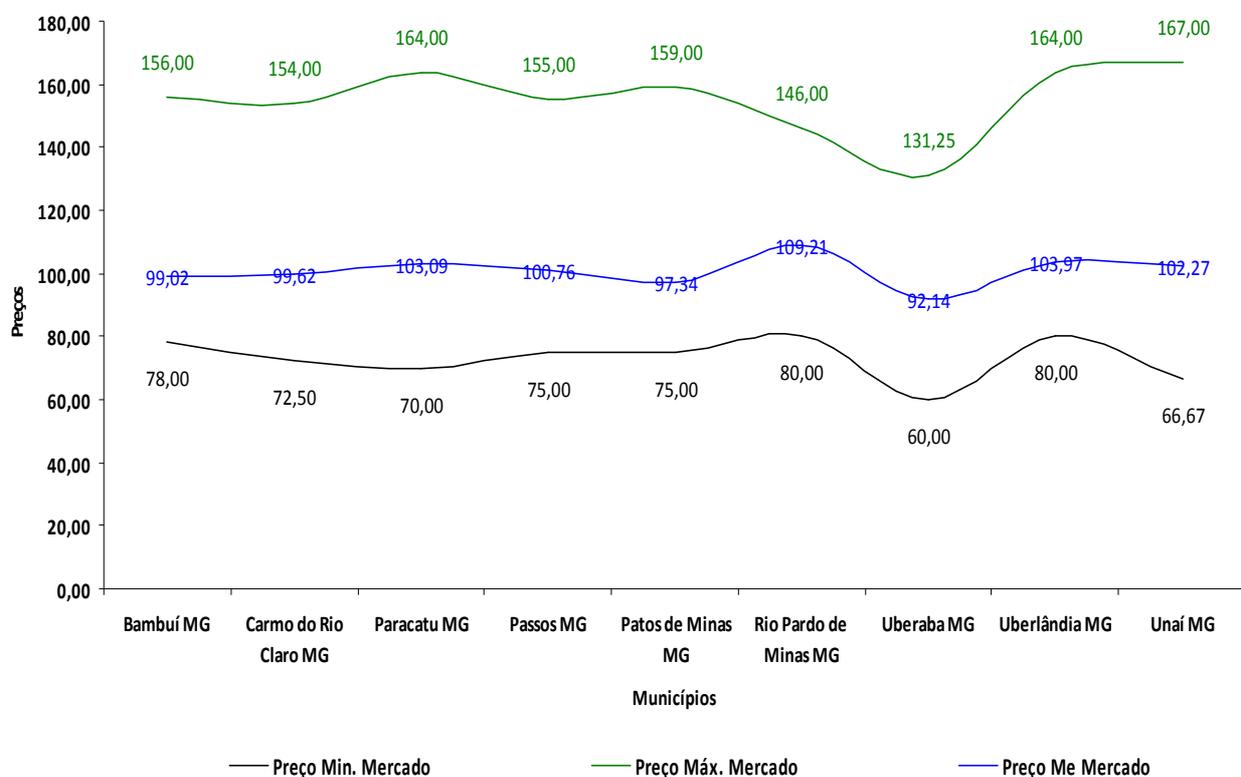
Fonte: Conab.

Gráfico 61 – Preço máximo, mínimo e médio por município de feijão cores (60 Kg) – Paraná – Período: jan/2014 a jan/2015



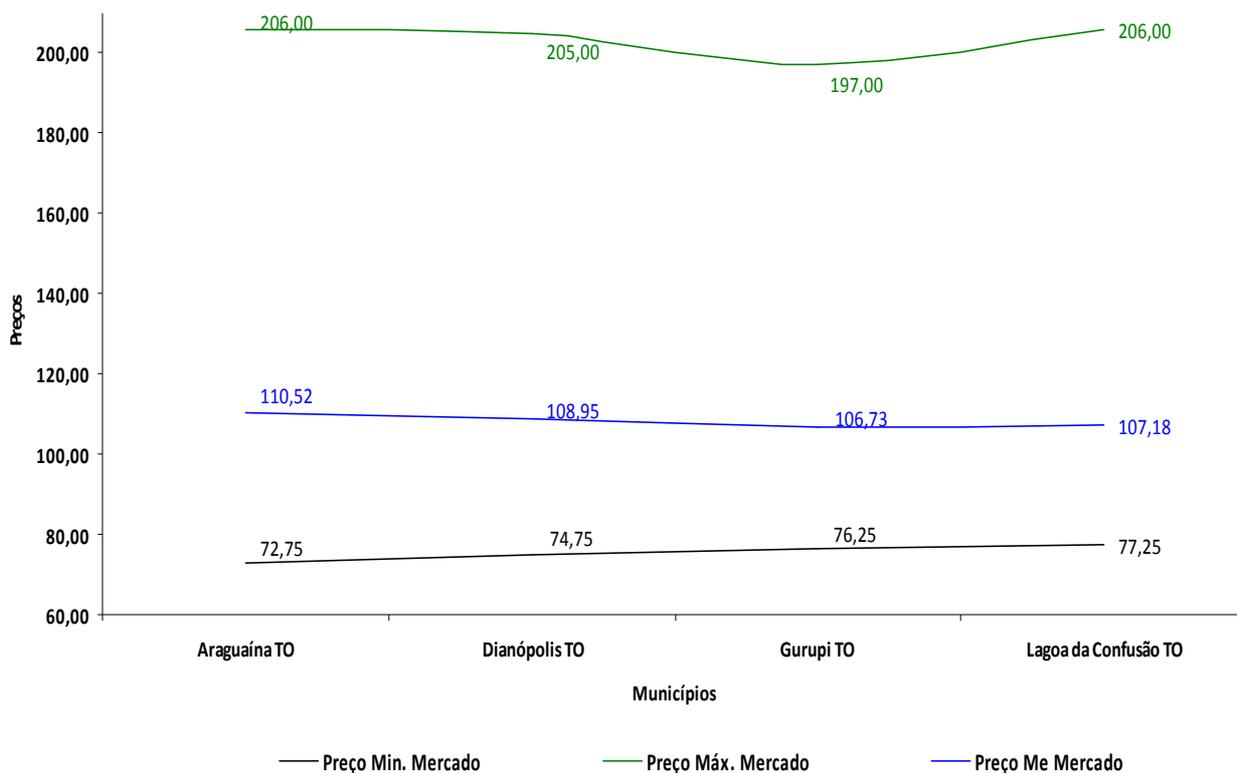
Fonte: Conab.

Gráfico 62 – Preço máximo, mínimo e médio por município de feijão cores (60 Kg) – Minas Gerais – Período: jan/2014 a jan/2015



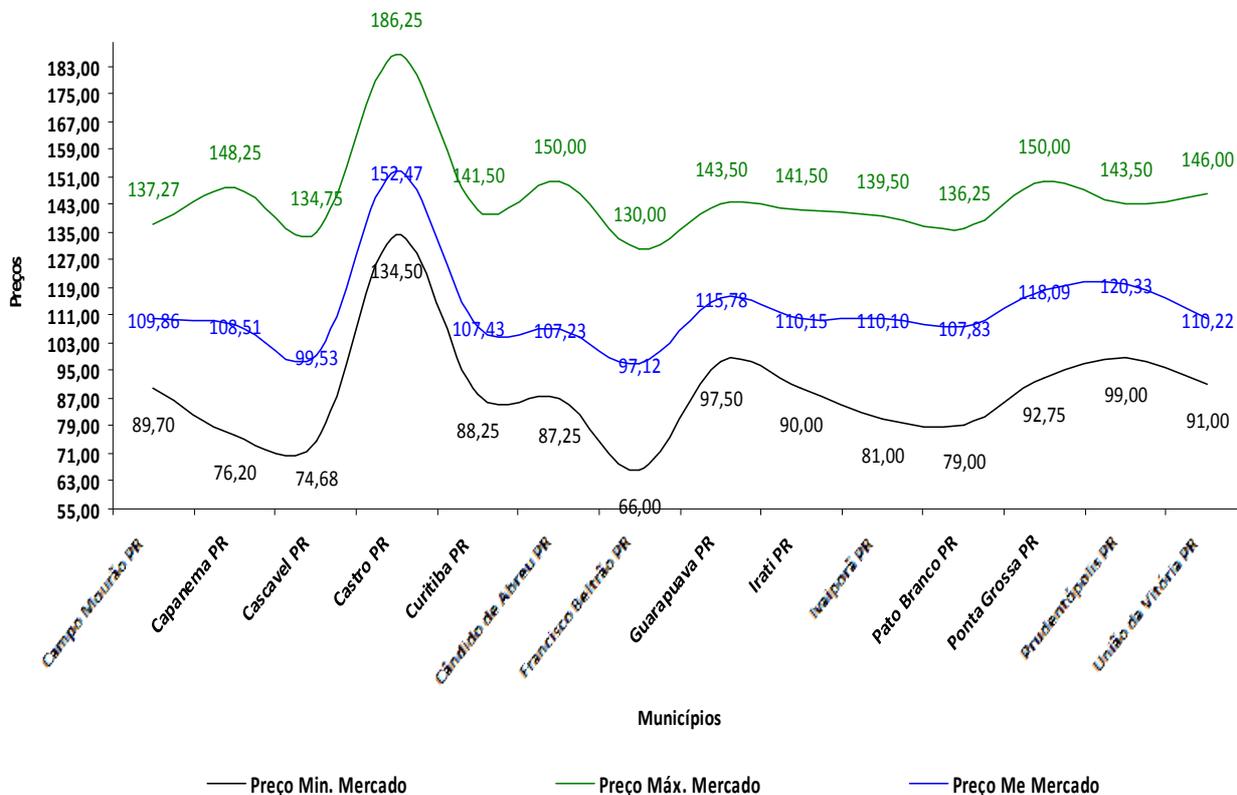
Fonte: Conab.

Gráfico 63 – Preço máximo, mínimo e médio por município de feijão cores (60 Kg) – Tocantins – Período: jan/2014 a jan/2015



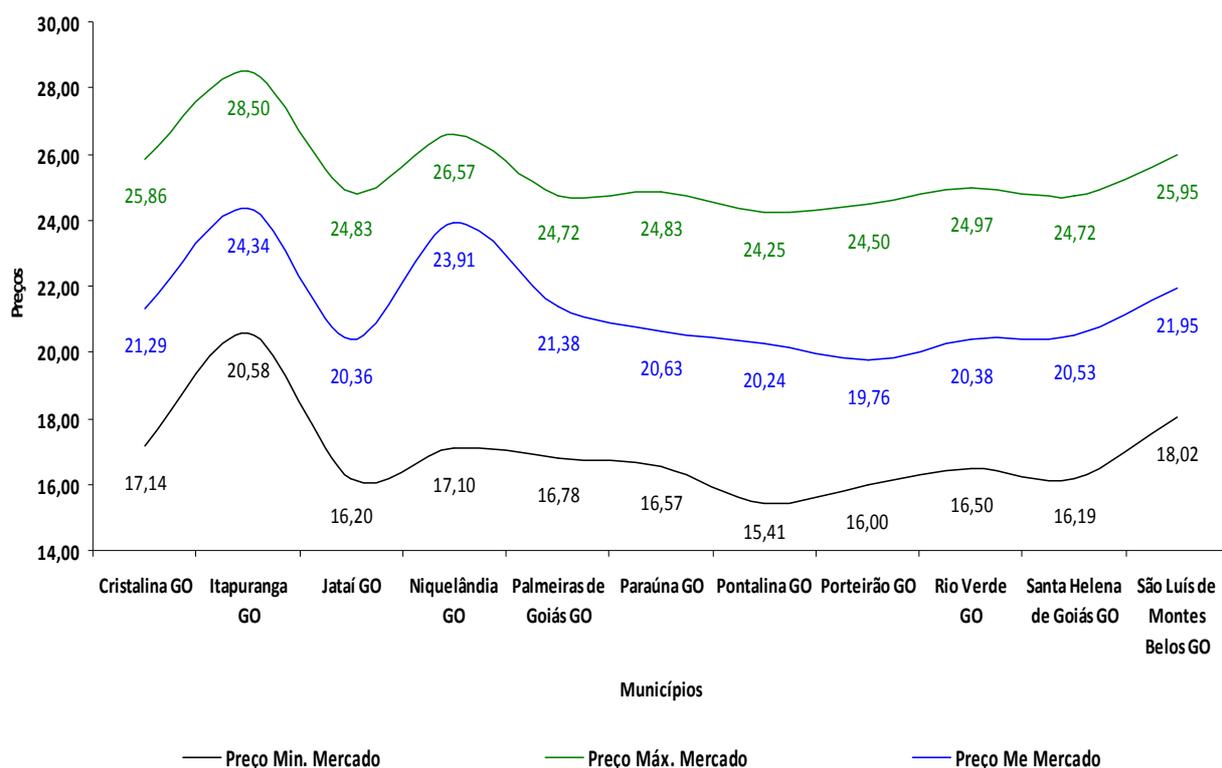
Fonte: Conab.

Gráfico 64 – Preço máximo, mínimo e médio por município de feijão preto (60 Kg) – Paraná – Período: jan/2014 a jan/2015



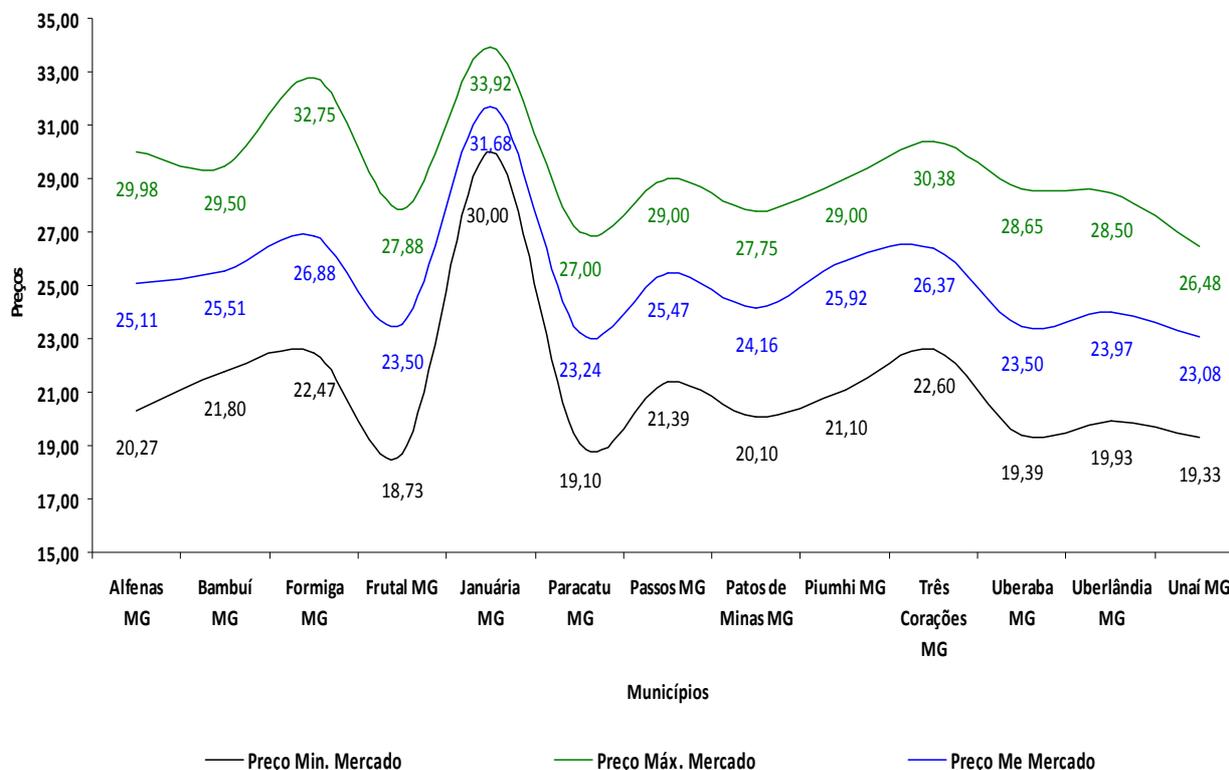
Fonte: Conab.

Gráfico 65 – Preço máximo, mínimo e médio por município de milho (60 Kg) – Goiás – Período: jan/2014 a jan/2015



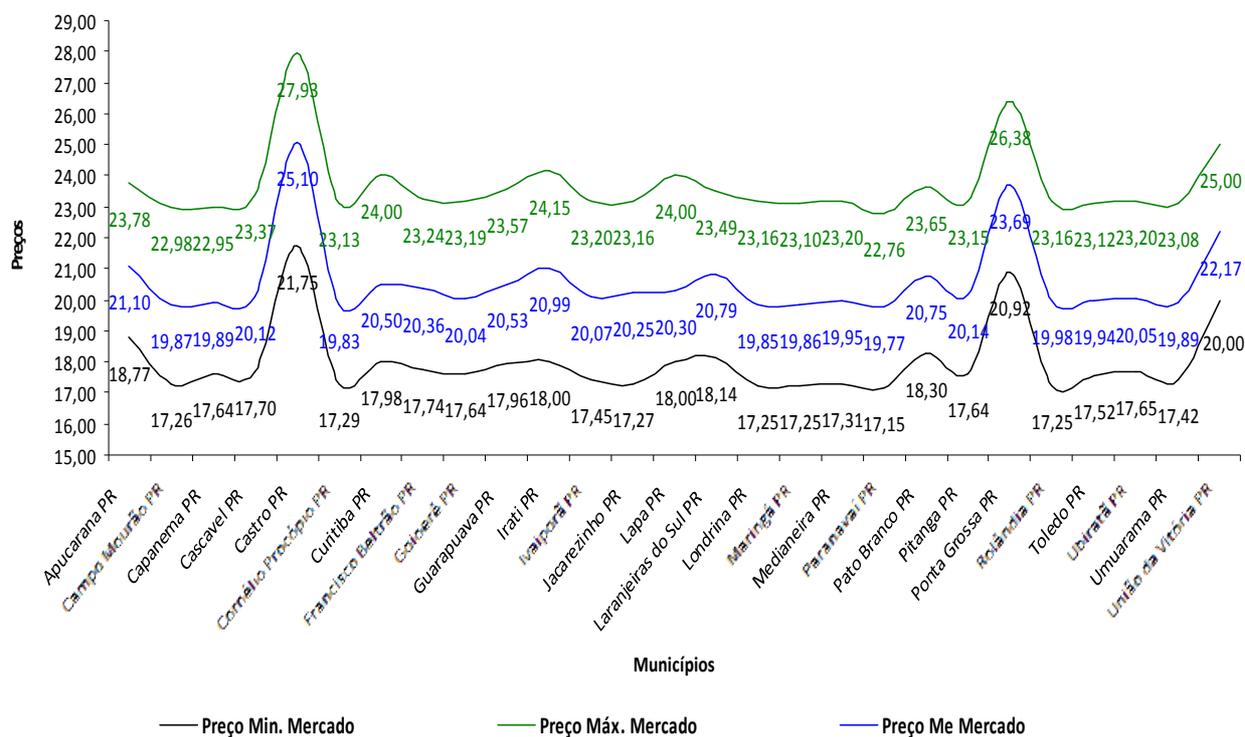
Fonte: Conab.

Gráfico 66 – Preço máximo, mínimo e médio por município de milho (60 Kg) – Minas Gerais – Período: jan/2014 a jan/2015



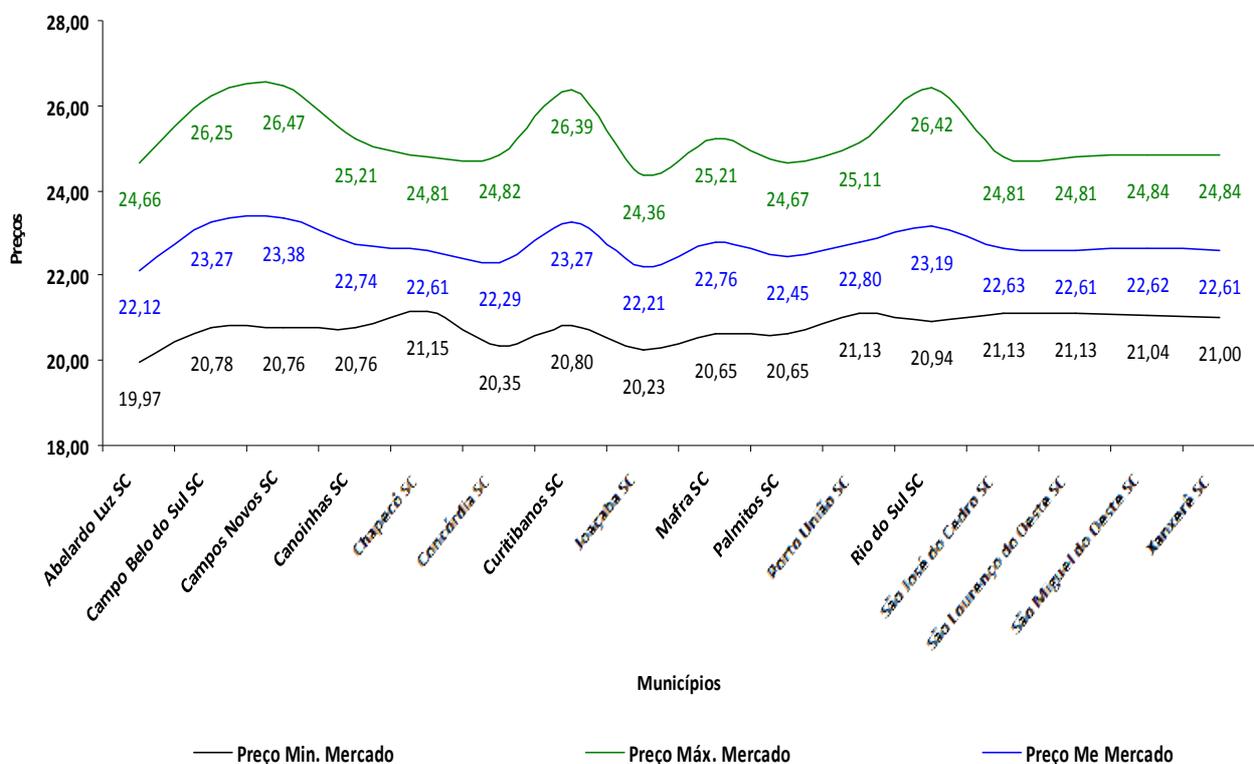
Fonte: Conab.

Gráfico 67 – Preço máximo, mínimo e médio por município de milho (60 Kg) – Paraná – Período: jan/2014 a jan/2015



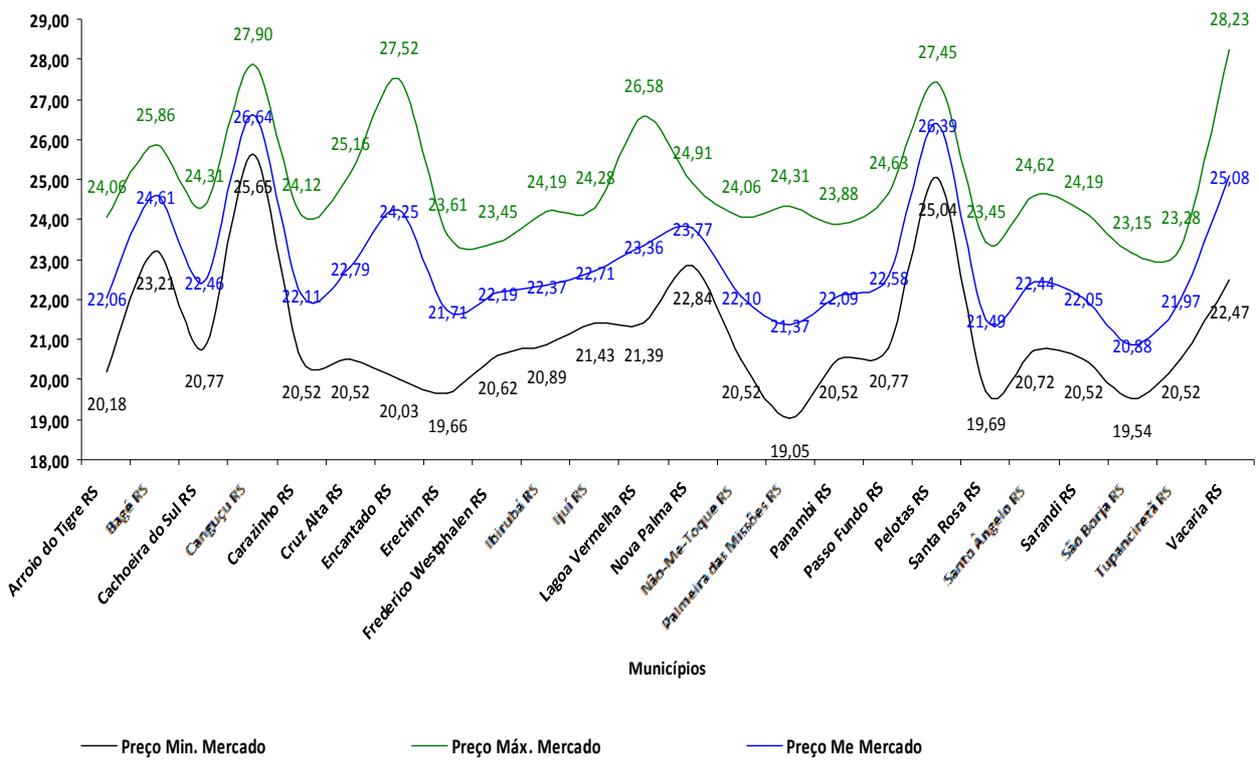
Fonte: Conab.

Gráfico 68 – Preço máximo, mínimo e médio por município de milho (60 Kg) – Santa Catarina – Período: jan/2014 a jan/2015



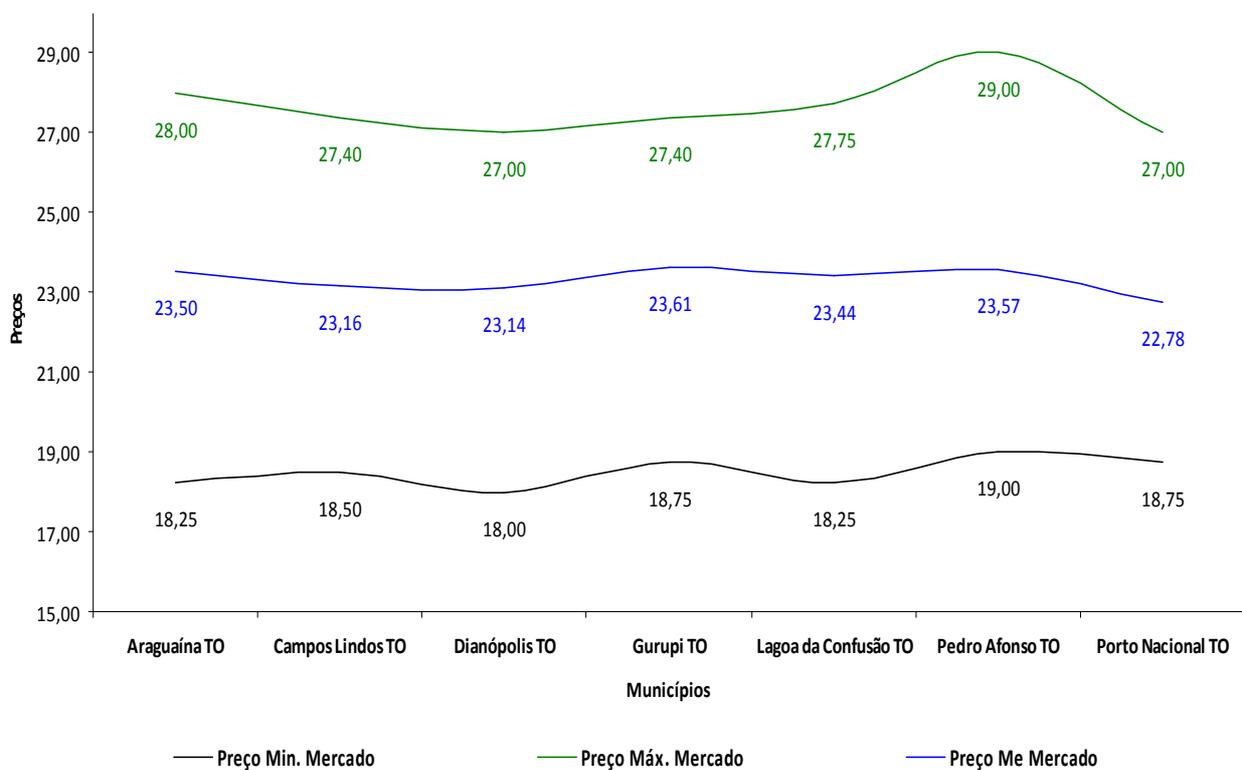
Fonte: Conab.

Gráfico 69 – Preço máximo, mínimo e médio por município de milho (60 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: jan/2014 a jan/2015



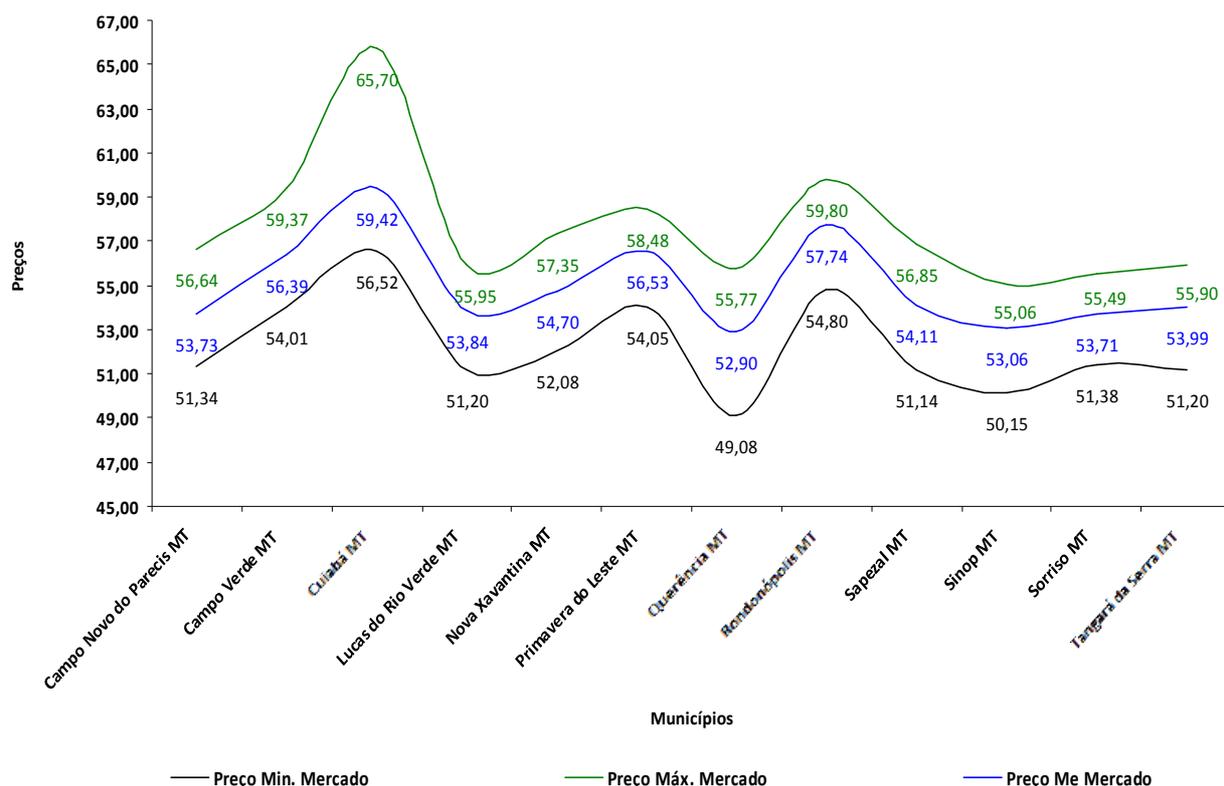
Fonte: Conab.

Gráfico 70 – Preço máximo, mínimo e médio por município de milho (60 Kg) – Tocantins – Período: jan/2014 a jan/2015



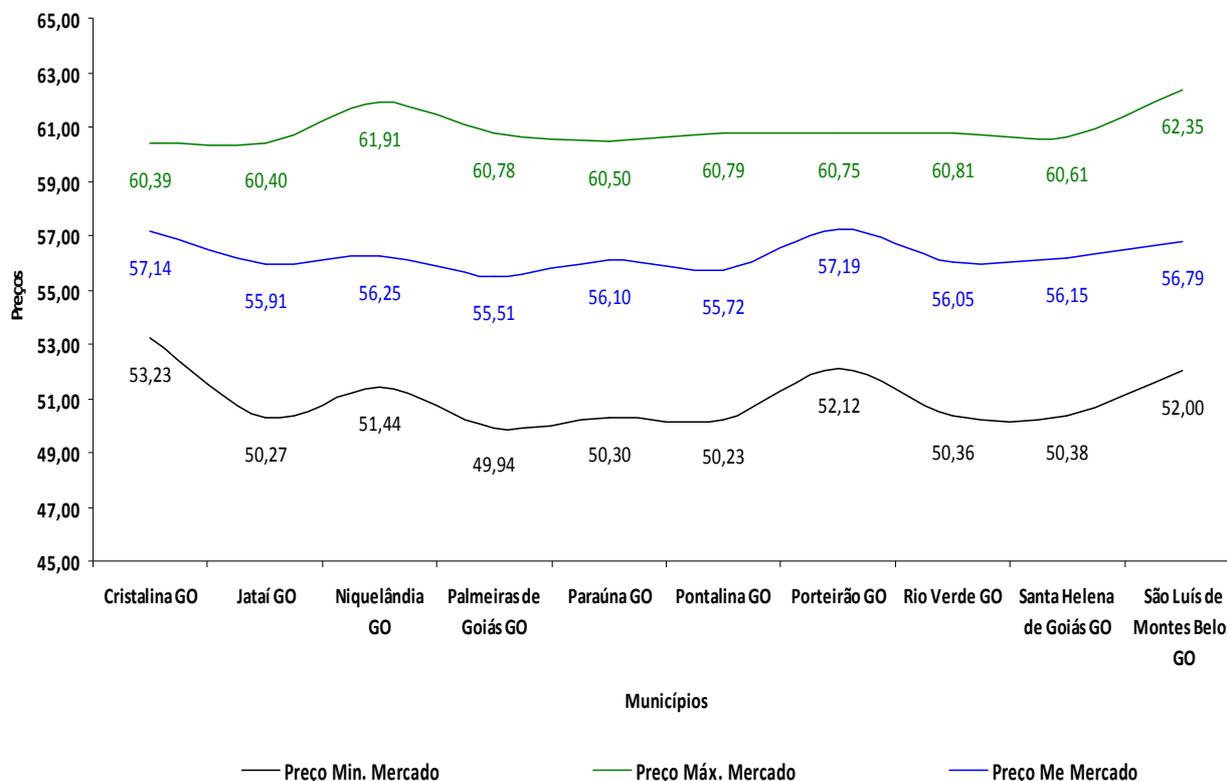
Fonte: Conab.

Gráfico 71 – Preço máximo, mínimo e médio por município de soja (60 Kg) – Mato Grosso – Período: jan/2014 a jan/2015



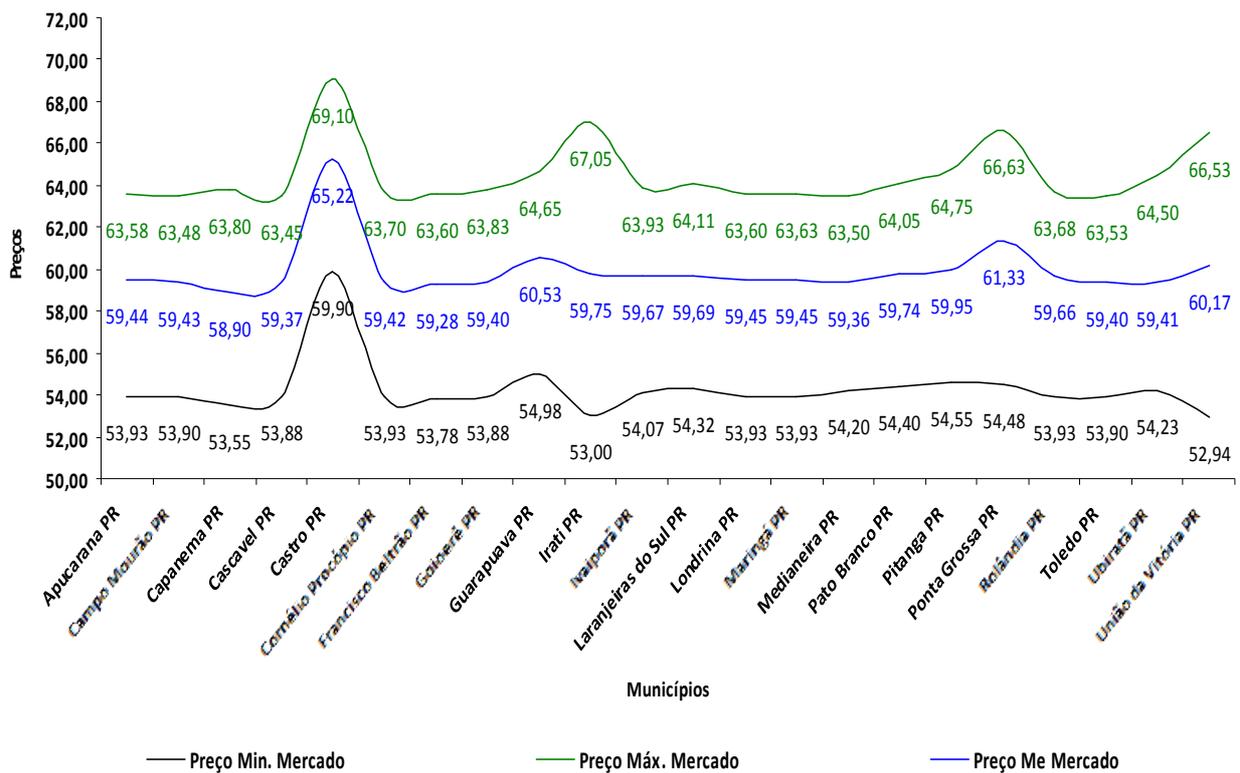
Fonte: Conab.

Gráfico 72 – Preço máximo, mínimo e médio por município de soja (60 Kg) – Goiás – Período: jan/2014 a jan/2015



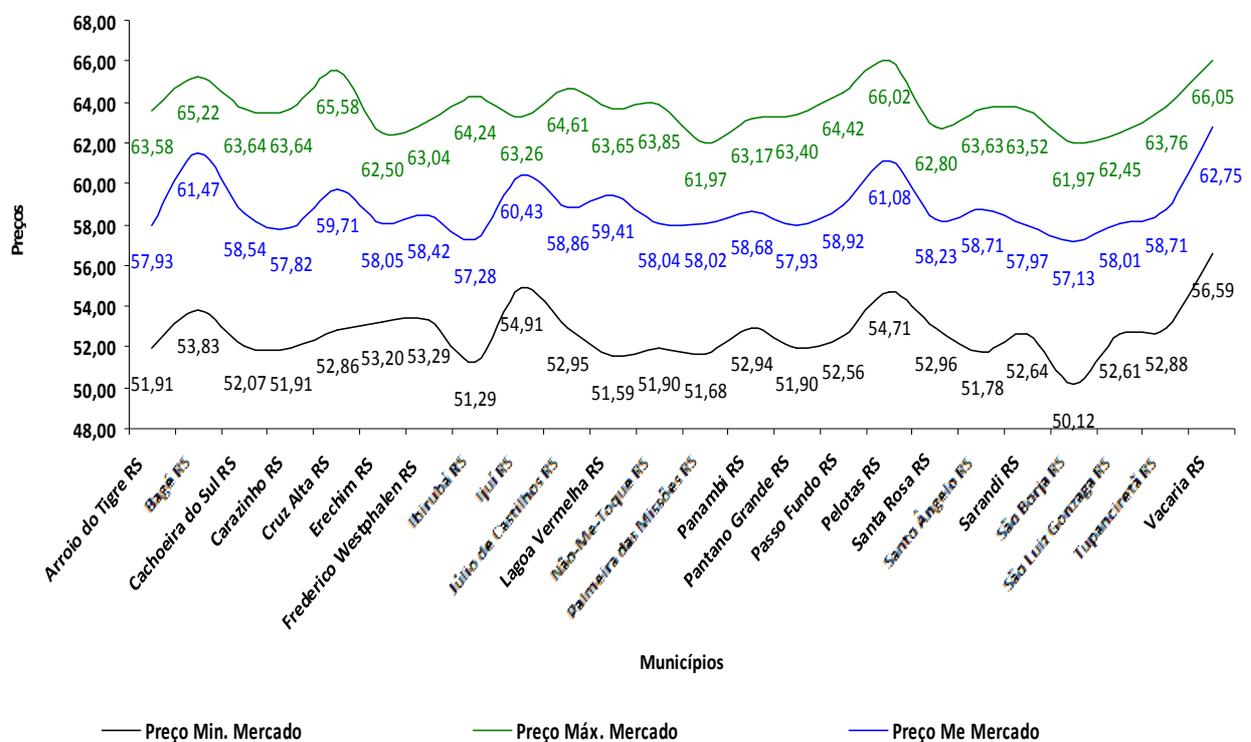
Fonte: Conab.

Gráfico 73 – Preço máximo, mínimo e médio por município de soja (60 Kg) – Paraná – Período: jan/2014 a jan/2015



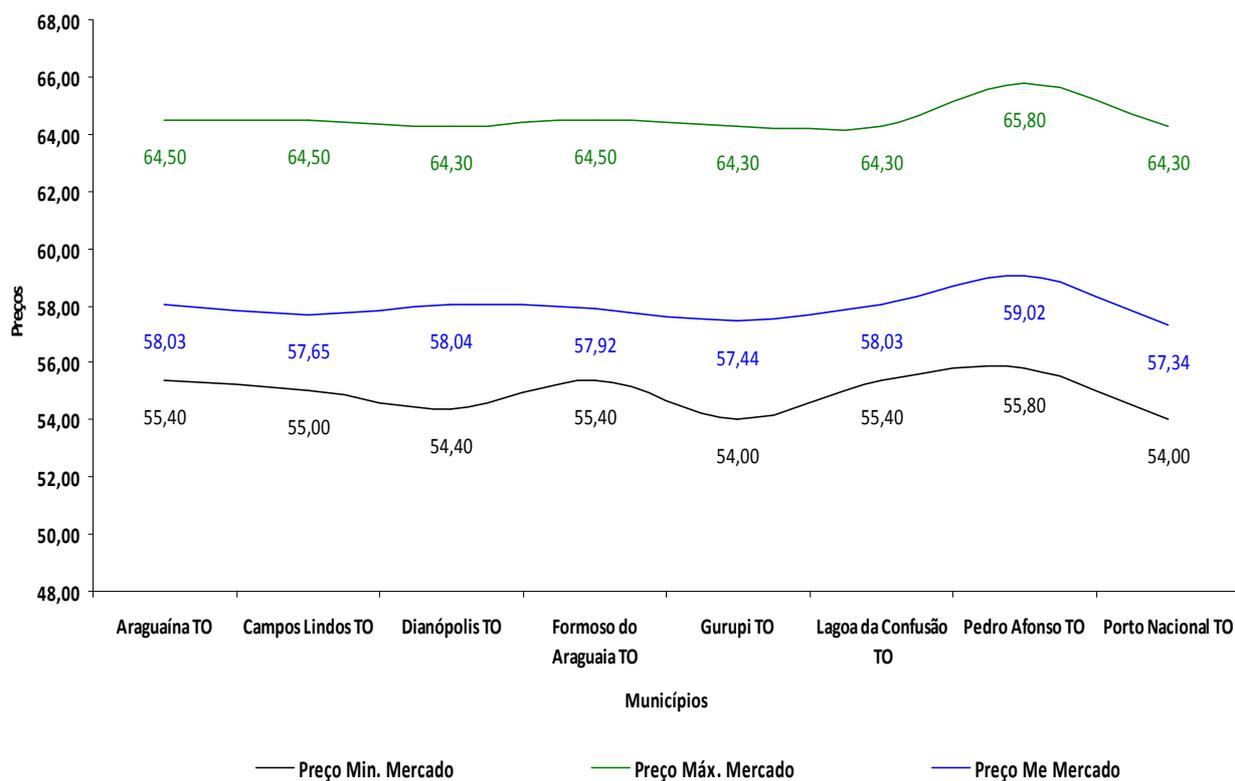
Fonte: Conab.

Gráfico 74 – Preço máximo, mínimo e médio por município de soja (60 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: jan/2014 a jan/2015



Fonte: Conab.

Gráfico 75 – Preço máximo, mínimo e médio por município de soja (60 Kg) – Tocantins – Período: jan/2014 a jan/2015



Fonte: Conab.

SUREG AC

Filomeno Gomes de Freitas
Travessa do Icó, 180
Estação Experimental
69.901-180, Rio Branco (AC)
Fone: (68) 3227-7959
ac.sureg@conab.gov.br

SUREG AL

Elizeu José Rego
Rua Senador Mendonça, 148
Edifício Walmap, 8º e 9º andar
57.020-030, Maceió (AL)
Fone: (82) 3358-6145
al.sureg@conab.gov.br

SUREG AM

Antônio Batista da Silva
Avenida Ministro Mário Andreazza, 2196
Distrito Industrial
69.075-830, Manaus (AM)
Fone: (92) 3182-2404
am.sureg@conab.gov.br

SUREG AP

Asdrúbal Silva de Oliveira
Avenida Hamilton Silva, 1500
Bairro Central
68.900-068, Macapá (AP)
Fone: (96) 3222-5975/ 8118-6003
ap.sureg@conab.gov.br

SUREG BA

Bruno Miguel Rodrigues Guimarães
Avenida Antônio Carlos Magalhães, 3840
4º andar Bl. A – Ed. Capemi Bairro Pituba
41.821-900, Salvador (BA)
Fone: (71) 3417-8630
ba.sureg@conab.gov.br

SUREG CE

Anastácio Jorge Rocha Fontelles
Rua Antônio Pompeu, 555
Bairro José Bonifácio
60.040-001, Fortaleza (CE)
Fone: (85) 3252-1722
ce.sureg@conab.gov.br

SUREG DF

Sebastião Pereira Gomes
Setor Indústria e Abastecimento Sul
Trecho 5, Lotes 300/400
71.205-050, Brasília (DF)
Fone: (61) 3363-2502
df.sureg@conab.gov.br

SUREG ES

Bricio Alves Santos Júnior
Avenida Princesa Isabel, 629, sala 702
Ed. Vitória Center, Centro
29.010-904, Vitória (ES)
Fone: (27) 3041-4005
es.sureg@conab.gov.br

SUREG GO

Eurípedes Malaquias de Souza
Avenida Meia Ponte, 2748
Setor Santa Genoveva
74.670-400, Goiânia (GO)
Fone: (62) 3269-7400
go.sureg@conab.gov.br

SUREG MA

Margareth de Cassia Oliveira Aquino
Rua das Sabias, 4, Quadra 5
Lote 4 e 5. Bairro Jardim Renascença
65.071-750, São Luiz (MA)
Fone: (98) 2109-1301
ma.sureg@conab.gov.br

SUREG MS

Antônio Benedito Dota
Avenida Mato Grosso, 1022
Centro
79.002-232, Campo Grande (MS)
Fone: (67) 3383-4566
ms.sureg@conab.gov.br

SUREG MT

Petrônio de Aquino Sobrinho
Rua Padre Jerônimo Botelho, 510
Edifício Everest, Bairro Dom Aquino
78015-240, Cuiabá (MT)
Fone: (65) 3616-3803
mt.sureg@conab.gov.br

SUREG MG

Osvaldo Teixeira de Souza Filho
Rua Prof. Antônio Aleixo, 756
Bairro de Lourdes
30.180-150, Belo Horizonte (MG)
Fone: (31) 3290-2800
mg.sureg@conab.gov.br

SUREG PA

Moacir da Cruz Rocha
Rua Joaquim Nabuco, 23
Bairro Nazaré
66.055-300, Belém (PA)
Fone: (91) 3224-2374
pa.sureg@conab.gov.br

SUREG PB

Gustavo Guimarães Lima
Rua Coronel Estevão D'Ávila Lins, s/n
Bairro Cruz das Armas
58.085-010, João Pessoa (PB)
Fone: (83) 3242-5864
pb.sureg@conab.gov.br

SUREG PE

Roberto Pereira Lins
Estrada do Barbalho, 960
Bairro Iputinga
50.690-000, Recife (PE)
Fone: (81) 3271-4291
pe.sureg@conab.gov.br

SUREG PI

Manuel Araújo da Rocha
Rua Honório de Paiva, 475
Sul – Piçarra
64.017-112, Teresina (PI)
Fone: (86) 3194-5400
pi.sureg@conab.gov.br

SUREG PR

Erlí de Pádua Ribeiro
Rua Mauá, 1.116
Bairro Alto da Glória
80.030-200, Curitiba (PR)
Fone: (41) 3313-3209
pr.sureg@conab.gov.br

SUREG RJ

Ludmila Brandão
Rua da Alfândega, nº 91
11º, 12º e 14º andares
20.010-001, Rio de Janeiro (RJ)
Fone: (21) 2509-7416
rj.sureg@conab.gov.br

SUREG RN

João Maria Lúcio da Silva
Avenida Jerônimo Câmara, 1814
Bairro Lagoa Nova
59.060-300, Natal (RN)
Fone: (84) 4006-7619
rn.sureg@conab.gov.br

SUREG RO

Everaldo da Silva Santos
Avenida Farquar, 3305
Bairro Pedrinhas
78.904-660, Porto Velho (RO)
Fone: (69) 3216-8420
ro.sureg@conab.gov.br

SUREG RR

Maria Darcy de Almeida
Av. Venezuela nº 1.120 – Portão A
Anexo I, II e IV – Bairro Mecejana
69.309-690, Boa Vista (RR)
Fone: (95) 3224-7599
rr.sureg@conab.gov.br

SUREG RS

Glauto Lisboa Melo Junior
Rua Quintino Bocaiúva, 57
Bairro Floresta
90.440-051, Porto Alegre (RS)
Fone: (51) 3326-6400
rs.sureg@conab.gov.br

SUREG SC

Sione Lauro de Souza
Rua Francisco Pedro Machado, s/n
Bairro Barreiros
88.117-402, São José (SC)
Fone: (48) 3381-7270
sc.sureg@conab.gov.br

SUREG SE

Emanuel Carneiro de Lima e Silva
Avenida Dr Carlos Rodrigues Cruz, s/n.
Centro Adm. Augusto Franco
49.180-180, Aracaju (SE)
Fone: (79) 3209-1523
se.sureg@conab.gov.br

SUREG SP

Alfredo Luiz Brienza Coli
Alameda Campinas, 433, Térreo, 2º, 3º,
4º e 5º andar, Bairro Jardim Paulista
01.404-901, São Paulo (SP)
Fone: (11) 3264-4800
sp.sureg@conab.gov.br

SUREG TO

Jalbas Aires Manduca
601 Sul – Avenida Teotônio Segurado
Conjunto 01, Lote 02, Plano Diretor Sul
77.016-330, Palmas (TO)
Fone: (63) 3218-7401
to.sureg@conab.gov.br

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277/6264/6230

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

